MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS

SÃO PAULO • 6 A 20 DE JULHO DE 2022

ANA CAMILA ESTEVES (Org.)

SESC SÃO PAULO



04 O alcance do olhar
Danilo Santos de Miranda

05 Apresentação
Ana Camila Esteves e Beatriz Leal Riesco

11 Especial Jean-Marie Teno

12 **Jean-Marie Teno: liberdade e experimentação do documentário africano**
Beatriz Leal Riesco

19 Cineastas Convidadas

20 **Aïssa Maïga**
Caminhar sobre a Água (2021)

22 **Ema Edosio**
Otiti (2022)

24 **Maïmouna Jallow**
Contos da Cidade Acidental (2021)

26 **Jenna Bass e Babalwa Baartman**
Boa Senhora (2021)

29 LONGAS

Ficha Técnica dos Longas-Metragens

43 —— DOCUMENTÁRIOS

44 **Sobre injustiça social e marginalização: novíssimos documentários africanos no Brasil**
Alexie Tcheuyap

53 **Ficha Técnica dos Documentários**

Clássicos dos Cinemas Africanos

63 **Câmera da África (1983)**
Férid Boughedir

64 **Mandabi - A Ordem de Pagamento (1968)**
Ousmane Sembène

65 **Samba Traoré (1992)**
Idrissa Ouédraogo

66 —— CURTAS

67 **Texto das Curadoras**
Kariny Martins e Bea Gerolin

68 **Ficha Técnica da Sessão I:** Fragmentos da história: singularidades e conjunções

74 **Ficha Técnica da Sessão II:** Fragmentos do porvir: aqui nos encontramos

80 **Texto dos Curadores**
Geração 80

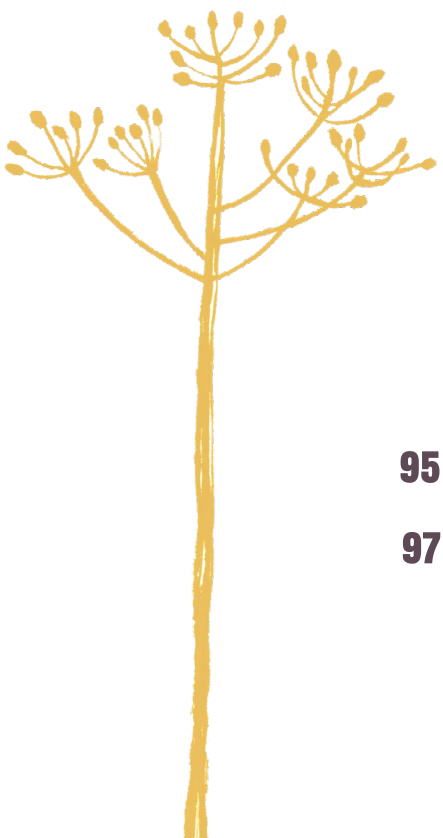
81 **Ficha Técnica da Sessão** Cinema Contemporâneo de Angola

91 **Ficha Técnica dos Curtas** Acervo Cinemateca Francesa

95 —— Atividades Paralelas

97 —— Convidados

Ficha Técnica



O ALCANCE DO OLHAR

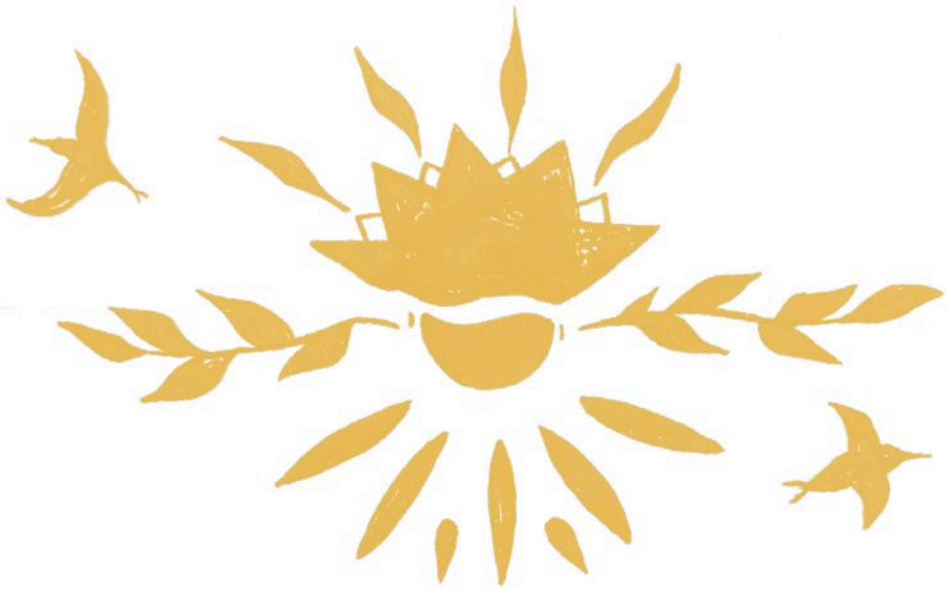
Ao longo de sua história, a linguagem do cinema foi se caracterizando pelos diferentes modos de concepção e fruição, particulares aos contextos nos quais é desenvolvida. Ainda assim, certas convenções culturais podem oferecer barreiras para o trânsito de determinadas produções e, por consequência, das experiências decorrentes.

Mesmo entrecortado por obstáculos, o tempo presente conta com uma abundância de manifestações cinematográficas oriundas de distintas geografias e culturas. Ao considerar que são frutos de realidades variadas, contribuir com a circulação dessa pluralidade é meio para encurtar distâncias simbólicas e, sobretudo, fomentar ambientes onde diferenças raciais, étnicas ou idiomáticas não sejam objetos de estranhamento, mas estimulem vínculos e afetos.

Ao levar aos públicos ficções e documentários produzidos nos últimos cinco anos no continente africano e diáspora, além de ações formativas, a Mostra de Cinemas Africanos amplia o entendimento de que o cinema é uma janela que dá para diversas paisagens, sons e temporalidades. Com uma programação presencial e online, a Mostra apresenta, entre 06 e 13 de julho de 2022, um panorama prolífico de um conjunto de artistas que sublinham a força dessa linguagem em aproximar mundos.

Jogar luz sobre esse caleidoscópio de expressões é fundamental na difusão de subjetividades e visões exercidas em cenários que parecem estar afastados de nós. A ação do Sesc propõe amplificar as perspectivas em direção à riqueza dessas produções simbólicas, próprias de uma sociedade na qual existências são vividas sob o signo da descoberta, do interesse e do respeito.

Danilo Santos de Miranda • Diretor do Sesc São Paulo



APRESENTAÇÃO

Por Ana Camila Esteves e Beatriz Leal Riesco

Através de projetos individuais ou coletivos, graças a colaborações e coproduções, a colheita anual de filmes da África e da diáspora amplia o imaginário de públicos internacionais sedentos de novas referências e cujo contato com os emigrantes africanos é revertido em maior sensibilidade e curiosidade pelas suas criações. A produção cinematográfica africana tem experimentado um aumento exponencial na variedade de temas, estilos e narrativas, respondendo ao desejo de se contar e se representar de uma nova geração de cineastas que oferecem novas histórias para públicos nacionais e internacionais, que hoje consomem imagens em telefones celulares, computadores e todos os tipos de telas.

Os cinemas africanos (com peculiaridades nacionais muito notáveis) fazem parte e se beneficiam do movimento planetário de indivíduos, grupos e instituições exigindo maior presença e reconhecimento de artistas negros e africanos, da dança e da música à literatura, passando pela fotografia e pelas artes plásticas. Nessa mesma tendência, vimos nos últimos anos a chegada de mulheres e homens africanos e afrodescendentes a postos de gestão e direção de instituições artísticas de renome, com um efeito direto na visibilidade e no reconhecimento de obras, autores e tradições artísticas desconhecidas até então. Em museus, cinematecas, centros de arte e universidades, retrospectivas de pioneiros se sucedem como nunca antes, e obras e artistas esquecidos são recuperados no caminho de uma paridade ainda distante.

Nas plataformas online, assistimos a um maior acesso às produções africanas,

sujeitas a estatísticas de visualização e algoritmos que marcam projeções de futuras aquisições e a criação de conteúdos originais. Nesse tumultuado e emocionante momento de transformação e recepção ascendente das produções africanas, situa-se a Mostra de Cinemas Africanos em sua missão de trazer ao Brasil os mais relevantes filmes contemporâneos da África e da diáspora, acompanhados de convidados e atividades paralelas que enriquecem a experiência do público nas telas dos cinemas e nas suas casas.

Passados os anos mais complexos da pandemia da Covid-19, quando fomos obrigadas a migrar para o formato online, a Mostra de Cinemas Africanos volta às salas de cinema em grande estilo para celebrar o maior festival de cinema africano do Brasil, com uma programação que amplia seu alcance geográfico a partir de nossa sede em São Paulo para contemplar também Curitiba, ocupando novos espaços e reunindo convidados internacionais. Graças ao apoio de nossos companheiros de viagem: Sesc São Paulo, Institut Français e Embaixada da França no Brasil, Goethe-Institut e Cartografia Filmes, a edição de 2022 da Mostra apresenta em São Paulo e Curitiba, de 06 a 20 de julho, cerca de 50 títulos de 20 países, além de atividades paralelas (debates, *masterclasses* e painéis). A programação ainda conta com quatro sessões de curtas-metragens online disponíveis para todo o país pelo Sesc Digital.

Com menor presença na direção nas primeiras décadas de existência das cinematografias africanas, as mulheres africanas e afrodescendentes de hoje seguem de perto seus pares masculinos em número, qualidade e originalidade das produções. Da Mostra, ecoamos essa realidade em títulos e convidados, em sua maioria mulheres, que nos acompanham para apresentar e debater seus filmes, oferecer *masterclasses* e promover encontros com o público brasileiro em prol de um diálogo sul-sul com desdobramentos futuros.

Os cinemas da África estendem suas redes para além do continente em nosso programa, com sua diáspora vibrante em filmes do Haiti, da França e da Bélgica. Cinematografias nacionais em expansão, como a marroquina, a sul-africana, a sudanesa e a argelina, são reconhecidas nesta edição. Em nosso compromisso de destacar vozes novas e desafiadoras, damos foco especial às obras de estreia de Aïssa Maïga, Gessica Généus, Karima Saïdi, Merième Addou e Maïmouna Jallow, que dividem o espaço das telas grandes com autores renomados, como Mahamat-Saleh Haroun, Alice Diop, Jenna Bass, Leyla Bouzid e o coletivo nigeriano Surreal16, com carreiras consolidadas. Reconhecemos sempre a importância dos pioneiros, e este ano projetamos dois títulos remasterizados, obras-primas da história do cinema africano: *Mandabi,* de Ousmane Sembène (1968), e *Câmera da África*, de Férid Boughedir (1983), além de recuperarmos o longa *Samba Traoré*, de Idrissa Ouédraogo (1992).

Dando uma presença central às mulheres e aos jovens africanos e diaspóricos, continuamos no nosso trabalho de apresentar ao público mais amplo possível filmes africanos e diaspóricos contemporâneos reconhecidos por público, crítica e festivais internacionais. Este ano, contamos com a presença de alguns dos seus protagonistas, todos eles artistas multitalentosos que navegam habilmente entre espaços, obras, gêneros e cinematografias.

A atriz, realizadora e ativista franco-senegalesa Aïssa Maïga, rosto e atriz de referência internacional, depois de uma longa carreira como atriz e ativista, vai para trás das câmeras nos apresentar seu longa de estreia *Caminhar sobre a Água*, um documentário de protagonistas femininas sobre os efeitos diretos das mudanças climáticas e da globalização em uma aldeia no Níger. De um país vizinho, a Nigéria, vem a jovem diretora Ema Edosio para estrear internacionalmente seu segundo longa-metragem, *Otiti*. Edosio leva a câmera novamente para dissecar a realidade contemporânea de Lagos através da história de uma jovem empresária lutando contra a sociedade, as imposições familiares e sua própria ambição.

Com uma produção experimental diversificada e rica

em número de obras apesar de sua juventude, Jenna Bass é um dos principais nomes do continente, com presença constante na última década por seu trabalho como corroteirista (*Rafiki*, Wanuri Kahiu, Quênia, 2018). Seu último longa, *Boa Senhora*, é um filme de terror psicológico que examina magistralmente os efeitos de classe e raça na África do Sul atual. Outra de nossas estreias, a história de amor e luta revolucionária ambientada no Zanzibar pré-colonial *Cabo de Guerra*, de Amil Shivji (Tanzânia, 2021), traz a assinatura de Bass no roteiro, desse que é mais um trabalho notável do diretor de *T-Junction* (2017).

A narradora, editora, dramaturga e diretora hispano-gambiana Maïmouna Jallow aproveitou as limitações e oportunidades da pandemia para transformar um projeto teatral em seu primeiro filme de ficção, *Contos da Cidade Acidental* (2021). Através de uma divertida sessão no Zoom para gestão da raiva entre vários moradores de Nairóbi, mostra um retrato multifacetado da capital queniana, uma megalópole que enfrenta os desafios de uma população crescente, da desigualdade econômica e da injustiça social.

Alice Diop, um novo talento do documentário francês de origem senegalesa, ganhou o prêmio Encontros no Festival de Berlim em 2021 com seu longa-metragem documentário *Nós*, que estreamos em São Paulo. O longa foca no deslocamento urbano em um trem que atravessa Paris de norte a sul para contar encontros casuais com uma faxineira, uma enfermeira, uma escritora e a própria diretora. Diop continua na linha de trabalhos anteriores (*La permanence,* 2016; *Pela Ternura,* 2016), onde leva os vizinhos do *banlieue* parisiense para mostrar situações de isolamento, encontros e saudades dos afetos de homens e mulheres migrantes no coração da Europa, tornando-se uma destacada analista da contemporaneidade urbana.

Mahamat-Saleh Haroun (Chade, 1961), um dos mais renomados realizadores africanos, reconhecido em Cannes e Veneza por obras fundamentais como *Um Homem que Grita* (2010), *Grigris* (2013) e *Uma Temporada na França* (2017), retorna às telas internacionais com *Lingui* (2021), onde volta a filmar em seu país uma história fictícia de bela cinematografia sobre o aborto, proibido no Chade, por meio de uma relação entre mãe e filha. *A Esposa do Coveiro* (Melhor Filme no FESPACO 2021 e estreado em Cannes), uma linda história de amor filmada inteiramente em Djibuti por um somali, o cineasta Khadar Ayderus Ahmed, também faz parte da nossa seleção e revela mais um talento jovem que flerta com o cinema de autor.

A haitiana Gessica Généus, após anos como atriz, dá o salto para a direção com o fabuloso *Freda* (2021), uma história de sobrevivência coletiva feminina em um bairro haitiano submetido à violência e à instabilidade. Apresentado e premiado em Cannes em 2021, o longa é um dos títulos favoritos do circuito internacional de festivais e chama atenção pela participação do Benin na produção. Outro título que retomamos na programação é *Juju Stories*, filme de abertura da nossa edição online de 2021. Realizado pela nova onda do coletivo de cinema nigeriano Surreal16 (Abba T. Makama; C.J. "Fiery" Obasi; Michael Omonua), o filme antológico em três partes narra histórias de juju enraizadas em lendas urbanas e no folclore nigeriano.

Assinadas por mulheres norte-africanas, três histórias íntimas com perspectiva de gênero chegam até nós: o documentário *Dentro da Casa* (2020), primeiro filme de Karima Saïdi (Marrocos), que confronta a história familiar de exílio na Bélgica através da memória de sua mãe nos últimos estágios do Alzheimer; o documentário observacional *Esposas em Suspenso* (2021), longa de estreia da também marroquina Merième Addou, onde a diretora acompanha três mulheres abandonadas por seus maridos (em árabe "Lmaalkat" – "suspensas") em suas lutas diárias de resistência; e, por fim, o segundo longa-metragem de ficção escrito e dirigido pela tunisina Leyla Bouzid (*Assim que Abro Meus Olhos*, 2015). Intitulado *Um Conto de Amor e Desejo* (2021) e com uma cinematografia à flor da pele por Sébastien Goepfert (o mesmo de *Você Morrerá aos 20,* 2019), esse relato intenso do despertar erótico e da tensão cultural-religiosa entre jovens árabes que vivem na França nos apresenta

performances inesquecíveis de seus protagonistas.

Depois de sucessos no mundo da música e de uma recente incursão no cinema, o congolês exilado na República Centro-Africana, Rafiki Fariala, estreia *Nós, Estudantes!* (2022), um documentário autobiográfico em que se filma com os colegas da Université de Bangui. Sincero, poético e com momentos de grande crueza, é um testemunho único sobre o futuro da juventude na República Centro-Africana contado pelos seus protagonistas.

Experimental e reflexivo, *Apenas um Movimento* (2021), do belga Vincent Meessen, é um exercício cinematográfico original que parte de *A Chinesa* (Jean-Luc Godard, 1967) para recolocar seus personagens 50 anos depois em Dakar. O ator principal é Omar Blondin Diop, o único estudante maoísta no filme original. Atualizando o enredo e com atores exclusivamente não profissionais, nos oferece uma nova versão que medita sobre as relações entre política, justiça e memória.

A seleção de filmes da nossa sede no Cinesesc se soma a outros espaços em São Paulo para aproximar o melhor dos cinemas africanos de públicos diversos. Em nossa sessão paralela, em parceria com a Cinémathèque Afrique do Institut Français, ocupamos as salas Lima Barreto e Roberto Santos, do Circuito Spcine, onde o público pode ver clássicos remasterizados e títulos atuais multipremiados: o primeiro filme da história submetido ao Oscar para o Sudão, *Você Morrerá aos 20*, de Amjad Abu Alala, uma história poética sobre atingir a maturidade e lutar pelo próprio destino, que se tornou em 2019 o título revelação do "novo cinema sudanês", junto com o documentário *Falando sobre Árvores* (2019), de Suhaib Gasmelbari, que também exibimos nesta programação. Estreado e premiado na Berlinale, o documentário reflete sobre a ditadura do país e seus efeitos perniciosos no cinema e no povo sudanês através de arquivos e da filmagem de um grupo de diretores aposentados que formam o Sudanese Film Group em sua tentativa frustrada de reabrir um cinema em Omdurmã.

Recuperamos mais uma jornada de iniciação juvenil, *Wallay*, de Berni Goldblat (Burkina Faso, 2017), filme premiado com o European Young Award pela primeira aparição diante da câmera do carismático Makan Nathan Diarra como Ady, um adolescente enviado por seu pai de um *banlieue* parisiense para Burkina Faso para aprender o valor do esforço, os laços familiares e se reconectar com suas raízes. Filme adorado pelo público, estamos felizes de voltar a exibi-lo em novos espaços, da mesma forma que trazemos de volta a comédia de Peter Sedufia, *Keteke* (2017), ambientada em Gana na década de 1980 e favorita do público internacional, completando os títulos de ficção que exibimos no Circuito Spcine.

A programação em parceria com o acervo da Cinémathèque Afrique tem alguns dos documentários contemporâneos mais ousados: exibimos o primeiro trabalho de Aïcha Macky, *Árvore sem Frutos* (2016), onde ela quebra tabus sobre o sofrimento e as ansiedades das mulheres nigerinas com base em sua própria experiência e na de sua mãe, e sua mais recente produção, *Zinder* (2021), onde um grupo de jovens tenta romper com a cultura de violência predominante em um bairro da cidade de Zinder. Da República Democrática do Congo (RDC) vem *Navegando até Kinshasa* (2020), assinado por um dos diretores de referência dos documentários africanos contemporâneos, o congolês Dieudo Hamadi. Em uma jornada épica pelo rio Congo até a capital, acompanhamos uma trupe cativante de sobreviventes da Guerra dos Seis Dias da RDC de 2000, empenhados em obter indenização do governo de Kinshasa pelas perdas sofridas durante o conflito. Da Argélia, país com uma produção crescente nos últimos anos, vem *Rua do Saara, 143* de Hassen Ferhani, que nos surpreendeu em 2019 com esse atípico *road movie* documental no coração do deserto argelino, onde Malika, uma senhora carismática, recebe caminhoneiros e viajantes com uma xícara de chá, algo para comer ou um cigarro em seu pequeno castelo.

Pela primeira vez em São Paulo, duas obras essenciais da história do cinema africano são

vistas em versão restaurada: *Mandabi*, de Ousmane Sembène, e *Câmera da África*, de Férid Boughedir. Primeiro filme em língua wolof de Sembène - "o pai do cinema africano"-, *Mandabi* é uma crítica ácida ao neocolonialismo, à corrupção, à religião e ao peso das relações interpessoais senegalesas tratadas à chave do humor. Estreado no Festival de Cinema de Veneza, ganhou o Prêmio Especial do Júri, inaugurando um palco profícuo para o diretor com filmes em língua wolof e temas históricos e contemporâneos senegaleses. O crítico e diretor tunisiano Férid Boughedir levou dez anos para fazer *Câmera da África*, um testemunho único dos primeiros anos do cinema de arte africano, do movimento pan-africanista e do desejo dos cineastas de documentar e contar suas próprias histórias africanas após a chegada da independência. Por fim, prestamos homenagem ao recém-falecido diretor burkinabé Idrissa Ouédraogo com a exibição de *Samba Traoré*, filme indicado ao Urso de Prata no 43º Festival de Cinema de Berlim. Esse *thriller* criminal rodado na cidade do pai do realizador foi um desafio narrativo para Ouédraogo e continua a ser uma ave rara do cinema africano nos anos 1990, quando o gênero criminal ainda era minoritário, mostrando aos jovens cineastas as possibilidades narrativas desse gênero na África.

Atividades paralelas e parcerias

Com a parceria da Embaixada da França no Brasil, do Goethe-Institut e da Cartografia Filmes, pudemos trazer realizadoras africanas para o festival. Tanto em São Paulo como em Curitiba, Aïssa Maïga, Ema Edosio, Jenna Bass, Babalwa Baartman e Maïmouna Jallow fazem parte de debates, painéis e mesas redondas para compartilhar experiências e visões sobre o futuro com o público brasileiro.

Outro convidado muito especial, o documentarista Jean-Marie Teno está presente na exibição de dois dos seus longas-metragens – *Afrique, je te plumerai* (1992) e *Le malentendu colonial* (2004) –, além de participar de uma conferência, na Universidade de São Paulo (USP), sobre a trajetória do cinema documentário na África. Tal evento, realizado em parceria com o Cinusp, conta com a presença de dois importantes pesquisadores do cinema africano: o camaronês Alexie Tcheuyap e o senegalês Sada Niang, ambos residentes no Canadá, onde são professores universitários.

São as alianças e colaborações que fazem a Mostra de Cinemas Africanos crescer muito em tão pouco tempo. Nesta edição, junta-se a nós a Spcine, cujas salas de cinema públicas recebem filmes da nossa programação, bem como o Cineclube Spcine, que leva títulos africanos para diversos espaços da periferia de São Paulo em parceria com grupos e lideranças locais.

Este ano, também contamos com a Cartografia Filmes, de Curitiba (PR), que realiza a Mostra na cidade e divide conosco toda a produção e a curadoria. Duas sessões de curtas-metragens são assinadas por Kariny Martins e Bea Gerolin, da Cartografia, e as ações na capital paranaense incluem workshops, debates, mesas e exibições de filmes para públicos específicos da capital, do interior e do litoral. A edição curitibana da Mostra de Cinemas Africanos conta com o incentivo do Ebanx através de projeto realizado com recursos do Programa de Apoio de Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Por fim, seguimos estreitando e fortalecendo laços com o continente africano, buscando trazer para o festival seus olhares e curadorias das mais diversas partes. Convidamos os nossos amigos da Geração 80, a mais notável produtora de audiovisual de Angola, para fazer uma curadoria do novíssimo cinema angolano, do qual fazem parte. O resultado é uma impressionante seleção de onze curtas-metragens produzidos nos dois últimos anos, em plena pandemia, reafirmando um cinema que existe e tem muita vontade de viver.

Entramos no nosso sexto ano de existência com muito ânimo para seguir crescendo e nos

estabelecendo como o grande polo de exibição e reflexão sobre os cinemas africanos no Brasil. Cada vez mais compreendemos a relevância deste espaço no país, a pertinência de colocar em perspectiva nossos olhares sobre o continente africano a partir do cinema e a importância de desconstruir narrativas estereotipadas. Os cinemas africanos continuam produzindo excelentes filmes a cada ano, selecionados nos mais diversos festivais do mundo e com novos talentos brotando dos países mais inesperados. Temos muito orgulho de sermos, muitas vezes, as primeiras a exibi-los aqui e mais ainda de, este ano, podermos trazer realizadoras que não só admiramos muito como vemos crescer a cada ano, acompanhando suas trajetórias e projetando seus filmes no Brasil. Aos que se juntam a nós nesta linda jornada, ainda há muito mais por vir!

SOBRE AS CURADORAS



ANA CAMILA ESTEVES

Jornalista, produtora cultural e pesquisadora. Mestre e doutora em cinema com foco nos cinemas africanos contemporâneos. É curadora colaboradora do Africa in Motion Film Festival (Escócia) desde 2019 e idealizadora e curadora da Mostra de Cinemas Africanos e do projeto de cineclube Cine África. Editora da Revista Crítica de Cinemas Africanos.

BEATRIZ LEAL RIESCO

Pesquisadora, professora, crítica e curadora especializada em arte e cinema contemporâneos africanos e da diáspora. Diretora de programação do AFRIKALDIA African Film Festival of the Basque Country (Espanha), foi programadora do New York African Film Festival e do Wallay! Barcelona African Film Festival. Curadora independente de filmotecas e museus de arte como o MUSAC (León), o MACBA e o CCBB (Barcelona). Idealizadora e curadora da Mostra de Cinemas Africanos.



ESPECIAL JEAN-MARIE TENO



SEÇÃO DEDICADA AO CINEASTA JEAN-MARIE TENO,
COM UM ARTIGO ESPECIAL SOBRE SEUS DOCUMENTÁRIOS
E A FICHA TÉCNICA DOS FILMES EXIBIDOS

Jean-Marie Teno:
liberdade e experimentação do documentário africano

Por Beatriz Leal Riesco

Publicado originalmente em *Cines Africanos: conversaciones, desafíos y críticas* (Fundación El Pájaro Azul, 2020).

Quatro décadas se passaram desde o dia em que Jean-Marie Teno (Camarões, 1954) decidiu filmar o curta *Shubbah*. Em 2022, sua filmografia é uma das mais extensas da África e seus esforços para estabelecer o documentário africano como o meio ideal de análise da realidade social, cultural, econômica e política do continente inspiraram as gerações mais jovens a se voltar e experimentar este formato.

Dois acontecimentos parecem ter sido determinantes na decisão de Jean-Marie de dedicar sua vida ao cinema: a descoberta do filme *Pousse-pousse* (Daniel Kamwa, 1975) e o encontro com Souleymane Cissé no Festival panafricain du cinéma et de la télévision de Ouagadougou (FESPACO) em 1983. Teno cresceu em um bairro popular interpretando filmes estrangeiros para seus amigos e contando histórias da tradição oral local. *Pousse-pousse* tornou-se uma revelação para o jovem de 20 e poucos anos e "a inspiração para me lançar no trabalho com imagens: era a primeira vez que eu via um filme que tratava de problemas sociais básicos usando humor e fantasia". A paixão pelo cinema o levou a estudar na França, onde se graduou em direção pela Université de Valenciennes (1981), e a trabalhar por 15 anos como editor do canal de televisão France 3.

Envolvido no mundo editorial parisiense, viajou ao FESPACO em 1983 para entrevistar os diretores presentes. No centro de um formigueiro de jornalistas, críticos, discípulos e seguidores, o "pai do cinema africano" – o senegalês Sèmbene Ousmane (Senegal 1923-2007) – recusou, na capital do Burkina Faso, a entrevista solicitada por um jovem e inexperiente Jean-Marie, um incidente que desencadeou o encontro com Souleymane Cissé (Mali, 1940) e que lhe deu coragem para contar suas próprias histórias na tela. O cineasta malinês, autor de alguns dos filmes mais famosos da história do cinema africano – *Den muso* (1975), *Finye* (1982) e o premiado em Cannes *Yeelen* (1987) –, esteve imerso com Teno numa estimulante conversa que girou em torno de *Baara* (1978) e dos problemas de difusão, produção e exibição para cineastas africanos. Ao final da conversa, perguntou ao jovem jornalista: "por que você não faz seus próprios filmes?". Cissé, protagonista na promoção de uma união pan-africana de realizadores, produtores e profissionais de cinema para a sustentabilidade do cinema do continente, pôde vislumbrar a energia e a inteligência, a crítica e o rigor dos comentários do seu interlocutor.

Durante anos, Jean-Marie ainda combinou o trabalho de crítica televisiva e cinematográfica para a Buana

Magazine (1985-1997) com a realização de seus próprios filmes, mas voltava repetidamente às palavras de Cissé para encontrar o impulso necessário que o tornou um dos narradores audiovisuais mais interessantes da África e do mundo. Desde o seu primeiro curta-metragem *Schubbah* (1983), ao qual se sucedeu *Hommage* (1985), que lhe traria reconhecimento da crítica internacional, Jean-Marie Teno tem realizado filmes a um ritmo implacável, estabelecendo-se como um dos mais prolíficos realizadores do o continente. Raro é o ano em que não atende à chamada dos festivais para nos apresentar a sua mais recente produção.

"Quando a situação é tão traumática, não consigo apenas entreter e me sentir satisfeito" (...) "Me divirto muito mais fazendo documentários do que filmes de ficção". Essas declarações nos colocam na pista de sua atitude provocadora, seu prazer na profissão de cinema e sua intenção educacional. Uma das máximas que incentiva seu trabalho é a busca por uma reação do público que o leve a enfrentar seus problemas e, eventualmente, tentar resolvê-los.

Apesar do sucesso de seu longa de ficção *Clando* (1996), Teno tem preferido focar em documentários. Analista experiente dos problemas que surgiram na era colonial, suas considerações não se esquivam de críticas à gestão errônea de líderes e súditos pós-coloniais, como pode ser visto de forma convincente em seu documentário *Chef!* (1999), um filme sobre o exercício do poder masculino tradicional no Camarões, que seria seguido por *Vacances au pays* (2000) – uma meditação pessoal sobre os conceitos de modernidade e desenvolvimento na África – e *Le marriage d'Alex* (2002), sobre casamentos de conveniência e poligamia. Longe de dar lições de moral, seus filmes convidam o espectador a refletir, de mãos dadas a uma peculiar voz over que já é sua assinatura.

Determinado a dominar o ofício do cinema, Teno se dedicou aos curtas-metragens por cinco anos. O filme *Touki Bouki* (1973) foi uma parada obrigatória na busca por uma linguagem e um estilo próprios. Assim como outros jovens cineastas de sua geração, como Moussa Sène Absa (Senegal, 1958) ou Abderrahmane Sissako (Mauritânia, 1961), o cinema do iconoclasta e vanguardista Djibril Diop Mambéty (Senegal, 1945-1998) ofereceu liberdade formal e narrativa ao mesmo tempo em que obrigou a pensar a linguagem cinematográfica como meio para lidar com os problemas de seus contemporâneos. Teno aplicou esses ensinamentos quando deu o salto para o longa-metragem em 1992 com *Afrique, je te plumerai*; filme que foi imediatamente considerado um marco na história do documentário na África e diante do qual os críticos mais experientes derramaram rios de tinta.

Usando humor e uma narração aparentemente simples, Jean-Marie superou amplamente os obstáculos da censura, mantendo sua independência criativa. Graças à inteligência com que apresenta criticamente questões sociais complexas, usando a voz computadorizada de imagens de arquivo e documentários como uma de suas melhores estratégias desestabilizadoras e experimentais, Teno tornou-se um diretor difícil de classificar para a crítica. A tirania dos rótulos criados por especialistas, juntamente com uma personalidade que não tem medo de tensão e conflito, fizeram dele um diretor cujo reconhecimento e valorização oscilaram ao longo dos anos. Enquanto a crítica especializada do continente dava seus primeiros passos na década de 1970, os diretores que usavam o cinema como arma de educação e construção de nações independentes, com uma mensagem política e crítica clara, e que apostava na oposição às imagens eurocêntricas e coloniais através de histórias locais e vozes nativas, foram elogiados. Esses trabalhos teóricos seguiram os passos da escola de realismo social de Sèmbene,

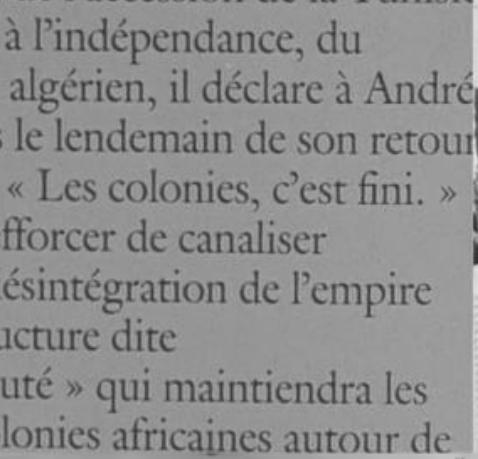
os postulados do Terceiro Cinema e seus pares africanos com seus manifestos: a Carta Argelina do Cinema Africano (1975) e o Manifesto Niamey (1982).

Quando Teno fez o primeiro curta que interessou à crítica internacional – *Hommage*, 1985 – sua análise dos efeitos do período colonial e da chegada da pós-colonialidade no Camarões através do reencontro de dois velhos amigos (desdobramento do diretor) era novidade não por causa do seu tema, mas pela sua forma. Seu filme mais íntimo até hoje, feito em homenagem ao pai que morreu em um acidente inesperado, *Hommage* se encaixa no desejo de experimentação dos críticos ocidentais, recebendo elogios até de Jean Rouch. Viajando para Camarões para assistir ao funeral de seu pai, Teno carrega uma câmera no ombro para prestar seus respeitos. Por falta de recursos e orçamento, Teno escreve um diálogo irônico e sincero baseado em conversas com seu pai, que ele sobrepõe a cenas filmadas e fotos estáticas. O resultado, honesto e intimista, ainda aguarda continuação. Com *Afrique, je te plumerai* Teno encontrará o seu próprio estilo numa narração bem-humorada e ponderada que não abandonará. Torna-se, com exceção da breve incursão na ficção em 1996 que é *Clando*, uma marca de estilo.

À pressão e falta de apoio do governo do Camarões e suas instituições satélites, bem como à censura e impedimentos específicos da França, o diretor tem uma atitude de oposição com sua total liberdade de expressão e autogestão. Com sua produtora Les Films du Raphia – um nome que ecoa seu senso de humor, sua paixão por tradições que valem a pena preservar e o valor do encontro que acontece com um copo de vinho –, Teno produz, distribui e vende seus filmes, investindo as receitas de palestras, exibições de filmes e prêmios em seus próximos trabalhos.

Toda a filmografia de Teno está inserida no contexto de produção, exibição e distribuição em um país como o Camarões, onde a censura e a violência contra opositores do regime ditatorial são constantes. Em sintonia com essa tarefa de reescrever a história, o autor homenageia em seus filmes jornalistas dissidentes, heróis assassinados, reis pré-coloniais e tantas pessoas comuns que, no mesmo nível dos anteriores, fazem parte de uma realidade no Camarões que não se divide entre colonizadores e colonizados, entre passado e presente, mas revela fantasmas e outras camadas da história. *Afrique, je te plumerai* (1992) e *Le malentendu colonial* (2004), seus documentários mais conhecidos, continuam hoje como dois dos maiores testemunhos de seus comentários, material de arquivo, filmagens atuais e múltiplos depoimentos, incentivando o público pensar de forma autônoma.

"Faço filmes para abalar a apatia do público", diz. Há quatro décadas se dedica a isso, criando um ensaio cinematográfico com múltiplas entregas, inacabadas e em construção, que devem ser analisadas em sua totalidade e complexidade. Ao fazê-lo, obtém-se uma visão pessoal e crítica da história do Camarões, do continente e da experiência diaspórica a partir de um dos seus filhos mais ilustres. Seus filmes, líricos e provocativos, atacam igualmente o sistema de classes, a corrupção, a desigualdade de gênero ou a censura, sempre tendo como fio condutor a necessidade de alcançar um conhecimento que leve à substituição de um sistema ineficaz, injusto e imoral. Uma vida dedicada ao cinema e uma proposta ética, cujos últimos capítulos, provisoriamente, são um projeto de patrimônio documental através de curtas-metragens no Camarões com um grupo de jovens cineastas, e seus próprios documentários: *Une feuille dans le vent* (2013) e *Le futur dans le retro* (2018), duas histórias de mulheres combativas e complexas que nos obrigam a refletir, mais uma vez, sobre os efeitos do colonialismo nas suas vertentes mais íntimas e cruas, convidando-nos a mergulhar em histórias onde o trauma, o exílio, a maternidade e o desejo de regresso às raízes definem a busca existencial contemporânea.


à l'indépendance, du
algérien, il déclare à André
le lendemain de son retou
« Les colonies, c'est fini. »
fforcer de canaliser
ésintégration de l'empire
ucture dite
uté » qui maintiendra les
lonies africaines autour de





Afrique, je te plumerai (1992)







Le futur dans le rétro (2018)













La tête dans les nuages (1994)







Hommage (1985)



AFRIQUE, JE TE PLUMERAI

Afrique, je te plumerai

CAMARÕES/FRANÇA | 1992 | 88 MIN | DOCUMENTÁRIO

Afrique, je te plumerai oferece um panorama devastador de 100 anos de aniquilação cultural em Camarões, o único país africano colonizado por três potências europeias (Alemanha, Grã-Bretanha e França). Ao mesmo tempo, o filme oferece um estudo de caso cuidadosamente pesquisado sobre os danos contínuos causados às sociedades africanas pelas culturas neocoloniais. Um filme imperdível, amplamente reconhecido como um clássico do cinema africano e uma perspectiva africana vital sobre a política africana contemporânea.

Direção Jean-Marie Teno
Roteiro Jean-Marie Teno
Fotografia Robert Dianoux





LE MALENTENDU COLONIAL

Le malentendu colonial

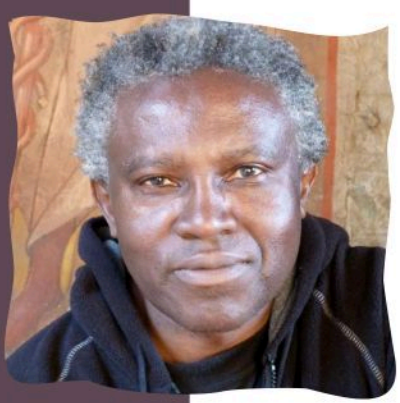
CAMARÕES/FRANÇA/ALEMANHA | 2004 | 75 MIN | DOCUMENTÁRIO

Em *Le malentendu colonial,* Jean-Marie Teno lança luz sobre a complexa e problemática relação entre a colonização e os missionários europeus no continente africano. O filme olha para o evangelismo cristão como o precursor do colonialismo europeu na África, de fato, como o modelo ideológico para a relação entre Norte e Sul ainda hoje. Em particular, examina o papel dos missionários na Namíbia no centenário do genocídio alemão de 1904 do povo Herrero. O filme revela como o colonialismo destruiu crenças e sistemas sociais africanos e os substituiu por europeus como se fossem os únicos caminhos aceitáveis para a modernidade. Como diz o Prof. F. Kangué Ewané no filme: "Eu posso perdoar os ocidentais por tirar minha terra... mas não por tirar minha mente e alma". Através de um exame do trabalho das sociedades missionárias alemãs na África, cuja vocação era levar o cristianismo – e, por extensão, a cultura europeia e o domínio europeu – aos pagãos, Jean-Marie Teno revela o mal-entendido colonial.

Direção Jean-Marie Teno
Roteiro Jean-Marie Teno
Fotografia Dieter Stürmer, Jean-Marie Teno

JEAN-MARIE TENO

Membro da Academia do Oscar desde 2017 na seção de documentários, o cineasta camaronês Jean-Marie Teno construiu pacientemente nos últimos 35 anos uma impressionante obra cinematográfica através de sua consistência, compromisso e visão da sociedade camaronesa. Desde 1985, Teno produz e dirige filmes sobre a história colonial e pós-colonial da África. Os títulos destacam-se pela abordagem pessoal e original às questões de identidade, representação da África e da sua história. Seus filmes foram exibidos em vários festivais ao redor do mundo, e ele foi membro do júri de diversos festivais internacionais de cinema. Teno também lecionou em universidades americanas e tem sido regularmente convidado como artista residente.



PROJETO PATRIMOINES / HERITAGE

Coordenado por Jean-Marie Teno





Ao mesmo tempo em que celebramos duas obras fundamentais da filmografia de Jean-Marie Teno, temos a honra de receber com exclusividade alguns dos curtas-metragens documentários resultado do projeto Patrimoines / Heritage, coordenado pelo cineasta. O projeto promove e fomenta o cinema documental e a educação popular com foco no patrimônio cultural. Composto por uma série documental de 24 episódios, acompanhada de publicações que servem de material didático e de imprensa, Patrimoines / Heritage oferece um quadro para a formação de cineastas e para a produção e distribuição de filmes sobre temas locais no Camarões.

Para completar a sua educação, muitos africanos precisam aprender a aceitar-se novamente, a reconciliar-se com o seu passado e a recorrer às suas culturas para considerar o futuro com serenidade e enfrentar os desafios da globalização. Isso requer conhecimento de sua história, de suas práticas artísticas e rituais, de seus objetos sagrados e dos símbolos de sua cultura e seus significados. Seguindo reflexões iniciadas no final da década de 1960 pelos pioneiros do cinema africano, que viam o cinema não apenas como uma forma de entretenimento, mas atambém como um modo de educação popular, o projeto Patrimoines / Heritage adota uma dupla lógica, associando entretenimento com educação a partir de narrativas locais.

PATRIMÔNIO COLONIAL: UMA VISÃO CAMARONESA

Esse é o tema da edição 2021 da série Patrimoines / Heritage. Proporciona a oportunidade e a possibilidade de compartilhar as vozes originais e singulares dos camaroneses de diversas origens sociais e culturais sobre os elementos de seu patrimônio que lhes são relevantes e que questionam. Essas visões estão profundamente enraizadas em suas vidas diárias na medida em que adotam abordagens intelectuais rigorosas e intransigentes para compartilhar conhecimento e desencadear debates. Este trabalho abraça plenamente o espírito documental, que consiste em olhar o mundo que nos rodeia, pesquisar, recolher elementos e depois organizá-los numa narrativa original. Inspirado em outros modos narrativos, este trabalho fílmico nos permite embarcar no necessário processo de cura dos traumas que resultam das feridas da história.







CINEASTAS CONVIDADAS



ENTRE OS CONVIDADOS ESTÃO CINEASTAS QUE APRESENTAM SEUS FILMES E PARTICIPAM DE ATIVIDADES PARALELAS

AÏSSA MAÏGA



SENEGAL
FRANÇA

Aïssa Maïga é uma atriz, diretora, roteirista, produtora e ativista franco-senegalesa. Ela trabalhou com autores como Michael Haneke, Abderrahmane Sissako e Michel Gondry, e mais recentemente na estreia por trás das câmeras de Chiwetel Ejiofor com *O Menino que Descobriu o Vento* (*The Boy Who Harnessed the Wind*, 2019). Seu grande momento aconteceu com a indicação ao César de melhor atriz revelação por sua atuação em *Bamako* (2006), de Abderrahmane Sissako, tornando-se a atriz negra mais reconhecida da França e abrindo espaço para uma carreira que abrange cinema, televisão e plataformas como a Netflix.

Consciente da excepcionalidade de seu reconhecimento como atriz negra, criou o coletivo DiasporAct em defesa da inclusão na indústria cinematográfica, denunciando a discriminação racial e a falta de representação das pessoas negras no cinema francês, criticando os estereótipos e motivando a mudança. Em 2018, o grupo realizou um protesto pacífico antirracista no 71° Festival de Cannes, e Maïga aproveitou a visibilidade midiática do evento para apresentar o livro *Noire n'est pas mon métier* (*Negra não é meu trabalho*), uma compilação de ensaios baseados nas experiências de atrizes negras cujo efeito foi suscitar um debate sobre cotas e racismo institucional. No prêmio César 2020 e acompanhada por 30 atores negros, Maïga voltou a se manifestar contra a falta de diversidade na carta aberta #BlackCesars e em um discurso, destacando a ausência de diretores e *performers* asiáticos, árabes e negros nas seleções competitivas.

Aïssa Maïga codirigiu com Isabelle Simeoni para a televisão (Canal Plus) *Regard noir* (2021), um *road movie* documentário rodado no Brasil, nos Estados Unidos e na França sobre o lugar da mulher negra na ficção e as soluções para a inclusão de todos os talentos. Sua primeira incursão como cineasta é o documentário *Caminhar sobre a Água* (2021), que apresentamos no Brasil. Filmado no Níger, a história da adolescente Houlaye que, desde muito jovem, deve caminhar vários quilômetros por dia para buscar água até que um poço seja construído na aldeia, é uma ode à perseverança e ao trabalho comunitário em um mundo onde os efeitos das alterações climáticas são devastadores.

CAMINHAR SOBRE A ÁGUA

Marcher sur l'eau





FRANÇA/BÉLGICA/NÍGER | 2021 | 90 MIN | DOCUMENTÁRIO

No norte do Níger, a vila de Tatiste, vítima do aquecimento global, luta para ter acesso à água. Todos os dias, Houlaye, de quatorze anos, como outros jovens, caminha quilômetros para buscar água, essencial à vida da aldeia. Essa tarefa diária os impede, entre outras coisas, de serem diligentes na escola. A falta de água também leva os adultos a deixar suas famílias todos os anos para buscar além das fronteiras os recursos necessários à sua sobrevivência. No entanto, a região cobre em seu embasamento um lago aquífero de vários milhares de quilômetros quadrados. Bastaria um furo para trazer a cobiçada água para o centro da vila e oferecer a todos uma vida melhor.

Direção Aïssa Maïga
Roteiro Aïssa Maïga e Ariane Kirtley
Fotografia David Wyte



EMA EDOSIO



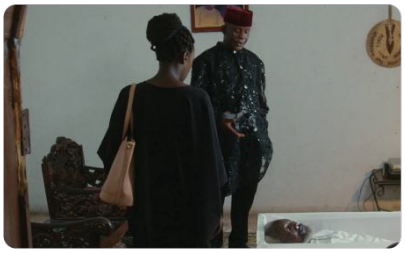
NIGÉRIA

Ema Edosio ficou conhecida no circuito internacional de cinema com seu primeiro longa-metragem *Kasala!* (2018), filmado em Lagos com uma equipe pequena e autofinanciada, do qual foi realizadora, montadora e diretora de fotografia. Em sintonia com diretores independentes nigerianos como C.J. "Fiery" Obasi, Abba T. Makama e Chika Anadu, seus filmes escapam da indústria de Nollywood, integrando-se no movimento "Naija New Wave" devido ao seu método de produção, sua rejeição a gêneros estabelecidos e seu uso de um elenco principalmente não profissional. *Kasala!*, uma história juvenil de camaradagem em ritmo frenético pelas ruas de Lagos, divertiu e impressionou por sua originalidade em festivais internacionais, sendo o filme de encerramento do Film Africa London de 2019 - e exibido na Mostra de Cinemas Africanos no mesmo ano.

Antes de dar o salto para a direção, Edosio trabalhou em videoclipes, filmes de Nollywood, televisão (EbonyLife, Hip Hop TV) e como videojornalista para a BBC, alcançando uma formação diversificada e uma versatilidade rara entre jovens diretores formados no exterior. Para compensar deficiências em aspectos históricos e teóricos, abandonou uma carreira consolidada em seu país para se mudar para os Estados Unidos e estudar cinema. Uma vez concluídos esses estudos, retornou à Nigéria para filmar *Kasala!*. Com seu estilo dinâmico por trás da câmera, edição rápida e grande senso de humor físico e verbal (filmado em inglês *pidgin* carregado de reviravoltas linguísticas), Edosio nos oferece em seu primeiro longa um retrato autêntico das entranhas de Lagos. Com vários projetos em mãos, acaba de terminar a produção do seu segundo longa, *Otiti* (2022), que orgulhosamento estreamos no Brasil – um filme mais intimista, de baixo orçamento e autoproduzido, no qual Edosio investiga o peso do legado familiar e as expectativas sociais impostas a uma jovem empresária em Lagos.

OTITI

Otiti

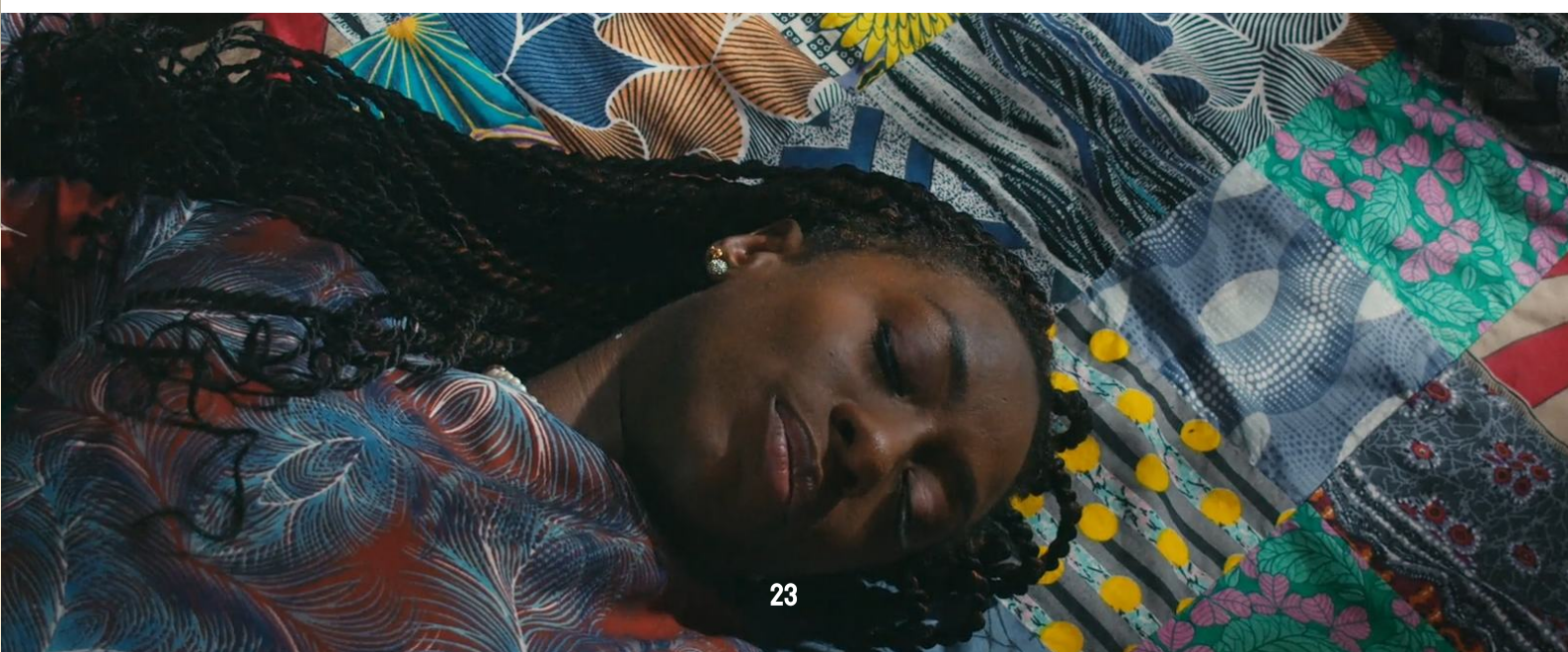





NIGÉRIA | 2022 | 90 MIN | FICÇÃO

Uma costureira com problemas de compromisso enfrenta forte oposição de seus meio-irmãos quando decide cuidar do pai doente que a abandonou quando criança. Ela é involuntariamente arrastada para uma intensa disputa familiar onde tem que lutar para salvar a vida de seu pai, dos próprios filhos e familiares gananciosos e desprivilegiados, que estão determinados a deixá-lo morrer para que possam assumir sua riqueza.

Direção Ema Edosio
Roteiro Chijioke Ononiwu
Fotografia Yemi Adeojo
Elenco Gina Castle, Charles Etubiebi, Rachel Emem Isaac, Yinka Davis, Tunde Daniels



MAÏMOUNA JALLOW



QUÊNIA
ESPANHA

Maïmouna Jallow é cofundadora e diretora da empresa de mídia e artes Positively African, com sede em Nairóbi, que trabalha na interseção do teatro, das artes e da justiça social, contando histórias pouco contadas na esperança de catalisar a mudança social. Vivendo entre Nairóbi (Quênia) e Catalunha (Espanha), é contadora de histórias, editora, dramaturga e diretora. Possui um mestrado em Literatura Africana pela School of Oriental and African Studies (SOAS), University of London, e escreveu e produziu uma série de shows, incluindo uma adaptação premiada de *The Secret Lives of Baba Segi's Wives,* de Lola Shoneyin, que ela excursionou internacionalmente. Maïmouna é editora de *Story Story, Story Come!* – antologia de doze contos folclóricos africanos, publicada em dezembro de 2018. Em 2019, publicou um livro infantil em colaboração com Book Dash, intitulado *I'm the Color of Honey*, sobre identidades mestiças.

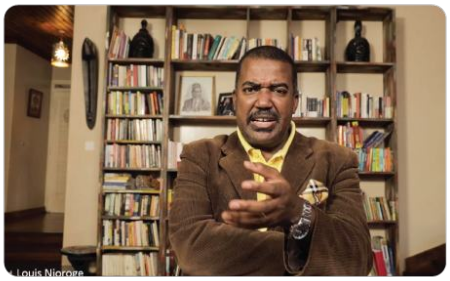
Antes disso, Maïmouna trabalhou como produtora para o Serviço Mundial da BBC, como Oficial de Comunicações Regionais para o Médicos Sem Fronteiras (MSF) na região do Chifre da África e foi gerente sênior de programação do African Story Challenge. Hoje, Maïmouna faz parte dos conselhos consultivos das revistas africanas *This Is Africa* e *Wiriko*. Em 2021, lançou seu filme de estreia, que fez turnês internacionais intensas e arrecadou uma vasta gama de prêmios, *Contos da Cidade Acidental* (*Tales of the Accidental City*), um longa experimental de baixo orçamento que funde teatro, cinema e contação de histórias e onde toda a ação acontece no Zoom. Através de uma sessão de controle de raiva com quatro moradores de Nairóbi, o filme é um retrato da capital queniana contemporânea que conta a história de muitas cidades africanas desafiadas pelo crescimento populacional, pela desigualdade econômica e pela injustiça social com um toque de humor.

CONTOS DA CIDADE ACIDENTAL

Tales of the Accidental City



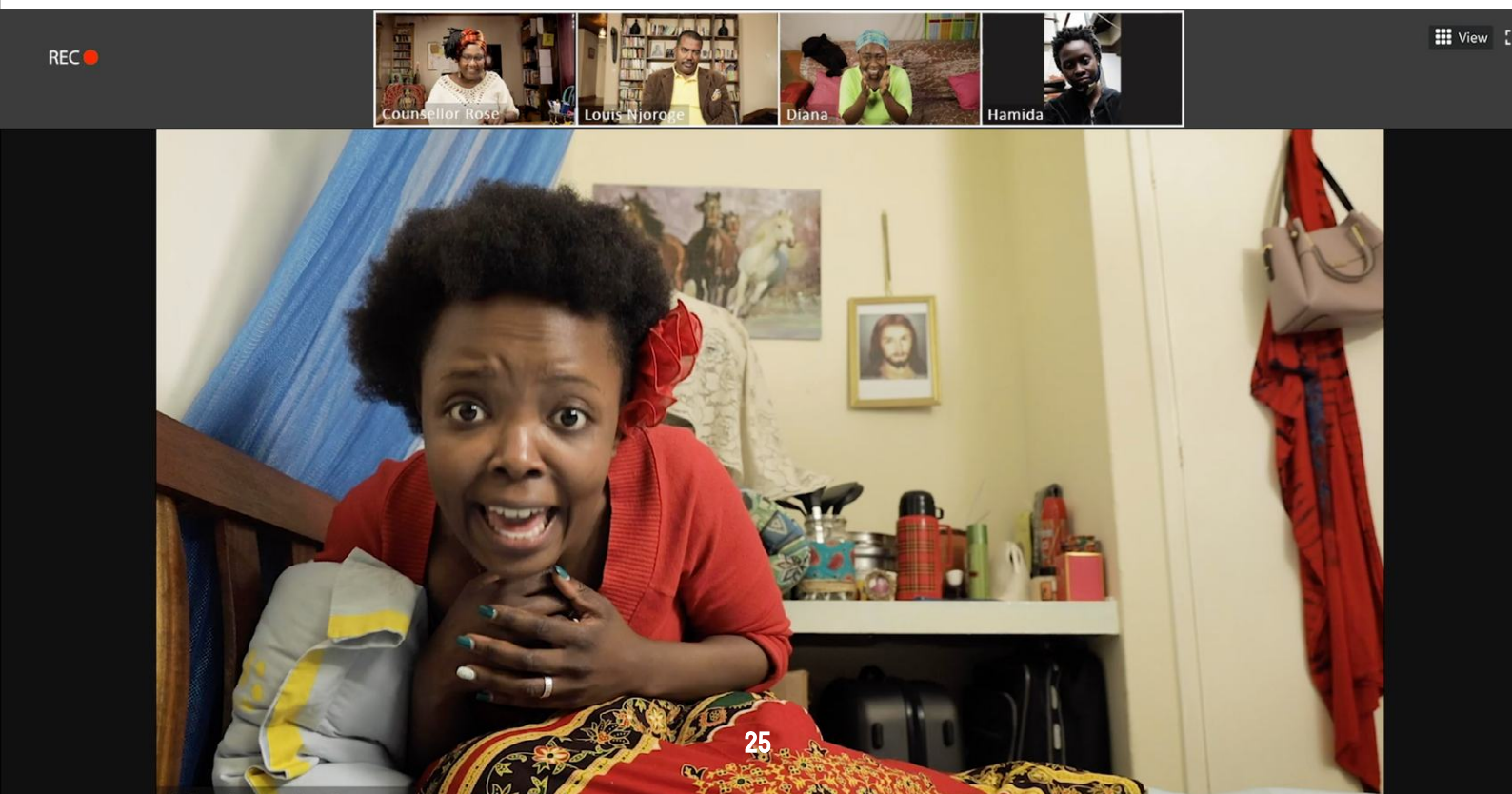




QUÊNIA | 2021 | 54 MIN | FICÇÃO

Neste filme bem-humorado e mordaz, uma equipe heterogênea de moradores de Nairóbi se reúne via Zoom para uma aula de controle de raiva exigida pelo tribunal. Diana, Jacinda, Louis Njoroge e Sarah Obama devem explicar como chegaram lá e, com a ajuda de seu terapeuta peculiar, encontrar uma maneira de curar suas feridas. À medida que trocam histórias, questões mais profundas de classe, desigualdade e injustiças sociais sofridas por muitos habitantes urbanos africanos vêm à tona.

Direção Maïmouna Jallow
Roteiro Maïmouna Jallow
Fotografia Gregory Kiwo
Elenco Wakio Mzenge, Eddy Kimani, Mercy Mutisya, Tana Kioko, Martina Ayoro



JENNA BASS



ÁFRICA DO SUL

Uma das vozes mais originais no cenário internacional, esta artista e diretora multitalentosa criou sozinha sua própria indústria, produzindo obras que unem gêneros *mainstream* como *western*, ficção científica, melodrama urbano e docudrama adolescente para examinar socialmente relevantes tópicos, enfocando os traumas da África do Sul e aproveitando as possibilidades das novas tecnologias de maneiras que poucos fazem.

Para sua pouca idade, ela tem uma trajetória marcante como autora de livros (um de seus contos foi selecionado em 2012 para o Prêmio Caine de Literatura Africana), fanzines e roteiros, com seu trabalho contribuindo como parte essencial para o sucesso internacional do filme queniano *Rafiki*, de Wanuri Kahiu (Quênia, 2018).

Estabelecer o diálogo entre diversos públicos e instituições, valendo-se da literatura, da cinematografia, do design e da arte contemporânea, está longe de ser comum, mas Jenna faz isso com maestria, e seu trabalho é especialmente relevante para os jovens, que são ao mesmo tempo tema e público de muito do trabalho dela. Partidária engajada nas lutas antirracistas e pela igualdade de gênero, ela se reinventa a cada filme, experimentando a forma de dar à sua mensagem o maior impacto possível entre os espectadores.

De seu filme de nano-orçamento *Ame Quem Você Ama* (*Love the One You Love*, Melhor Filme Sul-Africano no Durban International Film Festival em 2014, exibido na Mostra de Cinemas Africanos em 2019), filmado com câmeras de mão, a *High Fantasy* (2017), um *thriller* de acampamento com adolescentes trocando de corpo, ao *mashup* de gênero *kitsch-western Flatland* (2019, exibido na Mostra de Cinemas Africanos em 2021), com seu elenco feminino, Jenna nunca para de experimentar. Seu filme mais recente, *Boa Senhora* (*Mlungu Wam*, 2021), é uma obra de horror psicológico que analisa os efeitos de classe e raça na África do Sul contemporânea. Assim como com seus trabalhos anteriores, mantemos nosso compromisso de mostrar o talento de Jenna Bass ao público brasileiro com a exibição de seu último filme na edição deste ano da Mostra de Cinemas Africanos.



BABALWA BAARTMAN

ÁFRICA DO SUL



Babalwa Baartman é uma cineasta sul-africana que usa a narrativa como ferramenta de ativismo e cura para sua comunidade. Em 2015, Babalwa criou sua produtora, Sanusi, através da qual coescreveu o curta-metragem *Sizohlala* (2019), uma história que destaca os movimentos de ocupação na África do Sul, e recentemente coproduziu e coescreveu o longa *Boa Senhora*, um terror psicológico, que aborda a questão da desigualdade na África do Sul através da história e experiência de uma trabalhadora doméstica e sua filha. Ela é a fundadora do Sanusi Skills Advancement Program, um programa de animação 2D voltado para dar aos graduados a experiência e a orientação necessárias para ajudá-los a se preparar para o mercado de trabalho.

BOA SENHORA

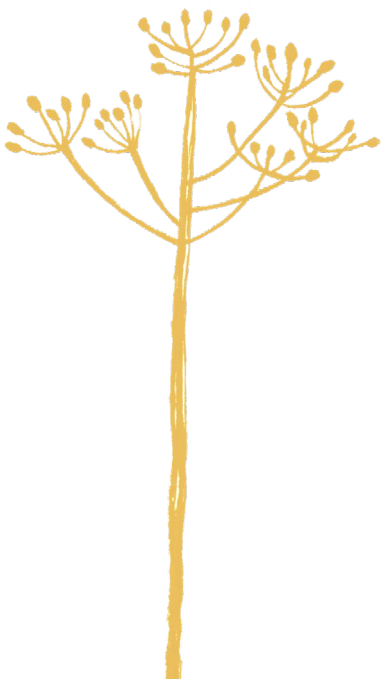
Mlungu Wam





ÁFRICA DO SUL | 2021 | 92 MIN | FICÇÃO

Após a morte de sua avó – a mulher que a criou –, Tsidi (Chumisa Cosa) e sua filha são forçadas a morar com a mãe de Tsidi, Mavis (Nosipho Mtebe), que viveu e trabalhou nos subúrbios ricos da Cidade do Cabo pela maior parte da vida de Tsidi. Lá, Tsidi encontra a extensa propriedade bem cuidada de suas fracas memórias de infância, de propriedade de Diane (Jennifer Boraine), a misteriosa e doente "Senhora" branca de Mavis. Com a casa parecendo mais misteriosa do que ela se lembra, e com Mavis mais encantada por Diane do que parece certo para os lendários dias de democracia da África do Sul, Tsidi supera ressentimentos emaranhados para tentar convencer Mavis de que ela merece algo melhor. Quando isso não funciona, Tsidi até pensa em abordar o assunto com o irmão, que, ao contrário dela, foi criado com os filhos de Diane. Finalmente, Mavis explica: se Diane morrer, não há para onde ir. A casa da boa senhora é a única casa que ela – e agora Tsidi – tem. Convocando referências de sátira de horror de *La noire de...* (Ousmane Sembène, 1966) a *Corra!* (*Get Out,* Jordan Peele, 2017), o suspense de Bass e Baartman mergulha na alegoria complexa e abrasadora que insiste em acertar as contas com a presença duradoura de traumas enganosamente rotulados de "história".



Direção Jenna Bass

Roteiro Babalwa Baartman, Jenna Bass, Chumisa Cosa, Nosipho Mtebe, Kamvalethu Jonas Raziya, Sanda Shandu, Khanyiso Kenqa, Chris Gxalaba, Peggy Tunyiswa, Sizwe Ginger Lubengu, Siya Sikawuti, Steve Larter

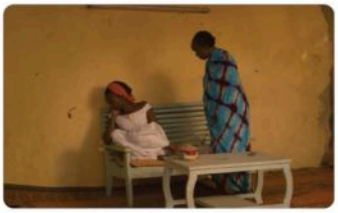
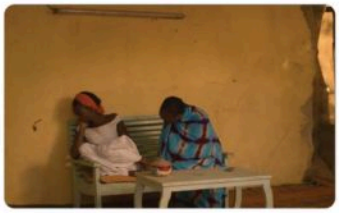
Fotografia Jenna Bass

Elenco Chumisa Cosa, Nosipho Mtebe, Kamvalethu Jonas Raziya, Sanda Shandu, Khanyiso Kenqa, Chris Gxalaba, Sizwe Ginger Lubengu, Siya Sikawuti, Peggy Tunyiswa, Jennifer Boraine

LONGAS

FICHA TÉCNICA DOS LONGAS-METRAGENS DE FICÇÃO EXIBIDOS NA MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS

LINGUI
Lingui



FRANÇA/CHADE/ALEMANHA | 2021 | 87 MIN | FICÇÃO

Nos arredores da capital do Chade, N'Djamena, a decidida mãe solo Amina (Achouackh Abakar Souleymane) trabalha incansavelmente para sustentar a si mesma e sua filha de 15 anos, Maria (Rihane Khalil Alio). Sua existência já precária é abalada quando Amina descobre que Maria está grávida e não quer ter o bebê. Abandonada por sua própria família com uma adolescente grávida, Amina está determinada a garantir outro destino para sua filha. Juntas, as duas mulheres buscam a opção do aborto, condenado tanto pela religião quanto pela lei. Lutando para obter esse procedimento simples, mas inacessível, elas navegam por uma rede patriarcal de médicos, parentes e vizinhos. Através dessa jornada, mãe e filha criam uma conexão mais forte do que qualquer outra que já conheceram.

Direção Mahamat-Saleh Haroun
Roteiro Mahamat-Saleh Haroun
Fotografia Mathieu Giombini
Elenco Achouackh Abakar Souleymane, Rihane Khalil Alio, Youssouf Djaoro

MAHAMAT-SALEH HAROUN



Nascido no Chade, Mahamat-Saleh Haroun foi aclamado pela crítica por seus curtas-metragens antes de dirigir seu primeiro longa, *Bye-Bye Africa* (Prêmio Leão do Futuro de Melhor Filme de Estreia, Festival de Veneza 1999). Em seguida, dirigiu *Abouna - Nosso Pai* (Quinzena dos Realizadores, Cannes 2002), *Daratt, Dry Season* (Prêmio Especial do Júri, Festival de Veneza 2006), *Um Homem que Grita* (Prêmio do Júri, Festival de Cannes 2010) e *Grigris* (Vulcain Prêmio de Melhor Fotografia, Competição Oficial, Festival de Cannes 2013). *Hissein Habré, une tragédie tchadienne*, seu primeiro documentário, foi selecionado no Festival de Cannes 2016, Seleção Oficial – Sessão Especial. *Uma Temporada na França* é seu primeiro longa-metragem rodado na França, estrelado por Eriq Ebouaney e Sandrine Bonnaire e selecionado no Festival Internacional de Cinema de Toronto 2017 – Apresentação Especial. Nova York homenageou Mahamat-Saleh Haroun ao sediar duas retrospectivas de seus filmes: em 2006 no Museum of Modern Art (MoMA) e em 2018 na Brooklyn Academy of Music (BAM). Em 2010, recebeu na Mostra de Veneza o prêmio Robert Bresson por suas obras completas e, em 2013, a Medalha Fellini concedida pela UNESCO.

GEADA DE NETUNO

Neptune Frost






RUANDA/ESTADOS UNIDOS | 2021 | 105 MIN | FICÇÃO

O artista multi-hifenizado e multidisciplinar Saul Williams traz seu dinamismo único para essa visão afrofuturista, um musical punk de ficção científica que é uma amálgama visualmente maravilhosa de temas, ideias e músicas que Williams explorou em seu trabalho, principalmente no álbum de 2016 MartyrLoserKing. Codirigido com a artista e diretora de fotografia nascida em Ruanda Anisia Uzeyman, o filme se passa no topo das colinas do Burundi, onde um grupo fugitivo de mineiros de coltan forma um coletivo de hackers anticolonialistas. De seu acampamento em um depósito de lixo eletrônico de outro mundo, eles tentam assumir o controle do regime autoritário que explora os recursos naturais da região – e seu povo. Quando um fugitivo intersexual e um mineiro de coltan fugitivo se encontram através de forças cósmicas, sua conexão provoca falhas dentro do circuito divino maior. Situado entre estados de ser – passado e presente, sonho e vida desperta, colonizado e livre, masculino e feminino, memória e presciência –, *Geada de Netuno* é um download direto revigorante e empoderador para o córtex cerebral e um chamado para recuperar a tecnologia para fins políticos progressistas.

Direção Saul Williams e Anisia Uzeyman
Roteiro Saul Williams
Fotografia Anisia Uzeyman
Elenco Cheryl Isheja, Bertrand "Kaya Free" Ninteretse, Eliane Umuhire, Rebecca Mucyo, Trésor Niyongabo, Elvis Ngabo, Dorcy Rugamba, Eric "1key" Ngangare, Cécile Kayirebwa



SAUL WILLIAMS

Saul Williams é um poeta, músico e ator americano. Ele fez sua estreia como ator em *Slam* (1998), de Marc Levin, que ele coescreveu. O filme ganhou o Grande Prêmio do Júri de Sundance e o Cannes Caméra D'Or em 1998. Saul foi do elenco fixo da série *Girlfriends* (2000-2008) e apareceu em filmes como: *K-Pax: O Caminho da Luz* (*K-Pax*, 2001), *Lackawanna Blues* (2005), *Nova York, Eu Te Amo* (*New York, I Love You*, 2008), *A Fuga de Akilla* (*Akilla's Escape*, 2020) e *Aujourd'hui (Tey)* (2012) que ganhou o L'Étalon D'Or de 2013 no FESPACO. Saul foi o primeiro afro-americano a ganhar o prêmio de Melhor Ator no festival. Em 2014, fez sua estreia na Broadway como protagonista em *Holler If Ya Hear Me*, baseado na letra de Tupac Shakur. Publicou cinco livros de poesia que foram traduzidos para vários idiomas. Como músico, Saul lançou seis álbuns e excursionou e colaborou com artistas, incluindo: Kanye West, Nas, Janelle Monáe, Nine Inch Nails, Rage Against the Machine, The Roots, Mos Def, Allen Ginsberg, Amiri Baraka, Gil Scott-Heron , TV On the Radio, Blackalicious e Erykah Badu.

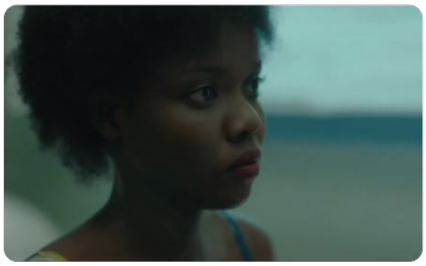
ANISIA UZEYMAN



Anisia Uzeyman é atriz, dramaturga e diretora. Nascida em Ruanda, estudou teatro na École Supérieure d'art Dramatique da França. Sua estreia na direção, *Dreamstates*, foi filmada inteiramente em iPhones e estrelou Saul Williams, William Nadylam e Beau Sia. O filme estreou no Los Angeles Film Festival (LAFF) em 2016. Ela também dirigiu vários videoclipes. Como atriz, Anisia estrelou, entre outros, o premiado filme *Aujourd'hui (Tey)*, onde conheceu Saul Williams, e o longa-metragem *Ayiti mon amour,* de Guetty Felin, que estreou no Toronto International Film Festival (TIFF) 2016. Seu primeiro livro, um tratamento poético de seu roteiro original *Saolomea, Saolomea,* será publicado pela editora Not a Cult.

FREDA

Freda






HAITI/FRANÇA/BENIN | 2021 | 93 MIN | FICÇÃO

Freda mora com a família em um bairro pobre de Porto Príncipe. Eles sobrevivem graças à sua pequena loja de rua. Diante das precárias condições de vida e do aumento da violência no Haiti, cada um deles se pergunta se deve ficar ou sair. Freda quer acreditar no futuro de seu país.

Direção Gessica Généus
Roteiro Gessica Généus
Fotografia Karine Aulnette
Elenco Néhémie Bastien, Fabiola Rémy, Cantave Kervern, Rolapthon Mercure, Djanaïna François, Gaëlle Bien-Aimé, Juancito Jean

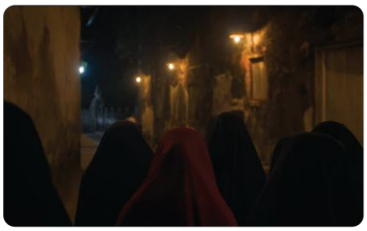
GESSICA GÉNÉUS

Gessica Généus é uma atriz, cantora e diretora haitiana. Começou a carreira aos 17 anos. Após o terremoto de 2010, ela se envolveu ativamente na reconstrução de seu país e começou a trabalhar para as Nações Unidas. Ela então ganhou uma bolsa para estudar na Acting International em Paris. Généus voltou ao Haiti e criou sua própria produtora, Ayizian Productions, para desenvolver seu trabalho. Entre 2014 e 2016, dirigiu *Vizaj Nou*, uma série de pequenos retratos de grandes figuras da sociedade haitiana contemporânea. Em 2017, seu documentário, *Douvan jou ka leve* (*O Dia Vai Amanhecer*) ganhou sete prêmios. Ele continua a ser exibido em todo o mundo. *Freda* é seu primeiro longa-metragem.



CABO DE GUERRA

Vuta N'Kuvute






TANZÂNIA/ÁFRICA DO SUL/ALEMANHA/CATAR | 2021 | 93 MIN | FICÇÃO

Denge, um jovem combatente da liberdade, conhece Yasmin, uma mulher índia-zanzibar, no meio da noite, quando ela está a caminho de se casar. Paixão e revolução acontecem nesta história de amor político de amadurecimento ambientada nos anos finais da colônia britânica de Zanzibar. Um jovem revolucionário e uma noiva fugitiva lutam por liberdades proibidas, na adaptação de Amil Shivji do premiado romance suaíli de Adam Shafi, ambientado na década de 1950 em Zanzibar, onde uma paixão é fustigada pelas duras ondas do domínio britânico e pela luta militante local pela libertação.

Direção Amil Shivji
Roteiro Amil Shivji e Jenna Bass
Fotografia Zenn van Zyl
Elenco Ikhlas Gafur Vora, Gudrun Columbus Mwanyika, Siti Amina

AMIL SHIVJI



Amil Shivji nasceu na Tanzânia e é cineasta e professor na University of Dar es Salaam. Ele acredita no uso de imagens para desafiar os poderes constituídos, em particular desconstruindo fachadas urbanas de desenvolvimento e enfatizando a força e as lutas das comunidades marginalizadas. Amil escreveu, dirigiu e produziu curtas-metragens que participaram de Rotterdam e FESPACO, ganhando o People's Choice Award em Zanzibar e o prêmio de Melhor Diretor na África. Sua estreia na direção do longa-metragem *T-Junction* (2017) abriu o Zanzibar International Film Festival, ganhando três prêmios. Possui mestrado em Belas Artes pela York University em Toronto.

ALDA E MARIA - POR AQUI TUDO BEM

Alda e Maria – Por Aqui Tudo Bem





ANGOLA/PORTUGAL | 2011 | 94 MIN | FICÇÃO

No final do verão de 1980, Alda e a sua irmã Maria, de 16 e 17 anos, respectivamente, chegam a Lisboa para escapar da guerra civil em Angola. Entregues a si próprias, elas precisam aprender a sobreviver em uma cidade estrangeira. Alda e Maria constroem uma nova vida do zero e tornam-se mulheres. Quando os problemas se tornam quase insuportáveis, chega-lhes uma notícia terrível. Paradoxalmente, é esse susto que lhes dá força para decidir o seu destino.

Direção Pocas Pascoal
Roteiro Pocas Pascoal e Marc Pernet
Fotografia Octávio Espírito Santo
Elenco Cheila Lima, Ciomara Morais, Vera Cruz, Willion Brandão

POCAS PASCOAL

Maria Esperança Pascoal nasceu em 1963 em Luanda, Angola. Mudou-se para Portugal aos 16 anos, quando se intensificou a guerra civil em Angola, tendo regressado à terra natal dois anos depois, onde foi a primeira mulher operadora de câmera na televisão angolana. Frequentou o curso do Conservatoire National du Cinéma Français, dedicou-se à fotografia e realizou diversos documentários e curtas-metragens. Em 2002, fez parte do grupo de artistas da Cité Internationale des Arts e participou em diversas exposições de arte contemporânea. Em 1998, fez seu primeiro curta de ficção *Pour nous*; depois, realizou *Memórias de Infância* (2000); *Sempre Alguém que Te Amo* (2003), que foi desenvolvido em uma residência em Lussas, premiado pela Société Civile des Auteurs Multimédia (Scam) e selecionado em diversos festivais; *Amanhã Será Diferente* (2009); *Alda e Maria – Por Aqui Tudo Bem;* e *Girlie* (2017).



A ESPOSA DO COVEIRO

La Femme du fossoyeur






FRANÇA/SOMÁLIA/ALEMANHA/FINLÂNDIA | 2021 | 83 MIN | FICÇÃO

Na cidade de Djibuti, no Chifre da África, Guled (Omar Abdi) está entre um grupo de homens que ganham a vida enterrando os corpos que são entregues a um hospital local. Quando sua amada esposa Nasra (Yasmin Warsame) contrai uma infecção nos rins, o casal se vê em apuros, pois um transplante está financeiramente fora de alcance. A pragmática Nasra resolve aproveitar seus dias restantes com o marido e o filho, mas Guled não pode deixá-la ir – e ele resolve fazer a única coisa ao seu alcance para salvá-la de seu destino. Uma ode poética ao vínculo inabalável que o casal compartilha, *A Esposa do Coveiro* encontra grande beleza na tristeza e nos grandes gestos e momentos de ternura entre duas pessoas profundamente apaixonadas.

Direção Khadar Ayderus Ahmed
Roteiro Khadar Ayderus Ahmed
Fotografia Arttu Peltomaa
Elenco Yasmin Warsame, Omar Abdi, Khadar Abdoul-Aziz Ibrahim



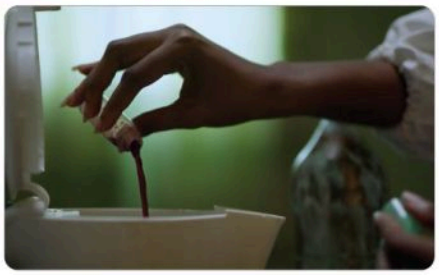
KHADAR AYDERUS AHMED

O escritor e diretor finlandês-somali Khadar Ayderus Ahmed nasceu em Mogadíscio há 40 anos. Dirigiu vários curtas-metragens de sucesso, como *Yövaras* (2017). Ele também se destacou como roteirista, incluindo *Saattokeikka* (coescrito com Samuli Valkama, 2017) e no curta-metragem premiado com Locarno e Angers *Kaupunkilaisia* (dirigido por Juho Kuosmanen, 2008). *A Esposa do Coveiro* é seu primeiro longa-metragem.

JUJU STORIES

Juju Stories







FRANÇA/NIGÉRIA | 2021 | 84 MIN | FICÇÃO

O que essas três histórias podem ter em comum? Uma mulher tentando forçar um homem a ficar com ela com um feitiço, um ladrão mesquinho que se transforma em um inhame depois de pegar um dinheiro que não lhe pertence, uma mulher que suspeita que sua melhor amiga obsessiva seja uma bruxa. Todas estão enraizadas no folclore nigeriano e nas lendas urbanas em torno do juju, ou no sistema de crença espiritual usado em algumas práticas religiosas na África Ocidental, nas quais objetos como amuletos e feitiços podem ter propriedades mágicas. Este filme nos imerge na exploração dessas práticas por meio de histórias divertidas e fascinantes contadas a partir de diferentes perspectivas e propostas estéticas, formando um ponto de encontro perfeito entre três novas vozes criativas, inovadoras e jovens com crenças e tradições profundas da cultura nigeriana. Estreadas na edição de 2021 do Festival de Cinema de Locarno e ali premiadas com o prêmio Boccalino d'Oro da Crítica Independente, essas são as histórias que fazem parte do filme *Juju Stories*, antologia dirigida, escrita e produzida pelo coletivo nigeriano de cinema Surreal16. O filme inclui: *Love Potion*, dirigido por Omonua, *YAM,* dirigido por Makama, e *Suffer The Witch,* dirigido por Obasi.

Direção Surreal16 Collective – Abba T. Makama, Michael Omonua e C.J. Obasi
Roteiro Surreal16 Collective – Abba T. Makama, Michael Omonua e C.J. Obasi
Fotografia Femi Awojide
Elenco Belinda Agedah Yanga, Paul Utomi, Elvis Poko

SURREAL16 COLLECTIVE

Trabalhando em Nollywood e desiludidos com a abundância de comédias pastelão e filmes de casamento, o Surreal16 Collective, formado pelos cineastas Abba T. Makama, Michael Omonua e C.J. "Fiery" Obasi, tem como missão diversificar a produção e incentivar um novo tipo de cinema na Nigéria. Inspirado no movimento Dogma 95, o coletivo escreveu um manifesto contendo dezesseis regras e diretrizes que regem a realização de seus filmes. As regras foram anunciadas durante um painel no Africa International Film Festival (AFRIFF) 2017 após a exibição de seu primeiro filme antológico, o curta *Visions,* e foi seguido por um painel moderado intitulado: Nigerian Arthouse Cinema – Criando um Novo Tipo de Cinema. O painel foi moderado pelo renomado cineasta Newton Aduaka. Em 2021, o coletivo lançou sua segunda antologia, *Juju Stories*.



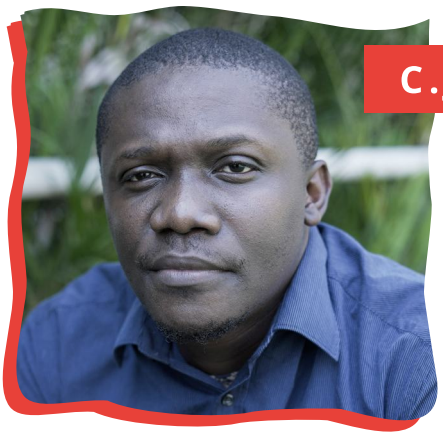
MICHAEL OMONUA

Michael Omonua se formou na escola de cinema da University for the Creative Arts (UCA) Farnham, Reino Unido, desde então, completou mais de dez curtas-metragens e um longa-metragem. Seus filmes foram exibidos em muitos festivais de cinema, incluindo International Film Festival Rotterdam (IFFR), London Short Film Festival, Encounters e AFRIFF. Em 2016, Omonua cofundou um coletivo de cineastas conhecido como Surreal16. O longa-metragem de estreia de Omonua, *The Man Who Cuts Tattoos*, teve sua estreia mundial no Festival de Cinema de Londres em 2019.

ABBA T. MAKAMA



Abba T. Makama é artista visual e cineasta. Ele é o fundador e diretor criativo da OSIRIS Film and Entertainment, um grupo criativo que projeta ideias e estratégias para mídia digital e tradicional. Abba estudou Cinema na prestigiosa New York University (NYU). Seu filme de estreia *Green White Green* teve lançamento mundial em 2016 no Festival Internacional de Cinema de Toronto e foi exibido em mais de 20 festivais internacionais, incluindo o Festival Internacional de Cinema de Estocolmo, a Semana da Crítica de Berlim e o Festival de Cinema de Carthage. Seu segundo longa, *O Okoroshi Perdido* (*The Lost Okoroshi*), também estreou no Festival de Toronto em 2019, seguido por exibições no BFI London 2019 e Berlin Critics Week 2020.



C.J. “FIERY” OBASI

C.J. “Fiery” Obasi cresceu assistindo a filmes de terror na Hammer House e lendo romances de Stephen King. Muito mais tarde na vida, C.J. deixou de lado seu diploma em Ciência da Computação da University of Nigeria (UNN) para se lançar no cinema em tempo integral. Sua estreia no longa-metragem foi com *Ojuju* (2014), e no curta-metragem com *Hello, Rain* (2018), baseado em *Hello, Moto,* da autora de renome mundial Nnedi Okorafor – ambos exibidos em mais de 30 festivais de cinema. Obasi está atualmente na pós-produção de seu terceiro longa, *Mami Wata*, um filme de fantasia em preto e branco voltado para mulheres.

UM CONTO DE AMOR E DESEJO

Une histoire d'amour et de désir






FRANÇA | 2021 | 102 MIN | FICÇÃO

Ahmed é um jovem estudante francês de origem argelina. Ao ingressar no curso de literatura da Sorbonne, ele se torna o orgulho dos pais e a chacota dos colegas da periferia. Quando descobre em aula a literatura erótica árabe e conhece a sedutora Farah, uma garota tunisiana, ele é confrontado com as origens magrebinas e tem seu primeiro contato com o amor, a paixão e o sexo.

Direção Leyla Bouzid
Roteiro Leyla Bouzid
Fotografia Sébastien Goepfert
Elenco Sami Outalbali, Zbeida Belhajamor, Diong-Kéba Tacu, Aurélia Petit, Mahia Zrouki, Bellamine Abdelmalek, Mathilde La Musse, Samir Elhakim, Sofia Lesaffre

LEYLA BOUZID



Leyla Bouzid nasceu em 1984 em Túnis, onde cresceu. Em 2003, ela partiu para Paris para estudar literatura francesa na Sorbonne, antes de estudar cinema na La Fémis. Dirigiu seu filme de formatura, *Mkhobbi Fi Kobba* (2012) e *Zakaria*, em 2013. Em 2015, seu primeiro longa metragem, *Assim que Abro Meus Olhos*, foi premiado no Festival de Veneza antes de ser selecionado por diversos festivais internacionais. *Um Conto de Amor e Desejo* é seu segundo longa-metragem.

KETEKE

Keteke






GANA | 2017 | 70 MIN | FICÇÃO

O filme conta uma história focada no sistema de serviço ferroviário dos anos 1980 no Gana. Um casal, Boi e Atswei, que vivem em Puna, está empenhado em dar à luz seu primeiro bebê em Akete, sua cidade natal. Muito perto do parto, o casal perde o trem, único meio de transporte da periferia para a cidade. Na pressa de chegar lá, eles agravam a situação com uma decisão errada e se encontram no meio do nada. Agora, o casal chegará a tempo para o parto ou corre o risco de perder o bebê e a mãe?

Direção Peter Sedufia
Roteiro Peter Sedufia
Fotografia Kelly Doe
Elenco Adjetey Anang, Lydia Forson, Fred Amugi, Clemento Saurez, Jeneral Ntatia

PETER SEDUFIA



Peter Sedufia estudou no National Film and Television Institute (NAFTI), em Gana, e formou-se com BFA em direção de cinema. Ele também possui um diploma ICM em gestão e administração de empresas. Sedufia é um escritor criativo e faz isso como hobby e profissão. Dirigiu vários curtas e longas-metragens com prêmios variados, incluindo FESPACO. Dirigiu *Master and 3 Maids*, série de comédia de 2016, com sequência em 2017. *Keteke* foi seu longa-metragem de estreia, com *Sidechic Gang* (2018) sendo o segundo. Ele fundou a série de workshops The Director's Call para cineastas em 2017 para oferecer a jovens e aspirantes a cineastas a oportunidade de serem treinados e orientados por profissionais da indústria em suas respectivas áreas de interesse.

WALLAY

Wallay





FRANÇA/BURKINA FASO/CATAR | 2017 | 84 MIN | FICÇÃO

Ady, um menino de treze anos, não escuta mais seu pai, que o cria sozinho no sul da França. O pai decide, então, confiar Ady ao tio Amadou no período de férias de verão, em uma região rural de Burkina Faso, seu país de origem. Lá, ele deve se tornar um homem, mas convencido de que está só de férias, Ady entende as coisas de maneira diferente. O conflito entre tradição e modernidade, tão caro às diversas narrativas dos cinemas africanos, encontra em *Wallay* uma abordagem contemporânea, leve e divertida. Através da experiência de Ady, é possível sensibilizar-se para as questões de cultura e identidade que persistem no indivíduo africano em diáspora no mundo inteiro.

Direção Berni Goldblat
Roteiro David Bouchet
Fotografia Martin Rit
Elenco Makan Nathan Diarra, Ibrahim Koma, Hamadoun Kassogué, Joséphine Kaboré

BERNI GOLDBLAT

Berni Goldblat é diretor, produtor, distribuidor e crítico de cinema suíço-burkinense. Tornou-se conhecido com o documentário *Ceux de la colline* (2009), sobre as dinâmicas em torno de uma mina de ouro em Burkina Faso, exibido em mais de 50 festivais pelo mundo. Goldblat também foi júri do Africa Movie Academy Awards durante dez anos e é cofundador da associação Cinomade, criada para divulgar ferramentas e estratégias de sensibilização para o audiovisual.



VOCÊ MORRERÁ AOS 20

Tu mourras à 20 ans





SUDÃO/FRANÇA/EGITO/ALEMANHA/NORUEGA/CATAR | 2019 | 105 MIN | FICÇÃO

Depois que um xeque previu para sua mãe, logo após seu nascimento, que ele morreria aos vinte e poucos anos de idade, Muzamil, de 19 anos, deve lidar com todos os eventos e as mudanças usuais da transição de jovem para adulto. Mas como alguém se prepara para uma idade adulta que, segundo a profecia, não chegará, ao mesmo tempo em que seu povo e sua família se preparam para seu funeral? O diretor Amjad Abu Alala explora essa questão neste cativante filme sudanês. Rodado no norte do Sudão durante as convulsões da revolução sudanesa, com todas as limitações de filmar em um país sem indústria cinematográfica e sob um governo islâmico, o filme de Amjad Abu Alala é o oitavo longa-metragem do país. Estreou mundialmente na seção paralela Venice Days do Festival Veneza, onde recebeu o prêmio Leão do Futuro de Melhor Filme de Estreia. O filme também se tornou o primeiro sudanês a ser considerado para concorrer ao prêmio de melhor filme internacional no Oscar 2020.

Direção Amjad Abu Alala
Roteiro Amjad Abu Alala e Yousef Ibrahim
Fotografia Sébastien Goepfert
Elenco Mustafa Shehata, Islam Mubarak, Mahmoud Elsaraj, Bonna Khalid, Talal Afifi, Amal Mustafa, Moatasem Rashed, Asjad Mohamed

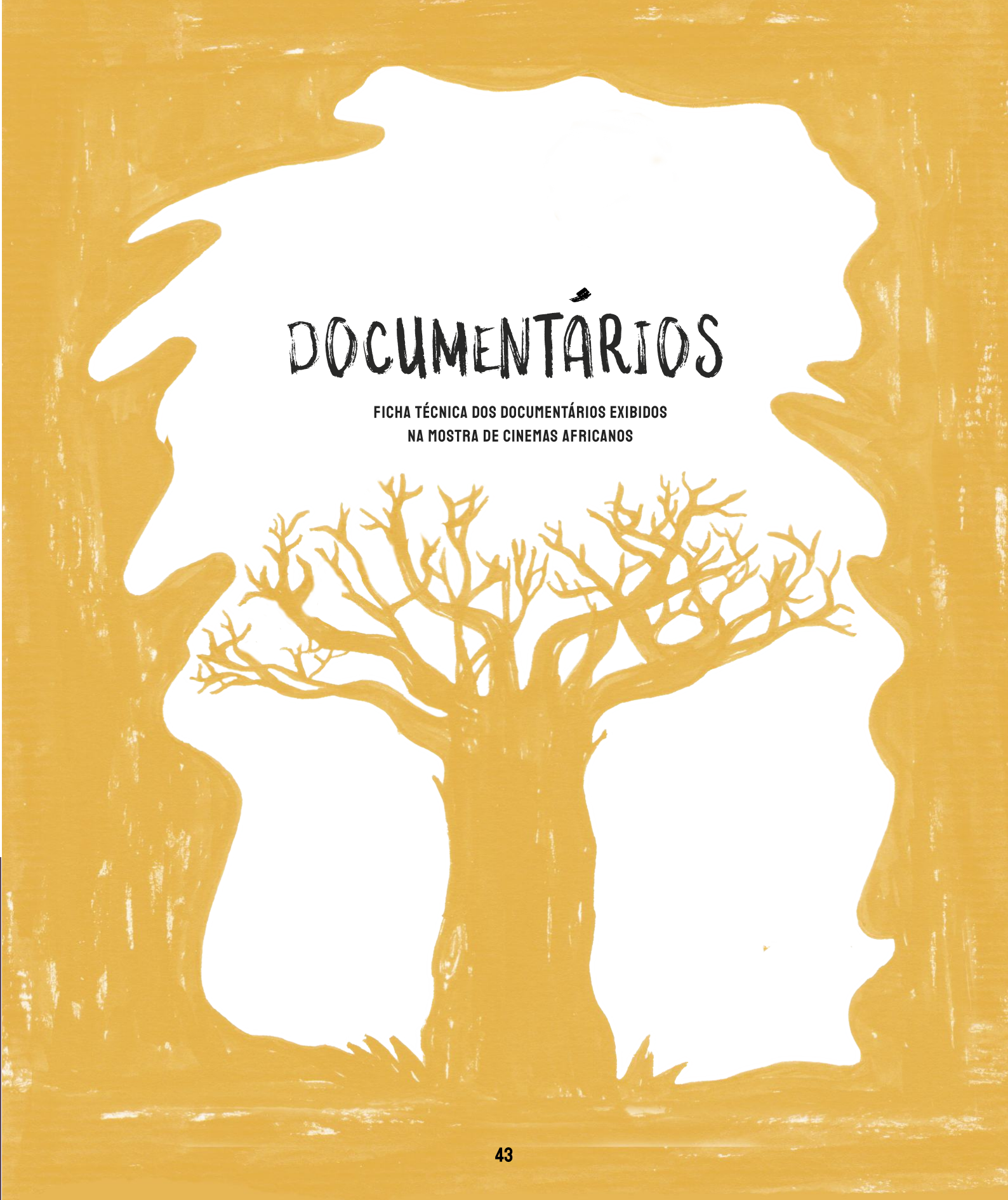
AMJAD ABU ALALA



Amjad Abu Alala é um diretor e produtor sudanês, nascido e atualmente residindo nos Emirados Árabes Unidos. Ele estudou mídia na Emirates University e trabalhou como diretor de filmes e documentários em várias instituições de mídia para canais árabes e ocidentais. Realizou diversos curtas-metragens exibidos em festivais de cinema pelo mundo, como *Orange and Coffee* (2004), *Feather of the Birds* (2007), *Teena* (2009) e *Studio* (2012). Atualmente, trabalha como Chefe do Comitê de Programação do Festival de Cinema Independente do Sudão.

DOCUMENTÁRIOS

FICHA TÉCNICA DOS DOCUMENTÁRIOS EXIBIDOS NA MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS



Sobre injustiça social e marginalização: novíssimos documentários africanos no Brasil



Por Alexie Tcheuyap • FRSC University of Toronto
Tradução Ana Camila Esteves

A edição deste ano da Mostra de Cinemas Africanos apresenta uma série de documentários que, para muitos, acabaram de sair do forno. Dito de outra forma, eles foram lançados recentemente, sendo que o mais antigo data apenas de 2019. Esses documentários também testemunham tanto a diversidade do gênero quanto a variedade de questões que os diretores escolheram abordar. Eles variam do meio ambiente à deficiência, à educação, à governança, à guerra e aos desafios de identidade. Por fim, é notável que entre os documentários está *Nós, Estudantes!* (*Nous, étudiants!*, 2022), de Rafiki Fariala, diretor da República Centro-Africana, país que, segundo muitos relatos, é quase um "deserto cinematográfico" pelo número limitado de produções ali disponíveis. No entanto, apesar de algumas especificidades estilísticas, o que todos esses documentários têm em comum é a capacidade de representar a experiência pós-colonial africana contemporânea. Isso é particularmente importante porque o gênero documentário surgiu em um contexto em que, de acordo com Melissa Thackway e Jean-Marie Teno, "o documentário colonial europeu não capturou a vida na África como ela era, mas a construiu como precisava ser na época do processo de colonização. Tendo sido alvo de tais deturpações, os cineastas africanos estavam altamente conscientes dessas construções representacionais e da proximidade – e fluidez – entre documentário e ficção" (*Reel Resistence: The Cinema of Jean-Marie Teno*, p. 19). Porque "muitos produtores ocidentais se recusaram a retratar a África da melhor maneira ao não usar o cinema para chamar a atenção do público para a necessidade de libertação de um continente enredado pela escravidão e opressão. Apenas alguns filmes corajosos trataram os africanos como seres humanos normais" (Nwachukwu Frank Ukadike, *Black African Cinema*, p. 48), as transformações tecnológicas e a relativa praticidade do gênero fizeram com que diretores africanos mais contemporâneos se voltassem para documentários. Esse gênero utiliza a vida, as pessoas, os espaços, o meio ambiente e a história como matérias-primas a serem transformadas por meio de estratégias representacionais específicas, pois, como diz Patricia Aufderheide, "documentários são *sobre* a vida real; eles não são a vida real" (*Documentary Film: A Very Short Introduction*, p. 2, ênfase da autora).

Este artigo se concentra em quatro documentários da programação da Mostra de Cinemas Africanos 2022 para determinar as maneiras pelas quais, em contextos específicos, eles "abordam *o* mundo em que nós [africanos] vivemos, em vez de *um* mundo imaginado pelo cineasta" (Bill Nichols, *Introduction to Documentary*, p. xi, ênfase do autor). *Nós, Estudantes!* (Rafiki Fariala, República Centro-Africana, 2022), *Caminhar sobre a Água* (*Marcher sur l'eau*, Aïssa Maïga,



Nós, Estudantes! (2022)

Níger, 2021), *Zinder* (Aïcha Macky, Níger, 2021) e *Navegando até Kinshasa* (*En route pour le milliard* (Dieudo Hamadi, RDC, 2020) se passam em diferentes países, mas trazem à tona diversos desafios enfrentados por populações locais abandonadas à própria sorte pela sociedade. Embora seja difícil nesse caso afirmar com Ukadike que esses documentários foram "deliberadamente inclinados para a descolonização e [...] contribuem para o processo de desenvolvimento de uma nova consciência que capacita as massas a compreender as realidades contemporâneas e a participar da luta pela liberdade total" (*Black African Cinema*, p. 230-231), eles têm o mérito de trazer à luz com força algumas questões fundamentais (e fundacionais) essenciais para a vida dos africanos, nomeadamente justiça social e melhor governação. As duas primeiras questões, provavelmente as mais básicas, são as necessidades de educação e água, que estão longe de ser garantidas na maioria dos países africanos.

Educação, água e desespero

A educação é supostamente um direito humano universal. No entanto, quantas pessoas desfrutam dela em nações não ocidentais onde, além disso, as populações carecem das necessidades mais básicas? É isso que está em jogo em *Nós, Estudantes!*, um documentário, como indica o título, sobre a experiência dos alunos, com foco específico em um grupo de quatro amigos: Nestor, Aaron, Benjamin e Rafiki (o diretor). No filme, também de certa forma muito pessoal e "subjetivo" pelo envolvimento do diretor, Rafiki Fariala expõe as dificuldades vividas pelos alunos da universidade onde estudam economia. Embora fale muito pouco sobre as especificidades da economia e das economias africanas, focando principalmente em teóricos ocidentais ou na competição entre China e Estados Unidos, no fim do capitalismo e no futuro do país, o filme é principalmente uma conversa entre um grupo de quatro alunos matriculados em um programa com pouca esperança de realmente se tornarem bem-sucedidos. Os alunos leem suas anotações de aula sob a iluminação pública nas ruas e fazem prova em salas lotadas, onde suam muito por causa do calor extremo. Os prédios da universidade são velhos e enferrujados, e os estudantes vivem em quartos inundados.

As primeiras imagens são de uma multidão de estudantes tentando entrar no anfiteatro. Em seguida, eles são vistos em um salão lotado, colados uns aos outros. A segunda imagem é a de um aluno preparando comida, mexendo o fufu com um pilão em uma panela. Os estudantes estão em seu quarto compartilhado. A conversa deles rapidamente se transforma em uma reclamação sobre corrupção no país. Os graduandos não conseguem um emprego e precisam subornar os professores para obter

uma boa nota. Mais importante, eles não parecem ter a mentalidade necessária para resistir a essa prática porque aqueles que não podem subornar seus professores são reprovados. Pior ainda: no documentário, essa prática flagrante é associada à predação sexual, pois, como Aaron, um dos meninos, ressalta: "Todas as alunas pertencem aos professores". Nestor acredita ter sido reprovado porque os professores suspeitam que ele está namorando garotas com quem anda. Aaron, um dos protagonistas, é posteriormente convocado pela polícia por ter "estuprado" uma menina de quinze anos. Mais tarde, ela confessa que nunca foi estuprada, e a câmera segue o estudante enquanto ele vai até a família da garota para providenciar o preço do orgulho e negociar outros acordos culturais. Quando ela finalmente dá à luz gêmeos, podemos ver que o casal está completamente transformado. *Nós, Estudantes!* ilustra melhor as formas de *gouvernement* que, segundo Achille Mbembe, exibem múltiplas faces hediondas de coerção, não apenas limitadas à violência física. As múltiplas práticas predatórias que surgem como consequência tanto do baixo padrão moral quanto da escassez financeira no filme falam da privatização da gestão cotidiana,

> com o surgimento de panelinhas locais aproveitando [...] para realizar ganhos ilícitos e acertar contas pessoais. Não se trata mais simplesmente de explorar cargos burocráticos por meio de sinecuras que trazem renda extra, o tráfico no poder público envolvendo uma concepção de cargos como bens a serem comprados e vendidos. Em alguns casos, a situação é tal que todos cobram um imposto de seus subordinados e dos clientes do serviço público, com o exército, a polícia e a burocracia operando como uma raquete, espremendo aqueles que administra (*On the postcolony*, p. 84).

No entanto, além do foco na sexualidade e nos abusos aos quais os alunos são submetidos na universidade, *Nós Estudantes!* parece ser muito realista, com todas as cenas naturais e, às vezes, edição mínima. Ao se concentrar na educação, o filme também aborda questões de governança que continuam sendo a praga de muitos Estados pós-coloniais. Como muitos países africanos, a República Centro-Africana é feita refém por um grupo de elites corruptas determinadas a permanecer no poder. Um dos alunos canta enquanto faz iogurte: "*Vá embora, vá; Você deu uma mordida grande o suficiente, agora vá embora; Deixe este emprego; Você já roubou o suficiente, agora vá embora; Saia, saia; Você já roubou o suficiente, agora vá embora; Você roubou dinheiro do Estado*".

No final, Nestor se torna um comerciante, vendendo pequenos itens (sabonetes, detergentes, loções corporais) na rua. Este é um documentário sobre a desilusão dos jovens estudantes. Quanto a Rafiki, ele quer ser cineasta para poder viajar e apoiar a África. Curiosamente, *Nós, Estudantes!* termina com algo bastante comum no filme: uma canção em glória a Jesus Cristo. Eles têm fé em si mesmos e no Cristo: "*Creio Nele. Eu acredito em Jesus Cristo*". A religião está presente no filme, e, à medida que a música cristã fecha a narrativa, resta perguntar se é assim que essa elite corrupta vai abrir mão do poder. Apesar da situação deplorável do ensino superior e da corrupção do governo liderado pela gerontocracia na República Centro-Africana, o documentário apresenta uma universidade um tanto funcional. O sistema educacional é mais frágil no Níger.

Quando se considera uma escola composta por uma única sala de aula e as condições em que os jovens alunos estudam em *Caminhar sobre a Água*, de Aïssa Maïga, fica-se tentado a afirmar que Nestor, Aaron, Benjamin e Rafiki estão de fato em melhor situação. Enquanto eles podem frequentar a universidade e, no caso de Aaron, acabar se formando mesmo sem emprego, a educação é apenas um luxo no documentário de Maïga. As crianças não podem frequentar a escola porque precisam cuidar dos irmãos mais novos e, também, caminhar longas distâncias para buscar água. A água é essencial para a vida de Tatiste, uma pequena vila que passa por

uma seca severa devido às mudanças climáticas. Isso é bem articulado pelo narrador masculino do filme:

> *Nossa terra está se transformando. No passado, se as crianças ficassem na aldeia, elas se perdiam no mato denso. Os animais costumam se esconder na grama alta. Isso não existe mais. Hoje, os animais selvagens também desapareceram. A girafa, por exemplo. Não há mais chacais. Nem uma única lebre. No final, resta apenas a terra.*

As alterações climáticas têm consequências graves para todos e para tudo. As crianças, cujo símbolo vivo é Houlaye, de quatorze anos, faltam à escola porque precisam buscar água. Ela cuida de seu irmão mais novo, pois sua mãe partiu para a Nigéria e depois para o Togo em busca de uma vida melhor. Ela constantemente adormece na aula quando pode comparecer. Além disso, as mulheres têm que deixar a família para ir à cidade ou à Nigéria procurar emprego para sustentar o lar. A busca de água e o apoio familiar são atividades de gênero muito bem ilustradas pelo destino de Houlaye. Assim, além dos desafios ambientais e da desertificação severa, *Caminhar sobre a Água* também trata da experiência feminina de dificuldades em ambientes rurais.

Limitar as oportunidades de educação para as crianças é uma das muitas consequências da narrativa do enredo principal em *Caminhar sobre a Água*, que se passa em uma comunidade remota da aldeia, onde Houlaye e Biguel são apresentados através da voz *over* do narrador e lamentam a falta de água ou rios bem no início do filme. Isso é acompanhado por panorâmicas extensas e expansivas de paisagens desertas em um espaço onde todos concordam que a única solução é ter poços para tornar a vida possível. O filme mostra mulheres lamentando a escassez de água e a má qualidade do pouco que têm a sorte de conseguir. Nessa comunidade, há claramente uma relação de gênero com a água. As mulheres são as que mais sofrem, pois são elas as responsáveis por buscar água. Quando a autoridade administrativa local visita a aldeia, aborda as mulheres e o seu papel de arquitetas sociais, bem como a importância da



Caminhar sobre a Água (2021)

frequência escolar. Ela as lembra de suas contribuições na educação dos filhos e incentiva as crianças a irem à escola, porque a educação é fundamental para a transformação social. O filme inclui várias tomadas de cima, com mulheres indo buscar água em um poço comunitário, que entendemos ser bem fundo. O primeiro balde de "água" é um líquido cheio de detritos e insetos mortos. A cor é uma mistura de amarelo. Eles usam um pedaço de pano como "filtro", e o que sai dele é usado para consumo. Claramente, essa população não tem escolha a não ser se sujeitar a riscos de saúde extremamente perigosos. Uma das lições na escola da aldeia é sobre as mudanças climáticas. Além da escassez de água, o professor fala do continente africano como lixeira para os países desenvolvidos. A câmera faz vários *closes* em burros carregando grandes baldes para ir buscar água. Os agricultores Fulani têm que viajar muito porque não há pasto para o gado. Chove no máximo dois meses por ano. Todos lutam pela água, cuja ausência tem consequências para a educação, a saúde e a nutrição. E, como as mulheres claramente

colocaram às autoridades durante a reunião, a única solução para resolver a escassez é a construção de um poço moderno, uma vez que o disponível na região é extremamente rudimentar e só volta com água suja.

Aïssa Maïga construiu seu documentário em uma estrutura temporal linear, de outubro a janeiro, depois abril e de volta a outubro. O ciclo de vida é estruturado em torno da disponibilidade de água, e é até cerca de uma hora inteira do filme, em julho, que se vê a primeira chuva, que vem com uma transformação marcante em toda a narrativa: nova trilha sonora animada e menos melancólica, espaços verdes, árvores, crianças brincando em ruas lamacentas, dançando e sorrindo em uma nudez descuidadamente exibida pela diretora, cores mais vivas etc. A estrutura linear de *Caminhar sobre a Água* é propícia a um final feliz, pois as populações acabam por ter o que há muito vêm reivindicando do governo: um poço moderno. Quando ele é construído, a atmosfera na aldeia é semelhante ao momento em que choveu: felicidade superlativa. O furo que finalmente fornece água de verdade, ou seja, *água limpa*, é construído pela Amman Imman, uma ONG local, com o apoio do governo do Níger. As pessoas agora terão acesso à água potável. As crianças poderão frequentar a escola regularmente. As famílias não terão mais que ser separadas.

Caminhar sobre a Água é um documentário extremamente realista, que fala sobre as necessidades básicas das populações em ambientes onde as pessoas são atingidas pela miséria, pela pobreza e pela má governança. É preciso uma ONG para ajudar as populações a finalmente desfrutar de um recurso natural disponível a apenas algumas centenas de metros abaixo de seus pés. Esse é o lembrete não apenas de que os africanos raramente se beneficiam de seus próprios recursos (a água aqui é um exemplo), mas também de que eles nem sempre estão cientes de sua existência, como ilustrado no filme. A incapacidade do governo de fornecer as necessidades mais básicas é indicativa de uma situação que durou muito tempo e ajudou a posicionar as ONGs como principais atores na vida cotidiana africana. Ao contrário de ambientes rurais desérticos onde as populações e, especialmente, as crianças são forçadas a depender da assistência do governo ou de ONGs, as populações urbanas do país país parecem claramente mais engenhosas quando se trata de estratégias de sobrevivência em contextos de grave injustiça social e marginalização.

Injustiça social e marginalização

Enquanto *Caminhar sobre a Água* pode ser rotulado de "documentário rural" por conta de onde é filmado, *Zinder*, de Aïcha Macky, é ambientado na segunda maior cidade do Níger. O filme também apresenta inúmeras tomadas de um ambiente severamente degradado e se concentra em um bairro específico, o de Karakara, governado por uma gangue, lembrando-nos a pergunta crucial de Henri Lefebvre: "Qual é o modo de existência das relações sociais?" (*A Produção do Espaço*, p. 401), ao que responde: "Sua sustentação é espacial. Em cada caso particular, a conexão entre esse fundamento e as relações que ele suporta exige análise" (p. 404). O espaço (aqui o espaço urbano, como veremos) é central para a identidade de todos os protagonistas que concordaram em se abrir para a diretora, como é compartilhado logo no início da narrativa:

> *Zinder, Níger. Uma cidade no coração do Sahel. Seu distrito Karakara é historicamente o lar de leprosos e párias. Seus filhos formaram gangues conhecidas como "palais-palácio", temidas pela população. Sou filha do Zinder. Os ex-membros e os ativos das gangues concordaram em abrir seu mundo para mim para que eu pudesse contar sua história.*

Provavelmente chocante para qualquer espectador informado e, especialmente, para os sobreviventes do Holocausto, o filme começa com uma motocicleta onde um

homem carrega orgulhosamente uma bandeira com o símbolo nazista. Ele pertence à Gangue de Hitler, cujos membros vemos esticando seus músculos para fotos. Os líderes do grupo são Siniya Boy, Bavo, Ramatou Ma Maïna, conhecido como Ramsess, e James. Pode-se ler "ITLEUR" (uma pronúncia francesa modificada de Hitler) no chapéu de Siniya Boy, um sinal de que essas pessoas decidiram deliberadamente se comprometer com um repertório historicamente ofensivo e hediondo.

Enquanto o documentário acompanha antigos (presos) e atuais membros do grupo em Karakara, o bairro que Siniya Boy chama de "covil de gangues" também é uma topografia urbana sobre a marginalização, que ilustra como a falta de oportunidades se traduz em violência e crimes destemidos. Karakara simboliza a gravidade das desigualdades sociais porque "espaço" se torna sinônimo de precariedade. Siniya Boy afirma isso ao narrador, que mais tarde ecoa em termos inequívocos: a falta de oportunidade e educação leva à criminalidade. Karakara tornou-se um paraíso para crimes violentos, especialmente depois que vários jovens são "treinados" na Nigéria. É também a localidade onde demografias específicas são relegadas e forçadas a conviver: leprosos, cegos, mendigos, criminosos, prostitutas, "lixo humano", como visto em *Xala* (1973), de Ousmane Sembène.

Além de Karakara, há o Red Light District, outro espaço onde a câmera nos leva e que mostra adolescentes que têm a sorte de não serem contrabandeadas para a Nigéria como prostitutas. De acordo com Tudun James, membros de gangues costumavam prender meninas do Red Light District com saias curtas e "discipliná-las" em seus campos, por meio do espancamento e do estupro. Eles fazem isso enquanto tocam reggae, fumam maconha e tomam Tramadol, uma droga perigosa popular entre os jovens. Embora Tundu James esteja muito arrependido ao falar com a diretora, ele reconhece que o desemprego leva a brigas e roubos. *Zinder* ilustra claramente a descrição de Frantz Fanon dos binários espaciais coloniais e maniqueístas. Como nos tempos coloniais, Red Light District e Karakara ilustram que, em "um mundo sem espaço, as pessoas são empilhadas umas sobre as outras, os barracos espremidos entre si. O setor do colonizado é um setor faminto, faminto por pão, carne, sapatos, carvão e luz" (*The Wretched of the Earth*, p. 4).

A antropologia da violência urbana está perfeitamente enquadrada na forma como Aïcha Macky maneja sua

Zinder (2021)



câmera em *Zinder*. A câmera faz *closes* no corpo de Bavo, mostrando manchas com grandes cicatrizes causadas por metal, facas, facões, navalhas, garrafas quebradas e outros objetos durante brigas com gangues rivais. Esses *close-ups* extremos mostram corpos gravemente feridos e debilitados: peitos, rostos, bochechas, olhos, pescoços, estômagos, costas, braços, pernas, dedos etc. Corpos de vítimas femininas também são mostrados, transformando-os em lugares de memória: as cicatrizes são lembranças físicas de um passado violento. Esses corpos feridos com inúmeras cicatrizes tornam-se um grande significante não apenas das exclusões sociais, mas também, principalmente, da intrincada relação entre violência, sobrevivência e memória.

Curiosamente, a violência social e o crime não são retratados como uma fatalidade no documentário. Membros de gangues se tornam contrabandistas para sobreviver. Ramatou Maïna, ou Ramsess, o membro da gangue que é hermafrodita, está no negócio de contrabando de gás da fronteira nigeriana. A câmera o segue enquanto ele arrisca sua vida, enfrentando funcionários da alfândega e dirigindo perigosamente à noite quando busca seu suprimento. O gás falsificado é posteriormente vendido nas ruas para revendedores, entre os quais está Siniya Boy. Também vemos ele e sua equipe trabalhando em uma pedreira, quebrando enormes rochas para serem usadas na construção. O único equipamento que eles têm é um martelo e um carrinho de mão para transportá-lo. O custo de uma carga é de cerca de três dólares. Nas últimas cenas, eles conseguem realizar seu sonho: criar uma empresa de segurança. Esse final otimista é mais uma ilustração do que tem sido o principal ponto de discussão do filme, ou seja, a relação entre a falta de oportunidades e o crime em contextos urbanos. Tal otimismo não é tão claro em *Navegando até Kinshasa*, de Dieudo Hamadi.

Embora seja fácil identificar a injustiça social como questão-chave em todos os documentários examinados até agora, essa preocupação aparece de forma ainda mais marcante em *Navegando até Kinshasa*, onde Hamadi se concentra na situação de um grupo de pessoas de Kisangani, na República Democrática do Congo (RDC), portadores de deficiências físicas visíveis. O grupo de amputados é formado por Modogo, Mama Kawele, Old Jean, Bozi, Mama Bahingi, Gédéon, Sola (Solange), Mama Kashinde (senhora sem braços) e o Presidente Lemalema. Eles são vítimas da Guerra dos Seis Dias, que aconteceu entre Ruanda e Uganda na RDC em 2000. Além de essa guerra colocar sérias questões no âmbito do direito internacional, o documentário retrata um grupo de marginalizados que, ao contrário de *Zinder*, onde recorrem a sobreviver, têm que lutar e esperar que seus direitos sejam respeitados.

Muitos documentários abordam as consequências humanas e sociais do extrativismo e de outras indústrias de mineração no Níger, em Burkina Faso, na Nigéria e em muitos outros países. Em *Navegando até Kinshasa*, Hamadi traça o perfil de um grupo de pessoas que ficaram gravemente incapacitadas por causa de uma guerra entre dois países africanos que lutavam em solo congolês para controlar os locais de mineração. Ao contrário de muitos filmes que se concentram nas consequências ambientais, este se concentra em seu custo humano: "Durante 6 dias em junho de 2000, Ruanda e Uganda lutaram nas ruas da cidade de Kisangani, na parte oriental da RDC. Vinte anos depois, as vítimas ainda exigem indenização". Além dessa legenda, ouve-se uma voz feminina cantando logo no início do filme: "*Dinheiro sujo de sangue. Exigimos dinheiro pelo nosso sangue. Nós morremos por nada. O que fizemos para merecer isso em nosso próprio país?*". Mais tarde, descobrimos que seu nome é Sola, um dos membros dos requerentes que se preparam para a viagem a Kinshasa.

A tradução para o inglês do filme (*Downstream to Kinshasa*) não traduz perfeitamente o enredo, essencialmente voltado para a preparação da importante viagem a Kinshasa, onde o grupo vai protestar porque nunca recebeu a indenização de um bilhão de dólares. Daí o título francês: *En route pour le milliard*. O longa é construído em torno



Navegando até Kinshasa (2020)

do movimento. Embora todos os membros do grupo sejam pessoas com deficiência física, o filme os apresenta andando em quase todas as cenas. É desnecessário dizer que seus movimentos são extremamente difíceis e fisicamente desafiadores. Para essas pessoas, necessidades simples, como tomar banho ou fazer cocô, são uma provação. As próteses e muletas machucam, são extremamente desconfortáveis e dolorosas.

As primeiras cenas do filme são tomadas não editadas que acompanham Sola, a que canta na narração. Ela é filmada pelas costas, andando com suas próteses. A câmera a segue até um *playground* coberto onde vários jovens com deficiências visíveis estão jogando basquete. Sola também pega uma bola e começa a brincar com seus amigos. Essa cena inaugural dura vários minutos, até que vemos Sola em um hospital, onde ela é internada enquanto espera que as pernas de plástico cheguem de Goma, uma cidade remota do Congo. O filme parece focar apenas em pessoas com deficiências visíveis. Alguns, como Sola, têm as duas pernas amputadas. Nós os vemos andando nas ruas com muletas ou cadeiras de rodas. Embora seja difícil afirmar que *Navegando até Kinshasa* é um filme de protesto, trata-se claramente isso. As vítimas protestam para que possam ser totalmente compensadas.

Todas essas pessoas são levadas à depressão e ao suicídio por todos ao seu redor, incluindo suas famílias, que se queixam de estarem cansadas de fazer "tudo" por elas. São consideradas um fardo para a sociedade e para as autoridades, que nada fazem para apoiá-las. Como Sola diz em uma explosão de raiva: "Você está perdendo seu tempo. Eu não vou cometer suicídio". Bozi, um dos integrantes do grupo, é órfão, mora com uma tia e tem uma namorada. Ambas pensam que ele é inútil. Há uma sensação severa e desesperada de inutilidade em uma sociedade que abandonou as vítimas da guerra. No entanto, muitas dessas pessoas são capazes de realizar certos trabalhos, como consertar telefones.

Sua advogada os leva a uma viagem caótica para Kinshasa em um barco rudimentar, enquanto a chuva cai. Essa viagem ilustra habilidades de direção muito interessantes, pois ficamos imaginando como Hamadi é capaz de capturar algumas das cenas mais complicadas na chuva ou quando o vento sopra. Em Kinshasa, eles alugam um quarto em que todos dormem no chão. A advogada leva o grupo a uma rádio, onde a equipe dá uma entrevista sobre aquela guerra que é totalmente desconhecida dos habitantes da capital. Segundo um dos oradores, "o Tribunal Internacional de Justiça condenou Uganda a pagar 10 bilhões de dólares de indenização à cidade de Kisangani, dos quais 1 bilhão é para os sobreviventes e outras vítimas. Já faz quase 19 anos, e ainda estamos esperando". Mais importante, o grupo está se apresentando no meio de uma campanha eleitoral presidencial. Isso dá uma oportunidade para Sola pedir aos eleitores que sejam muito cuidadosos com suas escolhas, pois alguns candidatos são cúmplices de ruandeses e ugandenses que os transformaram em viúvas e órfãos. Ironicamente, o governo congolês que se recusou a compensar essas vítimas por 18 anos contribuiu com milhões de dólares em ajuda para o terremoto no Haiti.

Eles vão à Assembleia Nacional, onde pedem, sem sucesso, uma reunião com as autoridades. São filmados de baixo enquanto sobem as escadas do enorme edifício. Sola e o presidente estão liderando o grupo, que é auxiliado por um jornalista. Eles são tratados com quase nenhuma dignidade, e um policial diz para voltarem no dia seguinte. A câmera o filma enquanto ele brutaliza as pessoas, causando alguns segundos de apagão na tela. A polícia de segurança maltrata-os e impede-os de entrar nas instalações da Assembleia. Uma briga começa quando os policiais tentam agarrar a câmera. Seguem-se cenas de tela preta no meio do caos, quando se ouve apenas o barulho das pessoas gritando. Mas eles foram espertos o suficiente e vieram preparados: sacam pratos e baldes e começam a bater, exigindo "o dinheiro do nosso sangue". Os membros bem vestidos da Assembleia Nacional passam enquanto eles cantam, ignorando-os. A cena caótica dura alguns minutos. Eles se dirigem aos representantes Kisangani em particular, que também os ignoram. Seguem para a sede da ONU, onde, novamente, seu protesto é ignorado por funcionários que os informaram que não têm nada a ver com a Guerra dos Seis Dias de Kisangani. As vítimas são transformadas em mendigos. Em uma explosão de raiva, pode-se ouvir Solange:

> *Olhe para nós; veja o que nos tornamos. Você acha que nascemos assim? Hoje nas ruas, crianças pequenas, adultos, todos olham para nós – nos tornamos inúteis; não nascemos assim. A guerra. Dois estados estrangeiros vieram lutar em nossa cidade; eles nos mataram; eles nos machucaram; eles nos mutilaram; Irmãos, isso dói. Isso dói. É de partir o coração. Nossos corações estão sangrando; o que devemos fazer para que eles nos ouçam? O que devemos fazer? O que devemos fazer?*

Além de se manifestarem nas ruas de Kinshasa, onde caminham dolorosamente com muletas, o grupo escreve ao Presidente da República para pedir uma audiência. Eles fazem um enorme estandarte e o seguram em frente ao palácio, onde organizam um protesto debaixo de chuva.

Apesar de sua condição extremamente dolorosa e do fato de serem todos tratados como párias, é óbvio que a deficiência, a miséria e a marginalização não determinam inteiramente suas vidas. Lembremos de Solange afirmando que nunca vai ceder à depressão. Curiosamente, há cenas muito felizes no documentário. Modogo, Mama Kawele, Old Jean, Bozi, Mama Bahingi, Gédéon, Sola, Mama Kashinde e o Presidente Lemalema são vistos dançando várias vezes. Sola chega a anunciar à mãe que vai ficar noiva de um estudante universitário por quem está apaixonada. O documentário termina com os amputados regozijando-se com a eleição de Étienne Tshisekedi como o novo presidente da RDC. Eles cantam "*Chegou a nossa hora*" e inundam as ruas com centenas de pessoas apitando e cantando. A alegria popular dura vários minutos, com panelas e tomadas do alto filmando multidões nas ruas. Um dos últimos planos diz em uma tela escura: "A Guerra dos Seis Dias terminou com mais de 1.000 mortos e 3.000 feridos. Segundo a HRW, os conflitos por recursos minerais na RDC mataram mais de seis milhões de congoleses entre 1996 e 2020. O número total de mortos desses conflitos foi o pior desde a Segunda Guerra Mundial". Embora não esteja claro se eles serão compensados, o final traz um tom extremamente positivo para uma narrativa dominada pelo desespero.

Conclusão

Os quatro documentários mencionados são apenas algumas amostras de uma dinâmica produção documental africana contemporânea. Eles assumem várias formas narrativas e discursivas que se enquadram perfeitamente em algumas categorias-chave, conforme ilustrado por Bill Nichols (*Introduction to Documentary*): reflexivos, porque estão preocupados com várias questões sociais e históricas, mas também performativos e de alguma forma autobiográficos, por causa da clara subjetividade no trabalho. Embora estejam longe de serem filmes de advocacia, sem dúvida podem ajudar a promover uma sociedade civil mais engajada se o público tiver acesso a eles. O que é outra questão importante.

NÓS
Nous






FRANÇA | 2021 | 117 MIN | DOCUMENTÁRIO

O RER B é um trem urbano que percorre Paris e seus arredores de norte a sul. A documentarista multipremiada Alice Diop nos leva por esses espaços suburbanos e nos confronta com alguns dos rostos e das histórias que os compõem. Um testemunho comovente da importância de filmar como um processo de lembrança, Nós é oportuno de várias maneiras. É sutil e astuto em um mundo que favorece atalhos e respostas fáceis. Adotando justificadamente a estrutura fragmentada de um retrato de retalhos para descrever uma sociedade dilacerada, Diop mostra um controle impressionante de seu ensaio e seu impacto. Nos primeiros minutos do filme, observa-se um cervo, através de binóculos. Uma certa sensação de distância estranha, criada pelo homem, permanece conosco. Isolamento, discriminação e nostalgia das hierarquias, herdadas de um passado monárquico... As divisões assombram o presente da França. Mas o desejo humano de dar e receber se infiltra teimosamente em todas as situações, observadas ou desencadeadas. Isso poderia ser a única coisa que ainda mantém uma nação unida?

Direção Alice Diop
Roteiro Alice Diop
Fotografia Sarah Blum, Sylvain Verdet, Clément Alline
Elenco Alice Diop, Ismael Soumaïla Sissoko, N'deye Sighane Diop, Pierre Bergounioux, Marcel Balnoas, Ethan Balnoas

ALICE DIOP

Alice Diop nasceu no subúrbio de Paris, na França. Seus filmes, que questionam a sociedade francesa e sua diversidade cultural, foram exibidos em festivais como Cinéma du Réel em Paris, BFI Londres, Karlovy Vary, Viennale e o festival de documentários em Lussas, na França. Seu documentário de longa-metragem *La permanence* (2016) ganhou o prêmio principal no Cinéma du Réel, enquanto seu curta *Pela Ternura* (*Vers la tendresse,* 2016) ganhou o prêmio César 2017 de Melhor Curta-Metragem.



DENTRO DA CASA

Dans la maison





BÉLGICA/FRANÇA/MARROCOS/CATAR | 2020 | 90 MIN | DOCUMENTÁRIO

Após anos de separação, a cineasta renova o relacionamento com a mãe, Aïcha, agora com Alzheimer. De Bruxelas a Tânger, a odisseia de uma família marcada pelo exílio é evocada através da discrição e da confissão, da dor, da separação, do luto e da alegria.

Direção Karima Saïdi
Roteiro Karima Saïdi
Fotografia Caroline Guimbal, Redha Benhamouda, Karima Saïdi
Elenco Karima Saïdi, Aïcha Saïdi

KARIMA SAÏDI



Karima Saïdi vive na Bélgica, onde nasceu em uma família de origem marroquina. Mestre pelo Institut Supérieur des Arts (INSAS) em edição de filmes e continuidade de roteiro, além de mestre em roteiro e análise pela Université Libre de Bruxelles (ULB). Trabalha como editora da televisão belga (RTBF) desde 1997, desenvolvendo também uma carreira como editora de documentários (*Une femme taxi à Sidi Bel-Abbès*, de Belkacem Hadjadj, 2000; *Les damnés de la mer,* de Jawad Rhalib, 2008; *Cheveux rouges et café noir*, de Milena Bochet, 2012) e supervisora de continuidade de longas-metragens (*Le cochon de Gaza*, de Sylvain Estibal, 2011; *Perder a Razão*, ou *À perdre la raison*, de Joachim Lafosse, 2012; *Adios Carmen*, de Mohamed Amin Benamraoui, 2013). Em 2013, ela criou *Murmurs et 10 voix*, uma série de retratos sonoros de imigrantes marroquinos em Bruxelas. Em 2016, dirigiu o curta-metragem *Aïcha*, uma evocação da morte de sua mãe, prelúdio de *Dentro da Casa,* seu primeiro longa-metragem. É docente nos departamentos de cinema do INSAS em Bruxelas e da École Supérieure des Arts Visuels (ESAV) em Marrakech.

APENAS UM MOVIMENTO

Juste un mouvement

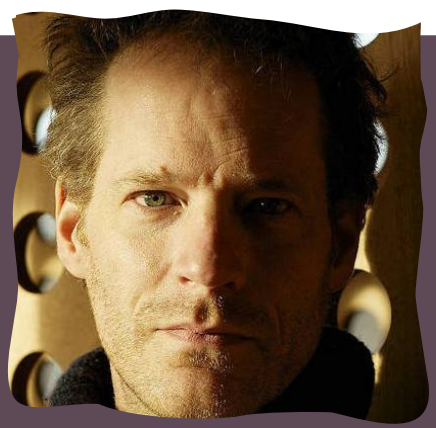


BÉLGICA/FRANÇA | 2021 | 110 MIN | ENSAIO DOCUMENTÁRIO

No Senegal, o nome de Omar Blondin Diop está associado a um crime de Estado impune. Na França, ele ficou principalmente conhecido na história como um ativista marxista em *A Chinesa* (1967), uma ficção de antecipação política de Jean-Luc Godard. Hoje em Dakar, seus irmãos e amigos se lembram dele enquanto a juventude local joga seu próprio destino sob o presente imperfeito da China-África.

Direção Vincent Meessen
Roteiro Vincent Meessen
Fotografia Vincent Pinckaers
Elenco Dialo Blondin Diop, Ousman Blondin Diop, Marie Thérèse Diedhiou, Alioune Paloma Sall, Bouba Diallo, Cheikh Hamala Blondin Diop, Alymana Bathily, Landing Savané, Marie-Angélique Sagna

VINCENT MEESSEN



Vincent Meessen nasceu em Baltimore, EUA, em 1971, e vive e trabalha em Bruxelas, Bélgica. Sua obra artística e fílmica é tecida a partir de uma constelação de figuras, gestos e signos que mantêm uma relação polêmica e sensível com a escrita da história e a ocidentalização dos imaginários. Ele descentraliza e multiplica olhares e perspectivas para explorar a variedade de maneiras pelas quais a modernidade colonial impactou o tecido das subjetividades contemporâneas. Tanto em seu trabalho como artista quanto como cineasta, gosta de utilizar procedimentos de colaboração que minam a autoridade do autor e enfatizam a inteligência dos coletivos.

ZINDER

Zinder





NÍGER/FRANÇA/ALEMANHA | 2021 | 82 MIN | DOCUMENTÁRIO

Na cidade de Zinder, no Níger, na área pobre de Karakara, que costumava ser o distrito dos leprosos, reina uma cultura de violência de gangues. Um grupo de jovens está tentando se libertar dessa violência, alguns estão tentando começar uma família e construir uma vida para si mesmos, em vez de acabar na prisão. Aïcha Macky, que vem de Zinder, filma seu cotidiano dividido entre suas gangues e suas famílias. Descobrimos como eles lidam habilmente com os desafios da vida e testemunhamos seu desejo de se libertar do ciclo de violência que construiu suas identidades.

Direção Aïcha Macky
Roteiro Aïcha Macky
Fotografia Julien Bossé

AÏCHA MACKY



Aïcha Macky nasceu em 1982 na República do Níger e obteve um mestrado em sociologia e documentário na Université Gaston Berger, no Senegal. Seu primeiro curta-metragem foi *Moi et ma maigreur* (2011) sobre a percepção do corpo magro pelos habitantes do Níger. Prosseguiu a sua formação na Contrechamps e na Maggia Images, em Níger, onde trabalhou como assistente em inúmeros longas-metragens e documentários. *Árvore sem Frutos (L'Arbre sans fruit,* 2016) foi seu primeiro documentário, exibido mundialmente e ganhador de vários prêmios.

RUA DO SAARA, 143

143, rue du désert





ARGÉLIA | 2019 | 100 MIN | DOCUMENTÁRIO

No meio do deserto do Saara, um reino particular é governado por uma rainha misteriosa e solitária. Embora desconfiada e cautelosa, Malika sempre recebe de braços abertos os viajantes que decidem parar em seu castelo transformado em cafeteria em busca de algo para beber, comer ou mesmo um conselho. Enquanto o mundo exterior continua a passar, emoldurado pelas margens de sua janela e porta, Malika parece viver fora do tempo sentada em seu trono com seu fiel companheiro felino. Mas seu reino pode estar em perigo agora que a modernidade está se aproximando, representada pela construção de um novo posto de gasolina e restaurante ao lado de seu castelo. Neste documentário observacional argelino-franco-catariano, o diretor argelino Hassen Ferhani pinta um retrato belo e íntimo com seu olho paciente das interações entre Malika e seus visitantes. O trabalho perspicaz de Ferhani foi recompensado com prêmios de prestígio como Melhor Diretor Emergente no Festival Internacional de Cinema de Locarno e Melhor Documentário Internacional no Festival Internacional de Documentário de Montreal e no Festival de Cinema de Torino, entre muitos outros.

Direção Hassen Ferhani
Roteiro Hassen Ferhani
Fotografia Hassen Ferhani

HASSEN FERHANI

Hassen Ferhani nasceu em Argel em 1986. De 2003 a 2008, ele coorganizou o cineclube da associação Chrysalide em Argel. Em 2006, dirigiu seu primeiro filme, o curta-metragem documental *Les Baies d'Alger*, selecionado em competição oficial de diversos festivais internacionais. Em 2008, participou do treinamento de verão da La Fémis e dirigiu o curta documentário *Le vol du 140*, e em 2010 codirigiu o documentário *Afric Hotel. Tarzan, Don Quichotte et nous* (2013), foi apresentado no Visions du Réel e FIDMarseille, bem como em vários festivais internacionais. *Fi rassi rond-point*, seu primeiro documentário em longa-metragem, foi lançado em fevereiro de 2015.



ESPOSAS EM SUSPENSO

Femmes suspendues



MARROCOS/FRANÇA/CATAR | 2021 | 73 MIN | DOCUMENTÁRIO

O filme acompanha três mulheres que foram abandonadas por seus maridos – Ghita, Latifa e Karima – e suas longas lutas pelo divórcio. Depois de anos de espera, elas decidem recorrer aos tribunais de suas regiões. O procedimento se mostra não apenas longo, mas também absurdo, pois as mulheres têm que provar primeiro que seus maridos estão ausentes.

Direção Merième Addou
Roteiro Merième Addou
Fotografia Mohamed Ali Saghraoui, Az-eddine Idrissi
Elenco Ghita, Latifa e Saadia



MERIÈME ADDOU

Nascida no Marrocos, Merième Addou se formou em Direito pela Universidade Mohammed V. Ela vive e trabalha em Rabat como correspondente freelancer para a Radio D-W. Ela também é produtora da Camino Media, uma produtora marroquina com sede em Rabat. De 2005 a 2008, Merième trabalhou como correspondente da BBC em Marrocos. Ela é mestre em Documentário pela Universidade de Tetuão e foi produtora associada da Casablanca Calling.

FALANDO SOBRE ÁRVORES

Talking About Trees






FRANÇA/SUDÃO/ALEMANHA/CHADE/CATAR | 2019 | 93 MIN | DOCUMENTÁRIO

Ibrahim, Manar, Suleiman e Altayeb, quatro membros veteranos do Sudanese Film Club, embarcam em uma jornada na qual pretendem reviver o cinema antigo para trazer a cultura cinematográfica de volta ao seu país. Na nação em crise, os quatro amigos encontram uma resistência insuperável.

Direção Suhaib Gasmelbari
Roteiro Suhaib Gasmelbari
Fotografia Suhaib Gasmelbari
Elenco Ibrahim Shaddad, Manar Al Hilo, Suleiman Ibrahim e Altayeb Mahdi

SUHAIB GASMELBARI



Suhaib Gasmelbari nasceu em 1979 no Sudão. Estudou cinema na França na Université Paris VIII. Escreveu e dirigiu diversos curtas-metragens, tanto de ficção quanto de documentário. *Falando sobre Árvores* é seu primeiro longa-metragem. É também investigador com especial enfoque em arquivos audiovisuais. Através de sua pesquisa, ele conseguiu encontrar alguns filmes sudaneses há muito perdidos e participa ativamente de projetos internacionais e locais para salvar e digitalizar filmes sudaneses, incluindo os de Ibrahim Shaddad, Suleiman Ibrahim e Altayeb Mahdi.

ÁRVORE SEM FRUTOS

L'Arbre sans fruits






NÍGER/FRANÇA | 2016 | 52 MIN | DOCUMENTÁRIO

O documentário pessoal destemido de Aïcha Macky quebra o silêncio sobre um tema tabu na sociedade nigerina: o ostracismo enfrentado por mulheres casadas que não têm ou não podem ter filhos. Falando sobre suas próprias lutas com a infertilidade – que no Níger é sempre atribuída às mulheres, nunca aos homens –, Macky trabalha para quebrar o estigma em torno da falta de filhos e oferecer esperança a outras mulheres que sofrem em silêncio.

Direção Aïcha Macky
Roteiro Aïcha Macky
Fotografia Aïcha Macky



NAVEGANDO ATÉ KINSHASA

En route pour le milliard






REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO/FRANÇA/BÉLGICA | 2020 | 88 MIN | DOCUMENTÁRIO

Há duas décadas que as vítimas da Guerra dos Seis Dias na República Democrática do Congo lutam em Kisangani pelo reconhecimento desse conflito sangrento, que deixou várias sequelas em seus corpos, exigindo indenização. Cansadas de apelos infrutíferos, decidiram finalmente expressar as suas exigências em Kinshasa após uma longa viagem pelo Rio Congo abaixo.

Direção Dieudo Hamadi
Roteiro Dieudo Hamadi
Fotografia Dieudo Hamadi

DIEUDO HAMADI

Dieudo Hamadi nasceu em Kisangani, República Democrática do Congo. Ele estudou medicina por três anos antes de mudar para o cinema. Desde então, dirigiu o curta documental *Dames en attente* (2010), o longa documental *Atalaku* (2013) e a seleção do Festival National Diploma (2014). *Navegando até Kinshasa* é seu último filme.



NÓS, ESTUDANTES!

Nous, étudiants!





REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA/FRANÇA/REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO
ARÁBIA SAUDITA | 2022 | 83 MIN | DOCUMENTÁRIO

Nestor, Aaron, Benjamin e Rafiki são estudantes de economia da Universidade de Bangui. Navegando entre as salas de aula superlotadas, os pequenos negócios que permitem que os alunos sobrevivam e o suborno à espreita por toda parte, Rafiki nos mostra como é a vida dos alunos na República Centro-Africana, uma sociedade destruída, onde a juventude continua sonhando com um futuro melhor para seu país.

Direção Rafiki Fariala
Roteiro Rafiki Fariala
Fotografia Rafiki Fariala
Elenco Nestor Ngbandi Ngouyou, Aaron Koyasoukpengo, Benjamin Kongbo Sombot

RAFIKI FARIALA



Nascido em 1997 em Kivu, na República Centro-Africana (RCA), de pais congoleses, Fariala Alolea Albert (também conhecido como Rafiki Fariala) chegou cedo à RCA, onde seus pais se refugiaram por causa da guerra. Eventualmente, apaixonou-se pela música de Makoma, um grupo religioso. Totalmente autodidata, começou a compor música. Em 2013, sob o pseudônimo de RAFIKI – RH20, gravou sua primeira peça *Por que guerra?,* que se tornou um hit. A partir daí, compôs muitas outras músicas e se torna figura promissora da cena musical de Bangui. Em 2017, foi selecionado entre 150 candidatos para participar do workshop documental organizado em Bangui pelos Ateliers Varan. Ao final do workshop, dirigiu seu primeiro filme, *Mbi na Mo* (2017). O filme foi selecionado nos festivais de Lausanne, Montreal, St Denis e Lille e no Biarritz FIPADOC.

CÂMERA DA ÁFRICA

Caméra d'Afrique




FRANÇA/TUNÍSIA | 1983 | 95 MIN | DOCUMENTÁRIO | VERSÃO RESTAURADA

Setenta anos após a invenção do cinema – e depois de várias décadas de cinema colonial usando a África como cenário exótico, muitas vezes negando humanidade e dignidade ao seu povo –, os africanos recém-independentes finalmente se apoderaram da câmera de cinema. Sem se deixar abater pela falta de meios e infra-estrutura, eles mostraram a realidade africana em suas formas variadas, vistas finalmente pelos olhos africanos. Usando trechos de filmes significativos, entrevistas com cineastas e imagens vintage raras, *Câmera da África* relembra os primeiros 20 anos do novo cinema de autor da África subsaariana, que testemunha um impulso infatigável – e ainda duradouro – pela expressão de si. Restauração 2K da impressão original em 16mm feita pelo Laboratório do CNC com o apoio do Institut Français.

Direção Férid Boughedir
Roteiro Férid Boughedir
Fotografia Sékou Ouedraogo, Charly Meunier

FÉRID BOUGHEDIR



O diretor, crítico e historiador de cinema Férid Boughedir nasceu em 1944 em Hammam-Lif, na Tunísia. Crítico de longa data, um dos mais conhecidos da África e do mundo árabe e autor de inúmeros livros, Férid Boughedir começou por fazer documentários sobre o novo cinema que saía dessas regiões: *Câmera da África* e *Caméra Arabe* (1983), ambos apresentados na Seleção Oficial de Cannes. Seu primeiro trabalho de ficção, *Asfour Stah*, foi exibido em Cannes em 1990 com aclamação da crítica e do público e continua sendo até hoje o maior sucesso do cinema tunisiano. *Un été à La Goulette*, em competição em Berlim (1996), também ganhou muitos prêmios. Amante apaixonado do cinema, tornou-se delegado, então diretor, do mais antigo festival pan-africano, o Festival de Cinema de Cartago. Finalizou *Villa Jasmin* em 2008, coproduzido por France 3 e Arte. Sua comédia de 2016, *Parfum de Printemps*, ganhou o prêmio de Melhor Filme Árabe no Festival Internacional de Cinema do Cairo de 2016.

MANDABI - A ORDEM DE PAGAMENTO

Mandabi







FRANÇA/SENEGAL | 1968 | 90 MIN | FICÇÃO | VERSÃO RESTAURADA

Filmado principalmente em wolof, este segundo longa de Ousmane Sembène foi o primeiro feito em língua africana, um passo importante para a realização do sonho do cineasta senegalês de criar um cinema por, sobre e para os habitantes de seu continente natal. Após o desempregado Ibrahima Dieng receber uma ordem de pagamento de 25 mil francos de um sobrinho que trabalha em Paris, a notícia de sua sorte inesperada se espalha rapidamente entre seus vizinhos, que o procuram em busca de empréstimos, mesmo quando suas tentativas de descontar o pedido são frustradas em um labirinto de burocracia. Um dos filmes mais engraçados e indignantes de Sembène, *Mandabi* – adaptação de uma novela do próprio diretor – é uma representação amargamente irônica de uma sociedade marcada pelo colonialismo e atormentada pela corrupção, pela ganância e pela pobreza.

Direção Ousmane Sembène
Roteiro Ousmane Sembène
Fotografia Paul Soulignac
Elenco Makhouredia Gueye, Ynousse N'Diaye, Isseu Niang, Serigne N'Diayes



OUSMANE SEMBÈNE

Ousmane Sembène nasceu em 1923 no sul do Senegal. Ele é frequentemente considerado o "Pai do Cinema Africano", um título condizente com o primeiro africano a fazer um filme de ficção distribuído fora da África, *O Carroceiro* (*Borom Sarret*, 1963). Seus romances e filmes examinam as muitas faces de um continente emergindo da era colonial, enfrentando as tensões da independência e da modernidade. Seu trabalho é uma história apaixonada da transformação política e social da África ao longo do século XX. Ousmane Sembène faleceu em junho de 2007 aos 84 anos, em Dakar, Senegal.

SAMBA TRAORÉ

Samba Traoré





BURKINA FASO/SUÍÇA/FRANÇA | 1992 | 85 MIN | FICÇÃO

Depois de cometer um assalto em que seu parceiro é morto, Samba retorna à sua aldeia na esperança de esquecer o passado. Ele conhece uma antiga paixão, Saratou, e se estabelece com ela e seu filho. No entanto, suas memórias ameaçam destruir sua felicidade recém-descoberta. Como em seu trabalho anterior, a narrativa de Ouédraogo tem uma qualidade mágica, mas aqui os personagens e o cenário são completamente modernos.

Direção Idrissa Ouédraogo
Roteiro Idrissa Ouédraogo, Jacques Arhex, Santiago Amigorena
Fotografia Pierre-Laurent Chénieux
Elenco Bakary Sangaré, Mariam Kaba, Abdoulaye Komboudri, Irène Tassembédo

IDRISSA OUÉDRAOGO

Idrissa Ouédraogo nasceu em Banfora, Burkina Faso, em 1954. Formou-se no Institut Africain d'éducation cinématographique em Ouagadougou, continuou seus estudos em Kiev, na antiga União Soviética e em Paris, onde se formou no Institut Des Hautes Études Cinématographiques (IDHEC) em 1985. Seu trabalho frequentemente explorou o conflito entre vida rural e urbana e tradição e modernidade no seu Burkina Faso natal e em outros lugares da África. Ouédraogo faleceu em fevereiro de 2018 aos 64 anos, em Ouagadougou, Burkina Faso.



CURTAS

FICHA TÉCNICA DOS CURTAS-METRAGENS EXIBIDOS EM QUATRO SESSÕES NA MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS

CURADORIA DOS CURTAS

KARINY MARTINS E BEA GEROLIN

Trazer filmes que possam dar conta da dimensão da cinematografia de um continente em um contexto contemporâneo é desafiador. Ao se propor esse exercício, é necessário elencar elementos primordiais que possam sintetizar as complexidades de cada país, estabelecendo um fio condutor que una essas particularidades. Quando o continente em questão é África – que, por diversas vezes, foi e ainda é reduzido em discursos colonialistas que compreendem elementos que cruzam o Atlântico e carregam um imaginário repleto de analogias anacrônicas –, o desafio se amplifica.

Ao propor a curadoria dos curtas-metragens que compõe a Mostra de Cinemas Africanos da edição 2022, consideramos os questionamentos anteriores, mas sobretudo: como contar histórias atuais para um público que desconhece as histórias que as antecedem? Pensando em um paralelo com as cinematografias dos pioneiros do Cinema Africano, traçamos uma proposta em que consigamos olhar para as narrativas do contemporâneo, entendendo uma conjectura que conecte com o histórico desse pioneirismo, trazendo os lampejos de descolonização do continente que se ampliou nas telas para a discussão.

Entendemos também que, ao considerar as mudanças globais, quais impactos nas narrativas negras podemos ver nos filmes africanos de hoje? Os treze filmes que compõem a mostra são produzidos em contextos distintos: Mali, Senegal, Egito, Tunísia, Gana, África do Sul e Burkina Faso, além de diretores/as radicados no Reino Unido e na França e que eventualmente perpassam esses países como coprodução. Ou seja, a partir desses contextos de produção, temática e estética, podemos, assim, assistir a um continente diverso e plural.

Dessa forma, convidamos a cada pessoa que se propõe a acompanhar os programas de curtas-metragens a ampliar seus horizontes acerca de África e suas histórias, que possam ver nas estéticas de seus filmes uma outra epistemologia possível e que possam entender a partir de suas produções um outro modo de perceber e fazer cinema. Que possamos cada vez mais ver e ouvir Cinemas Africanos. Boa sessão!

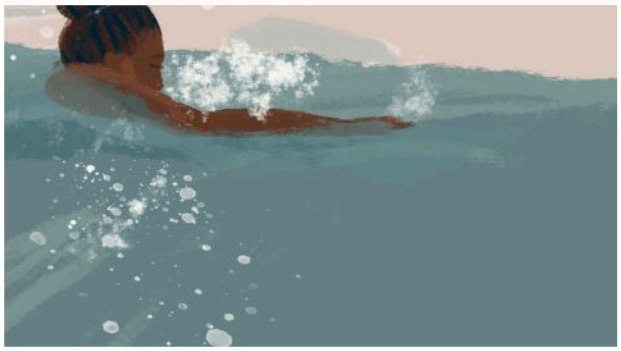
NA SUPERFÍCIE

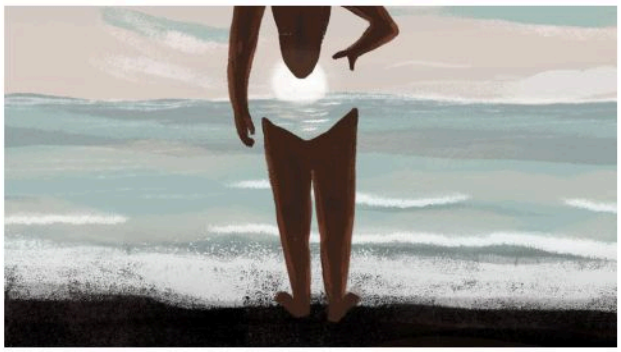
On the Surface

ISLÂNDIA/ESTADOS UNIDOS/MALI
2021 | 4 MIN | FICÇÃO

Uma jovem negra vai nadar no mar da Islândia e reflete sobre sua experiência de criar um filho em um país que não se parece em nada com o lar. Ao entrar na água gelada, ela revive sua gravidez traumática. Estar em estado selvagem e enfrentar seus medos está ajudando-a a se curar.

Direção Fan Sissoko
Roteiro Fan Sissoko
Animação Fan Sissoko
Voz Enid Mbabazi







Fan Sissoko é uma artista e cineasta franco-maliana baseada em Reykjavik, com experiência em design para mudança social. Seu trabalho explora temas de migração, maternidade, alteridade e neurodiversidade. Comissões notáveis incluem trabalhos para o Migration Museum, o Museu de Londres, a Science Gallery Dublin e o National Trust. Seu curta de animação *On the Surface* foi premiado com uma bolsa da Art With Impact e exibido em festivais em todo o mundo, incluindo Clermont Ferrand ISFF (França), Encounters (Reino Unido), Ottawa International Animation Festival (CA), Margate Film Festival (Reino Unido), Rex Animation Festival (SWE). Ganhou o Heartwired Award no Our Heritage, Our Planet Film Festival (Estados Unidos). Seu documentário codirigido, *We The People* (2019), ganhou o Film Futures Awards como parte do Little Wing Film Festival 2020.





PRAGA SOB A OLIVEIRA

Plague Under the Olive Tree

TUNÍSIA | 2021
10 MIN | EXPERIMENTAL

O filme segue a jornada de Alex, um membro dos Ultras, em sua cidade natal Sfax, na Tunísia, enquanto representa visualmente seus pensamentos, sentimentos, frustrações e ideias para mostrar o impacto e a influência do movimento Ultras na cena urbana e na cultura da cidade. Um mergulho em lembranças, sensações, ideias e frustrações. Youssef Ksentini apresenta, através de Alex, que retorna à cidade onde passou a maior parte de sua vida, uma homenagem ao seu time e ao movimento Ultras, de forma sensível e poética.

Direção Youssef Ksentini
Roteiro Youssef Ksentini
Fotografia Khalil Hachicha

Youssef Ksentini é diretor de cinema e artista visual de Sfax, Tunísia. Em 2009, começou a experimentar arte de rua, design e produção musical com seu grupo local Ultras antes de começar a estudar direção de cinema e roteiro. Ele obteve seu mestrado em Túnis em 2015, ganhou o 48HFP Túnis duas vezes em 2014 e 2016 e esteve envolvido em outros projetos como diretor de cinema antes de partir em 2018 para Nova York, com um visto de artista, onde passou dois anos e escreveu e dirigiu dois curtas-metragens. Em 2021, mudou-se para Paris, França, para obter um mestrado profissional em mercado de arte contemporânea no IESA.



CAI-BER

Cai-Ber

EGITO/INGLATERRA | 2021
17 MIN | FICÇÃO





Em um Cairo pós-revolução, depois de inúmeras tentativas fracassadas para escapar do *status quo* da depressão de sua geração, Nour, 29, secretamente arranja uma fuga de sua terra natal. Horas antes de sua partida, ela embarca em uma jornada de luta com uma sociedade patriarcal e uma luta interna para manter seu segredo escondido. O que fazer quando a fuga é a melhor possibilidade de existência ao mesmo tempo em não há formas de fugir? Cai-Ber, curta-metragem do diretor egípcio Ahmed Abdelsalam parte desta pergunta para contar a história de Nour. Nele, a protagonista mora em uma Cairo que vivencia os traumas de uma pós-revolução e faz da fuga a sua jornada de sobrevivência.

Direção Ahmed Abdelsalam
Roteiro Ahmed Hosny
Fotografia Mostafa El-Kashef
Elenco Mariam Al-Ferjani, Ibrahim El-Naggary



Ahmed Abdelsalam é um diretor de filmes, comerciais e videoclipes do Cairo. Abdelsalam se formou na MetFilm School London com mestrado em Direção de Cinema. Anteriormente, ele havia recebido um diploma de bacharel em Comunicação de Massa e Artes da Mídia. Seu curta de estreia, *Cai-Ber,* foi selecionado oficialmente no Gouna Film Festival, 5ª edição. A expertise do cineasta abrange uma variedade de gêneros que parecem sempre ter um toque inventivo e vanguardista. Ele é conhecido por fundir estilo cinematográfico e sofisticação com trabalho comercial para alcançar resultados distintos. Atualmente, o tempo de Abdelsalam é dividido entre sua terra natal, Cairo, e Londres, trabalhando em diversos projetos, incluindo filmes, videoclipes e TVCs.

SESSÃO 1

Fragmentos da história: singularidades e conjunções





ASTEL

Astel

SENEGAL/FRANÇA | 2021
24 MIN | FICÇÃO

É outubro, o fim da estação chuvosa em Fouta, uma região isolada no norte do Senegal. Astel (13) acompanha o pai todos os dias no mato. Juntos, eles cuidam de seu rebanho de vacas. Mas, um dia, no meio do deserto, o encontro entre a jovem e um pastor interrompe o pacífico cotidiano entre Astel e seu pai.

Direção Ramata-Toulaye Sy
Roteiro Ramata-Toulaye Sy
Fotografia Amine Berrada
Elenco Hawa Mamadou Dia, Cherif Amadou Diallo, Alassane Hamet Ly, Khady Diallo, Amadou Diallo

Depois de concluir um Mestrado em Artes Cênicas com especialização em Cinema e um Mestrado em Roteiro, Ramata-Toulaye Sy participou das Oficinas de Igualdade de Oportunidades em La Fémis em 2009-2010. Ela entrou oficialmente na escola em 2011, no departamento de Roteiro, e se formou em 2015. Franco-senegalesa, Ramata-Toulaye atualmente trabalha entre Dakar e Paris. Em 2020, dirigiu seu primeiro curta-metragem, *Astel*, apoiado pelo CNC francês, Canal+ International, France 3 e FOPICA, no Senegal. *Banel & Adama*, seu primeiro longa-metragem, está em pré-produção.



BLAKÉ

Blaké

FRANÇA | 2019 | 23 MIN | FICÇÃO

No estacionamento subterrâneo de um prédio de escritórios, dois vigias noturnos garantem que nada aconteça com os carros de luxo. O estacionamento está vazio e a noite corre o risco de ser longa. Para se fazerem companhia, eles evocam suas filosofias de vida, problemas passados e sonhos. Vincent, o mais novo dos dois, está convencido de que está tendo um grande caso de amor com uma bela jovem que ele acompanha ao carro dela todas as noites. Mas as fantasias podem ter consequências, especialmente em um estacionamento vazio onde sonhos e realidade se chocam.

Pode a classe trabalhadora sonhar? O filme de Vincent Fontano, que conta com a presença do mesmo como ator, nos traz em forma de provocações esse questionamento, utilizando para isso o campo da fabulação como materializador visual.

Direção Vincent Fontano
Roteiro Vincent Fontano
Fotografia Shadi Chaaban
Elenco David Erudel, Vincent Fontano, Lolita Tergemina



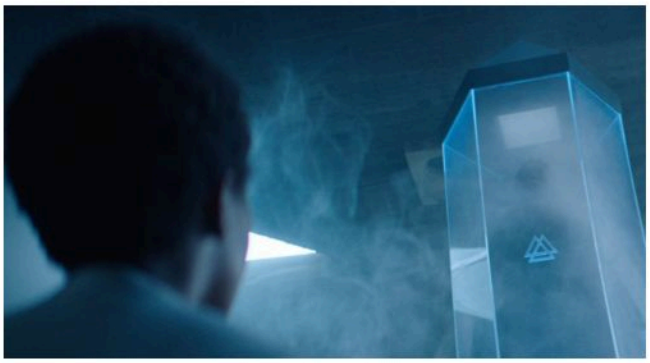




Aluno do conservatório da Ilha da Reunião em 2009, Vincent Fontano leva uma carreira atípica dentro da criação literária reunionesa. Este leitor incondicional de James Baldwin, Dany Laferriere e Tony Morrisson, também autor e diretor da companhia Kèr Béton, convida o público em cada uma de suas peças a compartilhar seus pensamentos sobre a sociedade da Ilha da Reunião e o mundo em geral. Em 2013, mudou de meio e lançou-se no cinema com o projeto de curta-metragem *Blaké*, para o qual escreveu, dirigiu e atuou. O filme foi notado e ganhou o prêmio de televisão da França e o da Sacd. Após esta primeira conquista, ele continua a propor novos projetos.

SESSÃO I

Fragmentos da história: singularidades e conjunções





O FUTURO NÃO É MAIS COMO ANTES

The Future Isn't What It Used To Be

INGLATERRA | 2021 | 22 MIN | FICÇÃO

No ano de 2080, a mudança climática forçou os seres humanos remanescentes a viver uma existência nômade isolada. Na paisagem desolada, Dez busca a sobrevivência até descobrir um pedaço do passado e partir em uma missão inesperada.

Direção Adeyemi Michael
Roteiro Courtia Newland
Fotografia Luciana Riso
Elenco Anna-Maria Nabirye, Donna Banya, Anton Cross

Adeyemi Michael é um cineasta/artista vencedor de vários prêmios. Seu trabalho centra-se principalmente na experiência africana e negra. Seu filme de estreia, *Sodiq,* foi o vencedor dos prêmios Grierson (2013) e Al Jazerra (2014). Seu documentário de fantasia *Entitled* foi exibido no BFI LFF (2018) e LSFF e ganhou Melhor Curta-Metragem no Screen Nation Awards e Melhor Diretor Estreante no Edinburgh TV Fest (2019). Filmes recentes incluem *Dark Matter* (2019) e *Photographer in Focus: Aida Muluneh* (2019). Adeyemi colaborou com a Netflix na curadoria de filmes/séries para uma coleção viva chamada *Black British Stories* (2020). Atualmente está desenvolvendo um longa-metragem sobrenatural *Ibeji*.



AGORA OU NUNCA, VOVÔ

Maintenant ou jamais Papi

BURKINA FASO | 2021 | 13 MIN | FICÇÃO

Vovô, um viúvo de 70 anos em cadeira de rodas, parece esquecido pela sociedade. Sempre ligado ao seu jornal, que é seu único companheiro do dia, ele vê seu desaparecimento ameaçado pelo avanço da tecnologia. Sua neta de 10 anos, Mini, apaixonada por música como o avô, resolveu apresentá-lo ao mundo digital. O mundo tecnológico e o mundo analógico se cruzam neste curta-metragem ficcional de Jérôme Nabonsewend Yameogo, o terceiro filme da carreira do diretor burkinabé. Protagonizado por um avô e uma neta, o filme traça um paralelo entre o antigo e o atual, através desse contraste. Com a ameaça aos jornais em sair de circulação, o vovô precisa aprender com a neta como se comunicar através da tecnologia.

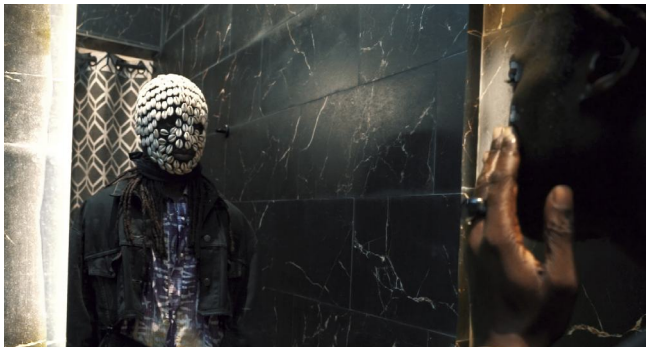
Direção Jérôme Nabonsewend Yameogo
Roteiro Jérôme Nabonsewend Yameogo







Assistente de direção em muitos filmes de grandes cineastas, Jérôme Nabonswend Yameogo dirigiu seu primeiro trabalho, *La rue n'est pas ma mère*, em 2016, que ganhou o prêmio UNICEF e o prêmio Cidade de Ouagadougou no FESPACO 2017 e é vencedor do Melhor curta-metragem para o público jovem no FESTILAG 2017, recebeu menção especial do júri no FESCILOM 2017, e integrou mais de quinze seleções oficiais entre África, Europa e América. Em 2019, produziu o seu segundo trabalho, *Banyalga*, que teve a sua estreia africana no Clap Ivoire 2019, estreia europeia no Un poing c'est court 2020, e esteve na seleção oficial dos Toukouuntchi Film Festival 2020, FESTICAB 2021, ZIFF 2021 , e do 3º Filmes Independentes 2021. Em 2021, dirigiu seu terceiro curta-metragem, *Agora ou Nunca, Vovô*, que teve sua estreia africana na competição de curtas-metragens CLAP IVOIRE 2021.





VIRGO

Virgo - Long Story Short

SENEGAL | 2021 | 13 MIN | FICÇÃO

Virgo é a história de um artista chamado *Nix*, conhecido em seu país por sua música, mas também por seus relacionamentos tumultuados com as mulheres. Ele decide fazer um retiro espiritual em Casamance (sul do Senegal), mas seu último caso amoroso o assombra regularmente durante sua estada. Esta é uma imersão nos pensamentos e memórias de um artista visivelmente dilacerado, que tenta se reconstruir com os pedaços de um rompimento.

Direção Seyni B., Makhfou e Nix
Roteiro Shawny Ocho e Nix
Elenco Nix, Coco Cissoko, Astel Dacosta, Kalamoulife



Seyni pratica artes visuais há quase 10 anos. Tudo começou quando ele estava andando pelas ruas de Montreal, smartphone na mão. Foi aí que ele praticou seu "olhar" pela primeira vez. De volta ao seu país natal, ele caminha desta vez pelas ruas de Dakar em seu tempo livre para capturar tudo o que chama sua atenção. Ele também viaja frequentemente para outras regiões do Senegal, em busca de novas inspirações. Encontramos através de suas lentes momentos repletos de cultura representados através de pessoas, paisagens ou, ainda mais frequentemente, arquitetura. De fato, Seyni, autoproclamado The Art'chitect, também é engenheiro, o que desenvolveu nele uma sensibilidade para as construções de obras.



YAMB

Yamb

FRANÇA | 2020 | 25 MIN | FICÇÃO

Depois de receber uma mensagem de voz em um dialeto africano, Diane, 50, contrata uma jovem prostituta gabonesa para uma grande ocasião.

Direção Winnele Veyret
Roteiro Mélina Macio
Fotografia Bruno Martin
Elenco Manga Ndjomo, Léa Raivo Dadji, Frédéric Guerbert







Depois de um ano na escola preparatória de literatura *hypokhâgne*, onde escolheu o cinema como disciplina no Lycée Saint Sernin em Toulouse, ingressou no Bacharelado em Cinema na Université Bordeaux Montaigne. Três anos depois e após obter a sua licença, iniciou uma licenciatura em Gestora de Projetos Multimídia na Icadémie (Toulon/Paris), curso que realizou à distância. Estes quatro anos letivos são pontuados por vários estágios. Primeiro, na área de casting, depois na distribuição na Bien ou Bien Productions, na qual acaba por ser responsável pela distribuição e comunicação das curtas-metragens da empresa. Ingressou então na Grand Angle Production, onde, após um estágio de 6 meses, obteve um contrato como assistente de produção no departamento corporativo e institucional. Atualmente continua seus estudos na Icadémie e estagiando na Wild Bunch International na distribuição de longas-metragens em festivais.





MEMÓRIA
Memória

GUINÉ-BISSAU/PORTUGAL/BRASIL
2022 | 18 MIN | FICÇÃO

Memória é moldado pelo misticismo guineense, a poética da simultaneidade, e a voz da resistência e da reflexão em Amílcar Cabral. Entre a algazarra de um réveillon passado nas Ilhas Bijagó, e a descoberta de um sentimento que se renova com o reencontro das pessoas e dos lugares, *Memória* adentra as camadas de linguagem e comportamento para celebrar a complexidade histórica e intergeracional que habita a Guiné-Bissau. O olhar como ferramenta de escrita de si. Uma janela para o mundo, uma possibilidade de trânsito. Welket Bungué traz em suas obras discussões potentes sobre corpos que circulam se movimentam, e *Memória* traz essa questão em seu cerne.

Direção Welket Bungué
Roteiro Welket Bungué, baseado em uma história imaginada por Welket Bungué e Duarte Lima
Fotografia Welket Bungué
Elenco Joãozinho da Costa, Aliu Santy, Welket Bungué,
Voz *Over* Suaila Fonseca Cá

Welket Bungué nasceu na Guiné-Bissau e vive atualmente em Berlim. É um artista transdisciplinar em trânsito permanente. Atua como protagonista do filme *Berlin Alexanderplatz* (2020), realizado por Burhan Qurbani. Assinou a curadoria da Mostra de Cinema Afrotela 2019, e em 2020 assumiu a curadoria de filmes de realizadores afrodescendentes para o Young South Film Festival (Portugal), com filmes do Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Sao Tomé e Principe. É cofundador da produtora KUSSA, desenvolve Escrita Dramática, Argumento de Cinema, Performances e Teatro. É licenciado em Teatro no ramo de Atores (ESTC/Lisboa) e pós-graduado em Performance (UniRio/RJ), membro permanente da Academia Portuguesa de Cinema desde 2015, e membro da Deutsche Filmakademie desde 2020. Em 2019, produziu mais de seis curtas-metragens tais como *Intervenção Jah*, *É Bom Te Conhecer* e *Corre Quem Pode, Dança quem Aguenta*. Em 2021, Welket presidiu o aclamado Berlinale Talents, onde apresentou a masterclass "In Contact: The Politics Of Moving Bodies", com a moderação de Natascha Noak, e ainda estreou como realizador participando na 71th Berlinale, com a seleção do filme-dança *Mudança*, na seção Forum Expanded.



O QUE VOCÊ SONHOU?

What Did You Dream?

ÁFRICA DO SUL | 2019
19 MIN | FICÇÃO

São as férias escolares de verão na África do Sul de 1990 e Boipelo, de 11 anos, está de volta à casa de quatro cômodos de sua avó, Koko, em Atteridgeville. É um ponto de incerteza para o país e para Boipelo, que em breve estará frequentando uma escola multirracial. À medida em que as férias chegam ao fim, ela fica consumida pelo fato de que, ao contrário de seus dois primos, ela não consegue mais se lembrar de seus sonhos quando sua avó pede para jogar na loteria chinesa local, chamada Mochaena. Ela tem que elaborar um plano para sonhar novamente, antes que seja tarde demais.

Direção Karabo Lediga
Roteiro Karabo Lediga
Fotografia Rick Joaquim
Elenco Connie Chiume, Lethabo Mpoko, Tshegofatso Phalafala, Lerato Sekele, Karabo Maleka







Karabo Lediga é roteirista, diretora e produtora de televisão e cinema. Tendo recentemente escrito para a primeira série original africana da Netflix, *Queen Sono* (2020) e completado o curta-metragem que escreveu e dirigiu, *What Did You Dream?*, ela está desenvolvendo seu longa-metragem de estreia, *Sabbatical*.





A PEDRA PRECIOSA

La pierre précieuse

FRANÇA/SENEGAL | 2021
21 MIN | FICÇÃO

Encontrando por acaso uma preciosa pedra histórica em um sítio arqueológico, duas crianças decidem entregá-la à autoridade da vila. Eles têm que enfrentar Kalidou, um velho, profundamente endividado, que pretende vender a peça a um antiquário. Uma corrida contra o relógio pela floresta e pelo rio começa entre Kalidou e as duas crianças corajosas.

Direção Babacar Hanne Dia
Roteiro Babacar Hanne Dia
Fotografia Gueye Ousmane
Elenco Ndour Omar, Ndieng Binetou, Diallo Amadou Lamine

Jovem cineasta senegalês, Babacar Hanne Dia participou de vários workshops de roteiro e direção entre 2013 e 2021, enquanto escrevia e coescrevia vários curtas-metragens. Assistente de direção em muitos curtas e coordenador do cineclube Ciné saloum da Alliance française de Kaolack, Babacar Hanne Dia dirigiu seu primeiro filme, *A Pedra Preciosa*, vencedor do prêmio GREC/France TV, em 2020.



CINEMA CONTEMPORÂNEO DE ANGOLA

GERAÇÃO 80 • PROJETO CINE GERAÇÃO

Escolhemos dez curtas, produzidos entre 2020 e 2022, em um momento em que o mundo se fechava e o medo invadia as casas. Os cineastas angolanos, contra a corrente, trilharam o caminho inverso. Independentemente das incertezas, sacudiram o pó das câmaras, arregaçaram as mangas e produziram sem autorização, quase como clamando a vida de volta, afirmando a sua existência. No final, ficamos com um retrato, uma fotografia fidedigna do cinema Angolano contemporâneo: diversificado, arriscado e imperfeito, sem nunca perder a acutilância e a relevância social, política e cultural.

SOBRE O CINE GERAÇÃO

Foi no quintal da produtora Geração 80, em plena pandemia, que nasceu o Cine Geração. Todas as quintas-feiras às 18h30, juntamo-nos, à luz da lua, para ver um filme africano. Com uma curadoria cuidada, somos semanalmente convidados a ver os clássicos, as estreias nacionais e a mergulhar no melhor que a sétima arte produzida no continente tem para nos oferecer.

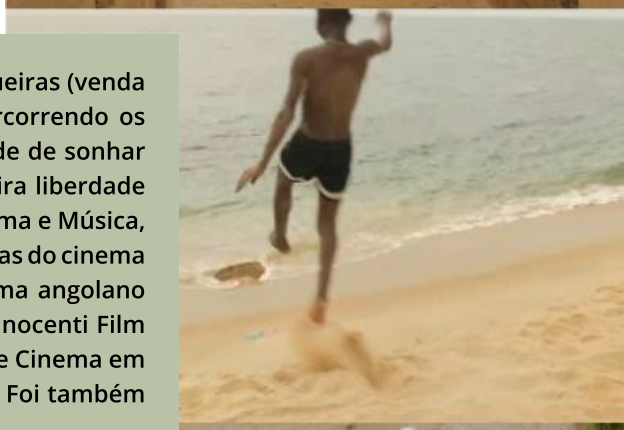
O que deveria ser apanágio de um cineclube nacional, passar um filme Africano em um país Africano, infelizmente é muito raro. O Cine Geração tem ocupado um lugar cimeiro no encontro de cineastas, estudantes e cinéfilos e na promoção de tertúlias à volta do cinema.

Conheça o projeto em https://geracao-80.com

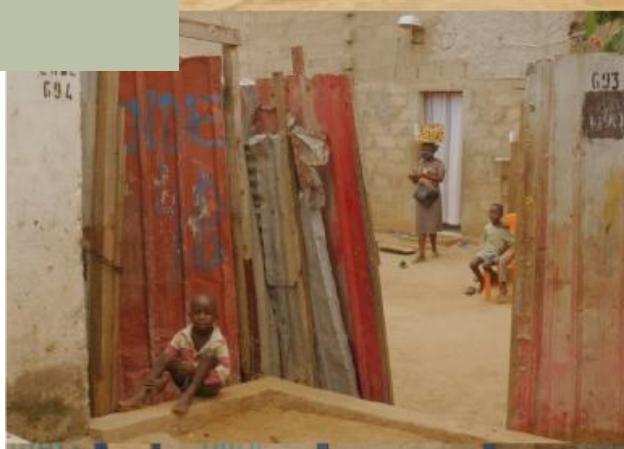
NZILA NGOLA
Nzila Ngola

ANGOLA | 2020 | 24 MIN | DOCUMENTÁRIO





Na cidade de Luanda (Angola), em plena pandemia, as mulheres zungueiras (venda ambulante) e os meninos de rua vivem ainda mais dificuldades, percorrendo os dias com dignidade e uma enorme capacidade de lutar. A possibilidade de sonhar permanece, mas os horizontes estreitam-se, questionando a verdadeira liberdade de cada um. *Nzila Ngola* foi realizado no âmbito de uma oficina de Cinema e Música, que contribuiu para a formação de jovens aspirantes a trabalhar nas áreas do cinema e da música, em Angola. Este curta-metragem já representou o cinema angolano em diversos festivais internacionais, em que se destacam o UNICEF Innocenti Film Festival, o Festival du Film du Fribourg e o FestIn – Festival Itinerante de Cinema em Língua Portuguesa, onde foi premiado como Melhor Curta-metragem. Foi também um dos filmes selecionados na primeira edição do DocLuanda.





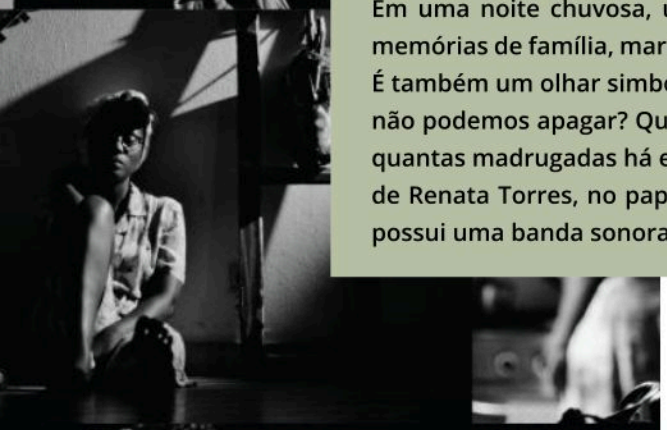
Realização Albino Wacava, André Cupessala, António-Pedro, Beatriz André, Biluka Quimuanga, David Nahenda, Francisco Luvualo, Gelson Joaquim, Hilária Faustino, Marco M.G. António, Mendes Barão Normal, Sandra Zenany, Vanderley Lumbombo, Victorino Nambi e Zacarias Liatunga
Elenco Délcio dos Santos, Henriques António, Isabel António, Maria Pinto, Tereza Manuel



Um grupo de jovens de Luanda e o realizador António-Pedro se juntaram na oficina "Do filme à música", da qual resultou o documentário *Nzila Ngola*. Cada jovem trouxe as suas experiências pessoais, o seu contexto, o bairro em que vive, a luta pela sobrevivência, o seu compromisso com os Direitos Humanos e o desejo de um mundo mais justo. Para muitos desses jovens, *Nzila Ngola* foi o seu primeiro filme.













VOU MUDAR A COZINHA

Vou Mudar a Cozinha

ANGOLA | 2022 | 30 MIN | FICÇÃO

Em uma noite chuvosa, uma mulher reflete sobre seu passado, presente e futuro. Entre memórias de família, marido e guerra, há uma reflexão sobre a condição da mulher africana. É também um olhar simbólico sobre a vida durante e após os dias de guerra. Que memórias não podemos apagar? Que vozes se repetem em torno da culpa, da dor e da inquietação? E quantas madrugadas há em uma noite? O filme, filmado em preto e branco, conta a história de Renata Torres, no papel de uma jovem viúva assombrada pela guerra civil de Angola, e possui uma banda sonora original composta por Filipe Raposo.

Direção Ondjaki
Roteiro Ondjaki
Fotografia Ery Claver
Elenco Renata Torres, Kaila Nahary, Luana Nahary, Njaya de Almeida, Matambe Joaquim



Escritor, nascido em 1977, em Angola, Ondjaki estudou sociologia na Universidade de Lisboa e escreveu a sua tese sobre o escritor angolano Luandino Vieira. Sua estreia literária veio em 2000 com o livro de poesia *Actu Sanguíneu*, seguido pelo livro de memórias de infância *Bom Dia, Camaradas* em 2001. Até a presente data (2022), a sua obra inclui cinco romances, quatro coleções de contos, seis coleções de poesia, uma peça de teatro e oito livros infantis. Ele também fez um documentário, *May Cherries Grow*, sobre sua cidade natal. Seus livros foram traduzidos para francês, espanhol, italiano, alemão, sérvio, inglês, polonês e sueco. *Transparent City* é seu livro mais recente em inglês. Em 2008, recebeu o prêmio Grinzane for Africa na categoria de Melhor Jovem Escritor. Em 2012, foi nomeado pelo The Guardian como um dos "cinco melhores escritores africanos". É um dos 39 escritores com menos de 40 anos da África Subsaariana que em abril de 2014 foram escolhidos como parte do prestigiado projeto Africa39 do Hay Festival. Ganhou o Prêmio Saramago (Portugal, 2012) e o Prix Littérature-Monde (França, 2016).

MICHELLI DIÁLOGOS COM A SOLIDÃO

Michelli - Diálogos com a Solidão

ANGOLA | 2021 | 19 MIN | FICÇÃO









Michelli, uma mulher transexual isolada sozinha em casa, acorda tarde da noite para um encontro virtual. Enquanto se prepara, as suas atitudes em relação à vida, amor e relações são reveladas através de uma série de diálogos que tem com cartazes de ícones da cultura pop. Mas a sua maior revelação é também o desejo mais comum de qualquer ser humano.

Direção Cláudio Chocolate
Roteiro Cláudio Chocolate
Fotografia Imani Silva, Meirinho Mendes



Cláudio Chocolate se graduou em Publicidade e Marketing no Brasil e a sua experiência profissional passa pelos mercados brasileiro, português e angolano. Durante a sua carreira na publicidade arrecadou mais de 140 prêmios nacionais e internacionais. Como diretor criativo, esteve na criação das campanhas mais memoráveis de Angola. Foi também orador no Ted Talks e apresentador na TV Zimbo. Em 2018, fundou a 9FILMS, produtora audiovisual, dedicada à publicidade e ao cinema. Além da publicidade, cinema e fotografia, dedica-se a sensibilizar as pessoas com histórias que podem mudar o nosso mundo. *Michelli* é o seu primeiro projeto para o cinema.











PRECIOSA

Preciosa

ANGOLA | 2021 | 10 MIN | FICÇÃO

O filme conta a história de Preciosa, uma jovem que teve uma infância muito difícil cheia de abusos físicos, sexuais e emocionais. Ela sofreu todos esses anos em silêncio, até que um dia decidiu contar tudo.

Direção Kesongo
Roteiro Ariel Casimiro
Fotografia Elias Vunza Bungo
Elenco Eliane da Silva, Nair Kizzua, Amanda Cunha, Mario Encanto, Dânia da Silva



Kesongo é um realizador Angolano jovem que entrou agora no mundo da ficção. Entrou por curiosidade no mundo cinematográfico. Começou como assistente na Usovoli Cinema e logo começou a se destacar e mostrar dom como realizador. Decidiu se focar em ser realizador de ficção e realizou seus primeiros curtas-metragens no projeto Pelo Amor ao Cinema. Um dos curtas, *Preciosa*, ganhou mais de seis prêmios e foi exibido em festivais internacionais e competiu para vários outros.



UM SOPRO NO QUINTAL

Um sopro no quintal

ANGOLA | 2021 | 26 MIN | DOCUMENTÁRIO

Este pequeno documentário conta três histórias sobre a transformação sutil que acontece na percepção das pessoas quando se tornam conscientes dos seus direitos mais humanos. Cada uma das histórias reflete sobre questões de gênero no contexto angolano e são retratadas pelas próprias pessoas que viveram a experiência.



Direção Gretel Mahin
Roteiro Gretel Mahin
Fotografia Kamy Lara

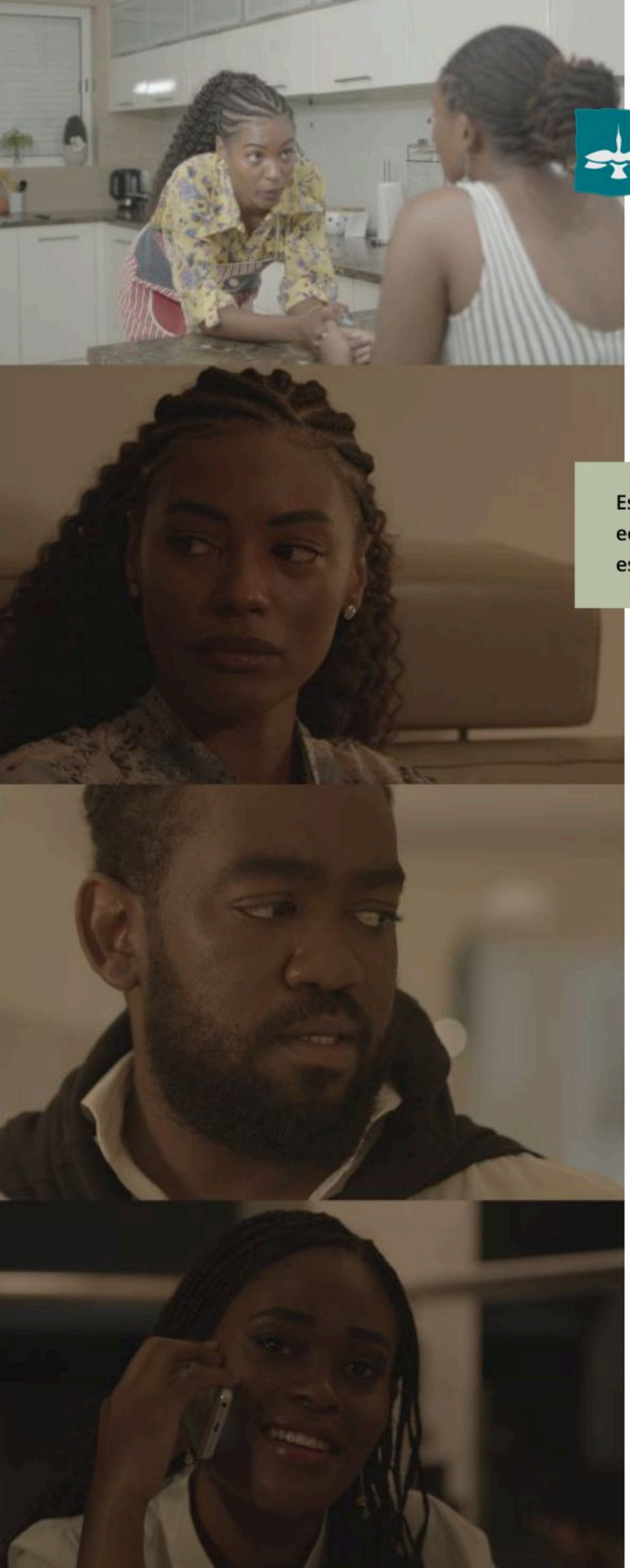






Gretel Marin nasceu em Havana, Cuba, em 1989. Licenciou-se em Realização de cinema, rádio e televisão pela Universidade das Artes de Havana, além de ter concluído um Mestrado em Documentário na França. Em 2014, mudou-se para Angola e integrou a Geração 80 como editora e realizadora. Em 2018, realizou seu primeira longa-metragem documental, *El Último País*, uma coprodução Angola, Cuba e Brasil, que narra a sua história pessoal de identidade e migração como jovem cubana.





ESTER
Ester

ANGOLA | 2021 | 25 MIN | FICÇÃO

Ester e Emanuel são dois jovens recém-casados. Social, econômica e profissionalmente estáveis, o casal vê a sua estabilidade perturbada devido a problemas de infertilidade.

Direção João Miranda
Roteiro Délcio Pipa
Fotografia João Miranda
Elenco Sharam Diniz, Sílvio Nascimento, Isabel Major

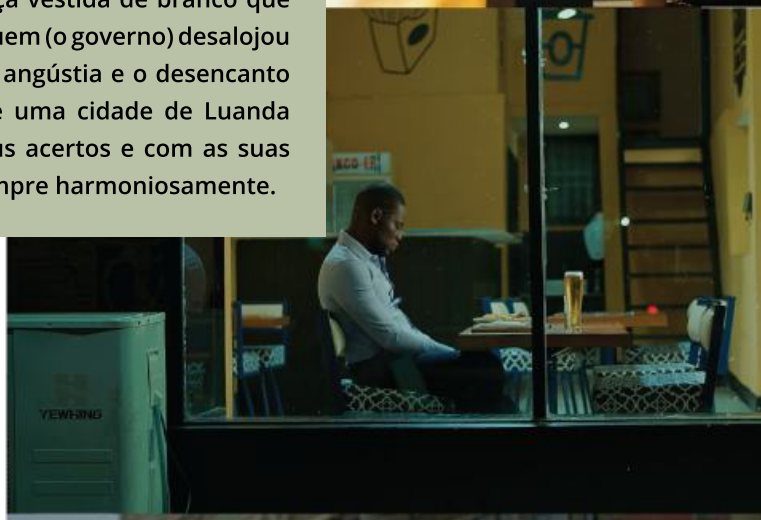


João Ginga Miranda nasceu em 1997, na província da Huíla, Lubango, Angola. Desde muito novo, começou a adquirir curiosidade pela sétima arte, motivo que o levou a ingressar na Universidade de Cinema e Televisão em 2017. Inicialmente, desempenhando as funções de produtor e roteirista em inúmeras produções, foi somente em 2019 que fez a sua estreia como diretor, com o documentário *Reciclagem*, realizado na Universidade. Atualmente com 4 obras no papel de diretor, João Miranda, contribuiu em variadas funções com o seu saber em vídeos institucionais, videoclipes, curtas-metragens, podcasts, e programas televisivos variados.

MOÇA
Moça

ANGOLA | 2021 | 26 MIN | FICÇÃO









Moça retrata a história do espírito justiceiro de uma moça vestida de branco que assombra as noites, na Marginal de Luanda, à procura de quem (o governo) desalojou arbitrariamente a sua família de uns terrenos, causando angústia e o desencanto do seu pai até à morte. *Moça* é também um registo de uma cidade de Luanda em ebulição, que muda com as suas gentes, com os seus acertos e com as suas contradições: nela, presente e passado convivem nem sempre harmoniosamente.

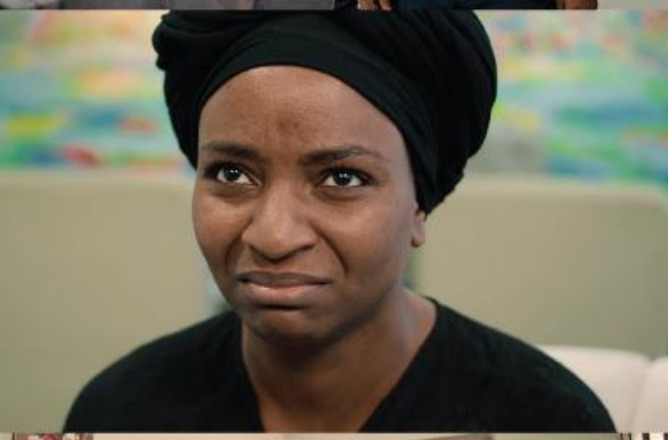
Direção Denis F. Miala
Roteiro Denis F. Miala
Fotografia Edgar Claudio
Elenco José Inácio, Dalila Asfelcia Contreiras, Dange, Gaspar Perreira Wão, Ladilson Manuel



Nascido e criado em Angola, Denis costumava contar histórias aos irmãos mais velhos antes de dormir. Aos 11 anos migrou para a França, onde descobriu a paixão pelo cinema e pela arte de contar histórias. Quando ele descobriu que poderia realmente aprender a fazer um filme, ele mudou seus planos de vida e decidiu se tornar um diretor de cinema. Ele trabalhou na França, dirigindo videoclipes, e em 2010 voltou a Angola e começou a trabalhar em videoclipes para artistas locais. Dirigiu mais de 100 videoclipes. Além de diretor de videoclipes, ele começou outros negócios e quase esqueceu seu sonho de se tornar diretor de cinema, até que a pandemia atingiu e ele decidiu trabalhar para alcançar seu sonho há muito esquecido: tornar-se um diretor de cinema. *Moça* é o seu primeiro trabalho.











ELO

Elo

ANGOLA | 2022 | 25 MIN | FICÇÃO

Maria é uma mulher devota à Deus que cria uma filha adolescente tentando educá-la com princípios cristãos, pois teme que ela cometa seus mesmos erros do passado. Maria guarda um grande segredo que fez de tudo para fechar a sete chaves durante mais de 15 anos.

Direção Edgar Cláudio
Roteiro Edgar Cláudio
Fotografia Timoteo Gaspar
Elenco Carlos Alves, Sharon Primo, Valercya Nsolane, Leticia Almeida, Nelma Valdez



"No ano de 1998, eu gostava muito de fuçar em coisas eletrônicas em casa. Meu pai tinha acabado de chegar de uma viagem a serviço e trouxe uma câmera MINI DV, devia ser Canon, já não me lembro da marca, entretanto, a partir daquele momento passei a gravar as festas importantes da família: casamentos, batizados, pedidos etc. Nessa época, passei a frequentar muito as salas de cinema comunitário (video clubes) rudimentais que tínhamos no interior do bairro da comuna onde vivia; hoje, infelizmente, as salas então extintas. Foi nessas salas onde tive os primeiros batimentos cardíacos que deram vida a essa vontade incessante de contar estórias, e estar inerente a esse universo do áudio visual. Nos anos 2000 passei a fazer videoclipes de maneira doméstica e tímida para os músicos da minha localidade. Então, embarquei nessa odisseia sem passagem de volta, e quando dei por mim estava a fazer videoclipes para muitos artistas relevantes no mercado angolano, e nessa caminhada toda com algum conhecimento, e maturidade que granjeei, fiz a minha transição para a Sétima Arte sem pestanejar, e trago como o cartão de visita o meu primeiro filme de curta-metragem *Elo*."

MENSAGEM NA GARRAFA
Message in a Bottle

ANGOLA | 2021 | 37 MIN | FICÇÃO

João de Makela é um homem sonhador inadaptado numa cidade luandense fria e cinzenta num futuro não muito distante, onde o seu jeito livre de ser não se encaixa. Ele acidentalmente encontra à beira-mar uma garrafa com uma mensagem e a chave para a solução de todos seus problemas... mas nem tudo é o que parece.









Direção Ngouabi Silva
Roteiro Ngouabi Silva
Fotografia Augusto Chipende
Elenco Raúl do Rosário, Pedro Fernandes "Piduka", Hilário Belson, Yuri de Sousa, Meirinho Mendes, Virgílio António, Evanilde Ferreira, Osvaldo Guimarães "Mduva", Sebastião Constantino "Sac", Dionísio Marques



Diretor e roteirista de televisão, cinema e documentário, Ngouabi também atua como editor de vídeo, designer gráfico e animador 3D. Formado em Ciências da Comunicação pela UnIA (Angola), iniciou seu percurso artístico como argumentista da revista *Parada dos Kandengues*. Em 2003, ganhou o prêmio como melhor criativo angolano no Grande Prêmio TVC. Trabalhou como copy e editor de vídeo do programa *Revista África* da TV Globo em Angola. Como cineasta, dirigiu os longas *Calvário de Joceline* (2016) e *Chaduka* (2019), no qual também foi roteirista. Escreveu e dirigiu quatro curtas-metragens: *O Plano do Rei (*2021), *A Testemunha* (2021), *Mensagem na Garrafa* (2022) e *O Barbeiro* (2022).











OS SEGREDOS DA ALDEIA

Os segredos da aldeia

ANGOLA | 2021 | 19 MIN | FICÇÃO

Oliveira quer se vingar da morte do seu pai e usa os amigos para concretizar o seu plano, mas os incidentes começam e tudo sai do seu controle. O filme retrata duas facetas socioculturais da zona da Muxima (Luanda), trazendo, por um lado, o fato de o seu sobado ser governado por uma mulher, e por outro, a história de um grupo de jovens da cidade de Luanda que decide visitar a localidade desrespeitando, os costumes tradicionais da área e, por consequência disto, caem em incontroláveis tragédias.

Direção Paulo Idalécio
Roteiro Paulo Idalécio
Fotografia Teka Sala Bosiodia
Elenco Fernando Mailoge, Lelis Twevekamba, Evanilde, Tia Feia, Delizeu Palma, Iracelma, Meira Massage



Angolano, 29 anos, jornalista e realizador, Paulo iniciou a carreira na Semba Comunicação, fornecendo conteúdos para a Televisão Pública de Angola, onde trabalhou durante 8 anos, passando pelas áreas de Repórter, Produtor de Vídeo e Operador de Câmara. Com formação nas áreas de Cinema e Audiovisual, passou por escolas como: Academia Internacional de Cinema de São Paulo no Brasil (2014), curso de jornalismo pelo Cefojor (Centro de Formação de Jornalistas) em Angola (2017-2018), e formou-se no programa de Cinema e TV pela Multichoice Talent Factory Academy (Zâmbia, 2020-2021). Costuma trabalhar como freelancer, prestando serviços para empresas como Envolve Media, PROCINEIA, Geração 80, DSTV Angola e outras, tendo produzido diversos curtas-metragens, anúncios, videoclipes e documentários.





WARD E A FESTA DA HENNA

Henet Ward

EGITO | 2020 | 23 MIN | FICÇÃO

Halima, uma pintora de henna sudanesa, vai até a casa de Basma, uma jovem noiva egípcia, para prepará-la para seu casamento: sob o olhar de sua filha Ward, o encontro entre as duas mulheres evolui da cumplicidade a tensões surgidas subitamente.

Direção Morad Mostafa
Roteiro Morad Mostafa, Mohamed Ali Mansour
Fotografia Zezo
Elenco Halima, Ward, Amal Salah, Marina Victor, Hagar Mahmoud, Emad Goniem

Morad é um cineasta nascido em 1988 no Cairo, Egito. Estudou direção de cinema em Cinema Palace, em 2008. Começou sua carreira como diretor assistente, tendo trabalhado com muitos diretores; seu último filme como assistente foi Souad (de Ayten Amin), que foi selecionado na seleção oficial no Festival de Cinema de Cannes de 2020. Morad começou sua carreira de diretor em 2019, quando ele escreveu e dirigiu seu primeiro curta-metragem, *Henet Ward*, que teve sua primeira exibição mundial na Competição Internacional do Festival Internacional de Curta-Metragem Clermont-Ferrand na Competição Internacional. E o filme foi selecionado em mais de 100 festivais por todo o mundo, incluindo 20 festivais que qualificam para o Oscar, e ganhou muitos prêmios. Em 2020, também escreveu e dirigiu seu segundo curta-metragem, *What We Don't Know About Marian*, que também teve sua primeira exibição em Clermont-Ferrand.

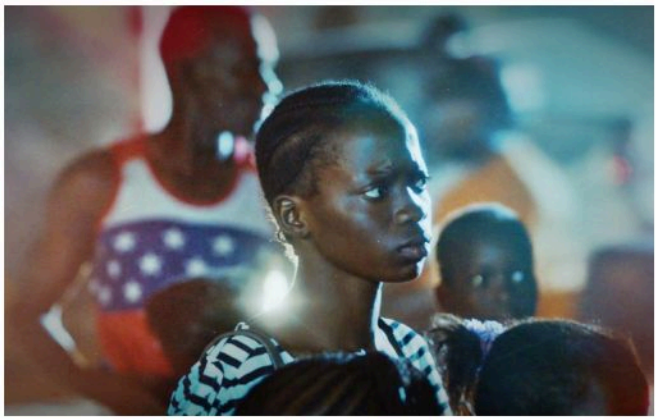


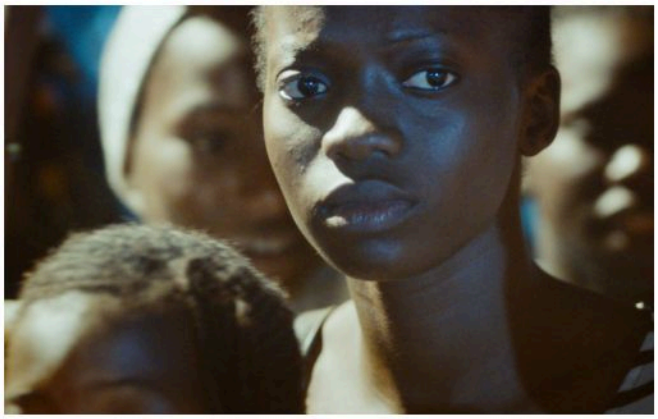
TECIDOS BRANCOS

Les tissus blancs

FRANÇA/SENEGAL | 2020
20 MIN | FICÇÃO

Amanhã, Zuzana vai se casar. Agora, cada minuto conta para apagar seu passado e se tornar a mulher que ela deveria ser.





Direção Moly Kane
Roteiro Moly Kane, Emma Cascales, Romain Le Bonniec
Fotografia Romain Le Bonniec
Elenco Madjiguene Seck, Khadim Sène



Moly Kane nasceu em 1986 em Pikine, Senegal. Estudou escrita cinematográfica no Senegal (2008) e participou de um programa de curta duração no Fémis. Fundou o Festival Ciné Banlieue e a produtora Babubu Films. Também recebeu o título de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito do Senegal. Em 2016, ele se formou em um DAEU (Diploma de Acesso a Estudos Universitários) na Universidade das Índias Ocidentais Francesas e Guiana da Martinica, com especialização em Arte e Cultura. Em 2011, dirigiu seu primeiro curta-metragem, *Moly* (2011), produzido pela cineasta Euzhan Palcy (diretora, entre outros, de *Sugar Cane Alley*), e selecionado no Cannes Classics 2011. Em 2013, recebeu o prêmio de Melhor Prémio de Curta-Metragem de Ficção da União Econômica e Monetária da África Ocidental no Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (Burkina Faso), dois prêmios na França (o Prêmio do Público e o Prêmio Detentos da Prisão de Detenção de Angers) no Angers' African Cinemas Festival, bem como o Prêmio de Melhor Curta-Metragem de Ficção no Festival Imagem e Vida de Dakar (Senegal). Seu segundo curta, *Muruna* (2015), foi produzido pela Babubu Films em 2015. Foi selecionado pela FESPACO em 2015 e ganhou o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cinema de Direitos Humanos da Anistia Internacional de Paris. Durante estes vários anos de experiência, dirigiu dois documentários: um em Paris, *Vivons ensemble*, e outro em Dakar, *Guinaw Rails au bout*. Kane participou de vários projetos cinematográficos como assistente de direção e gerente de projetos na França, Alemanha, Romênia e Senegal.

ENCRENQUEIRO
Troublemaker

NIGÉRIA | 2019 | 11 MIN | FICÇÃO

Obi está com calor, entediado e desesperado por algo para fazer. Quando seu melhor amigo, Emeka, lhe dá um pacote de bombinhas, os meninos decidem se divertir. Mas as coisas saem do controle de forma inesperada, quando Obi aprende pela primeira vez que as ações têm consequências, e ainda há coisas que ele não consegue entender. Situado no leste da Nigéria, *Encrenqueiro* é uma história de amadurecimento sobre masculinidade, violência e os efeitos da guerra na comunidade e entre gerações.







Direção Olive Nwosu
Roteiro Olive Nwosu
Fotografia Tom L. Weir
Elenco Edubi Ndubisi, Chidera Chidiume, Innocent Nwueke



Embora Olive Nwosu ainda seja uma estudante no Columbia University, no estado de Nova York, ela já é uma jovem diretora promissora. *Encrenqueiro* é seu quarto curta-metragem depois de *Ivan and Maria* e *(The Science of) Happiness* em 2012 e *Bunny* em 2013, do qual também foi roteirista. Nascida na Nigéria, a jovem enfrenta com tato – em pouco menos de 11 minutos e com um orçamento apertado de 3.000 dólares – um trauma profundo em seu país: a guerra de Biafra. A história que um velho mudo e seu neto encrenqueiro contaram depois de 50 anos de silêncio e tristeza.





BOA NOITE
Da Yie

GANA/BÉLGICA | 2019 | 21 MIN | FICÇÃO

Em um dia ensolarado em Gana, um estrangeiro se aproxima de duas crianças e as leva em uma viagem inesperada. Os três se dão tão bem que "Bogah", o estrangeiro, começa a questionar suas intenções iniciais...

Direção Anthony Nti
Roteiro Anthony Nti e Chingiz Karibekov
Fotografia PJ Claessens
Elenco Goua Grovogui, Prince Agortey, Matilda Enchil, Ma Abena, Zadi Wonder, Malcolm Bader, Kodjo Boateng, Anthony Nti

Anthony (1992) nasceu em Gana e mudou-se para a Bélgica quando tinha cerca de dez anos. Ele estudou cinema no RITCS em Bruxelas e se tornou parte de uma cena artística efervescente, fazendo comerciais e videoclipes com uma infinidade de jovens artistas talentosos. Seu trabalho tem algo especial que permite que ele se torne viral – seu vídeo *Black Magic* (*Yung Mavu*) teve mais de 20 milhões de visualizações. Seus curtas-metragens *Kwaku, Only Us* e *BOI* foram os favoritos de festivais. Anthony desenvolveu um estilo jovem e fresco com um sabor exótico – uma mistura de sol e frescor...



ATIVIDADES PARALELAS

Masterclass com Ema Edosio (Nigéria)

Produção independente no novo cinema nigeriano

Com o apoio do Goethe-Institut São Paulo, Ema Edosio vem ao Brasil para apresentar seu novo filme e oferecer a *masterclass* "Produção independente no novo cinema nigeriano" como oportunidade de trocar experiências com jovens realizadores do audiovisual independente brasileiro. Com sua grande experiência no "faça você mesmo" e nos meandros da difusão de filmes em festivais e outros veículos de distribuição, Ema oferece neste encontro um diálogo aberto para futuros projetos e colaborações com o Brasil.

Painel "Vozes Femininas nos Cinemas Africanos"

Ema Edosio (Nigéria), Aïssa Maïga (França/Senegal),
Jenna Bass + Babalwa Baartman (África do Sul)

O painel que reúne quatro profissionais de referência no mundo do audiovisual africano: Aïssa Maïga (França/Senegal), Ema Edosio (Nigéria), Babalwa Baartman e Jenna Bass (ambas da África do Sul). O encontro promove um espaço para reflexão sobre a atuação das mulheres nos cinemas africanos a partir da experiência particular de cada uma em seus contextos. As jovens cineastas Ema Edosio e Jenna Bass, a produtora e roteirista Babalwa Baartman e a atriz, diretora e ativista franco-senegalesa Aïssa Maïga refletirão igualmente sobre os desafios que enfrentam ao fazer filmes na África. De países, indústrias e experiências pessoais únicas, elas falarão sobre o cinema como linguagem privilegiada na representação das realidades femininas, o papel a ser desempenhado pelas novas gerações e suas estratégias para atingir o público nacional e internacional.

Debate "O lugar das mulheres negras no cinema: perspectivas e colaborações"

Aïssa Maïga (França/Senegal), Ceci Alves + Viviane Ferreira (Brasil)

Aïssa Maïga é uma figura de destaque na França na luta para alcançar visibilidade e equidade para as pessoas pretas, e denunciar a discriminação racial e a falta de diversidade no cinema. Como atriz, diretora e ativista, ela se junta a um crescente movimento de luta da África e da diáspora de mulheres negras pela ocupação de mais espaço na indústria audiovisual. Esta conversa com as cineastas brasileiras Ceci Alves e Viviane Ferreira vai partir da extensa carreira de Aïssa Maïga para discutir elementos e estratégias comuns com o Brasil e imaginar colaborações futuras.

Conferência
"A trajetória do documentário nos cinemas africanos"

Jean-Marie Teno, Alexie Tcheuyap e Sada Niang

Dois pesquisadores de referência internacional em cinemas africanos - os professores Sada Niang (University of Victoria, Canadá) e Alexie Tcheuyap (University of Toronto, Canadá) - refletirão, junto com o diretor camaronês Jean-Marie Teno, nome essencial do documentário na África, sobre referentes, peculiaridades e evolução do gênero oferecendo um marco histórico para contextualizar as produções contemporâneas africanas e diaspóricas. Em um momento contemporâneo de força do documentário filmado em digital, com filmes de países, temáticas e propostas estéticas díspares, torna-se urgente debater sobre possibilidades futuras, elementos de continuidade e ruptura do gênero, bem como desafios e alianças para novas gerações de profissionais do documentário. Em um mundo povoado de imagens e telas, olhar para a indústria cinematográfica a partir do documentário representa uma tomada de posição, conectando essas mulheres e homens com autores pioneiros e obras clássicas do gênero, ousadas e vanguardistas em seu conteúdo, mensagem e forma.

Minicurso "Olhares femininos nos cinemas africanos"

Jusciele Oliveira e Morgana Gama (Brasil)

Mais do que serem vistas ou ouvidas, as mulheres africanas também têm muito a mostrar através de seus olhares. Se a presença feminina é um desafio para os estudos teóricos de cinema, de um modo geral, no contexto dos cinemas africanos não é diferente. Apesar da existência de realizadoras nos mais diferentes períodos da História, as suas produções nem sempre tiveram o devido reconhecimento à época em que foram realizadas, ocasionando uma grande lacuna na historiografia desses cinemas.

Diante desse cenário, este minicurso tem a proposta de apresentar os filmes feitos por essas mulheres, em um processo de retomada da relevância de suas obras no contexto de produção, com a finalidade de ampliar o panorama de estudos em cinemas africanos. Um panorama que permite avaliar como os filmes dessas realizadoras contribuem para a desconstrução de estereótipos sobre a presença da mulher no continente africano ao tempo em que oferecem novos agenciamentos acerca da própria história do continente uma vez que os acontecimentos são mostrados sob olhares femininos.

Começando com a abordagem de cineastas pioneiras, atuantes desde os anos 1970, o minicurso pretende abordar a filmografia, de cineastas atuantes tanto no contexto de países da África Subsaariana, como Safi Faye (Senegal) e Sarah Maldoror (Angola), quanto de países da África do Norte, como Assia Djebar (Argélia), Selma Baccar (Tunísia) e Atteyat Al-Abnoudy (Egito). A partir dessas pioneiras, a proposta é oferecer uma abordagem ampla e multifacetada dos cinemas africanos produzidos por mulheres e, com base nessa retrospectiva, observar como esses olhares femininos se configuram nas novas gerações de cineastas.

SOBRE OS CONVIDADOS



ALEXIE TCHEUYAP • *Camarões/Canadá*

Alexie Tcheuyap é professor de francês, cuja experiência se concentra na literatura africana, no cinema e nos estudos de mídia. Obteve um doutorado em literatura francesa pela Queen's, somando-se a um doutorado e mestrado no mesmo campo da Université de Yaoundé, em Camarões. Lecionou na University of Calgary antes de ingressar no departamento francês da University of Toronto em 2006 e é membro sênior dos Institutos Europeus de Estudos Avançados. Especialista em literatura africana, cinema e estudos de mídia, Tcheuyap conta com Ariane Astrid Atodji, Florence Ayisi, Jean-Pierre Bekolo, Assia Djebar, Amina Abdoulaye Mamani, Jean-Marie Teno e Mansour Sora Wade entre seus cineastas africanos favoritos. Ele escreveu vários livros, incluindo *De l'écrit à l'écran, Postnationalist African Cinemas, Autoritarisme, presse et violence au Cameroun e Avoir peur: Insecurité et roman en Afrique francophone.*

SADA NIANG • *Senegal/Canadá*

Sada Niang é professor de estudos franceses e francófonos na University of Victoria, Canadá, e possui um Ph.D da York University (Downsview, Ontário). O seu trabalho recente centra-se no cinema pós-colonial, no cinema francófono da África Subsariana, no Magrebe (Marrocos, Argélia e Tunísia) e nos filmes femininos francófonos. Originalmente um estudioso da literatura africana, Niang voltou sua atenção nos últimos quinze anos para o cinema africano. O trabalho recente de Niang concentrou-se especificamente no cinema documental africano, e atualmente ele está coeditando o que será o primeiro volume acadêmico sobre o assunto. Niang cita Osvalde Lewat, Sokhna Amar e Jean-Marie Teno como alguns dos muitos documentaristas africanos notáveis que ele estuda.



BEN AKOH • *Canadá*



Dr. Ben Akoh é o fundador e presidente do African Movie Festival em Manitoba (AM-FM), um festival dedicado ao cinema africano e à coabitação intercultural no Canadá. O festival exibe filmes de toda a África e de diretores africanos na diáspora. O Dr. Akoh recebeu um doutorado interdisciplinar na interseção de cultura, tecnologia e educação da University of Manitoba. Seu trabalho de pesquisa na identificação dos determinantes da aprendizagem com tecnologia em um contexto indígena no norte de Manitoba levou a vários artigos publicados e apresentações em conferências internacionais e no Canadá. Akoh desenvolveu e implementou muitos programas com as Nações Unidas e o Banco Mundial em cultura, telecomunicações, tecnologias de internet e educação para capacitar os marginalizados, especialmente mulheres e crianças na África e em comunidades indígenas canadenses remotas.

CECI ALVES • *Brasil*



Ceci Alves é uma cineasta negra, que imprime em seu trabalho uma narratividade musical, lidando com questões de militância e protagonismo dos excluídos de uma forma afetiva e política. Tem larga experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Cinema, e é reconhecida documentarista e curta-metragista, com premiações no Brasil e exterior. Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, é roteirista e montadora formada pela Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños, La Habana, Cuba. Ceci também tem Master 2 em Direção pela École Supérieure d'Audio-Visuel, unidade da Université de Toulouse, Le Mirail, França. É professora de Jornalismo, Cinema e Política Cultural, além de ser curadora e júri de diversos festivais e mostras nacionais e internacionais. Já teve projetos chancelados pela Chamada Pública PRODAV 04/2014, da Ancine; além de ter desenvolvido as séries dentro do Núcleo de Criação Usina do Drama, atividade de extensão da Universidade Federal da Bahia; para o Laboratório de Narrativas Negras e Indígenas para Audiovisual 2020, organizado pela Flup – Festa Literária das Periferias, em parceria com a Rede Globo. Foi fundadora do Núcleo de Audiovisual do Jornal Correio/site Correio24Horas, em Salvador/BA - no qual ganhou o prêmio Tim Lopes em 2015, pela série de reportagens intitulada Tempo Perdido. Foi ainda Coordenadora da Central de Jornalismo do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia - IRDEB.

JULIANA COSTA • *Brasil*



Crítica de cinema e educadora. Realiza pesquisa em cinema e educação e é fundadora do Cineclube Academia das Musas, dedicado a pesquisar e difundir a cinematografia de diretoras mulheres. É editora do Zinematógrafo, fanzine impresso de crítica de cinema, e colaboradora do site Cine Festivais. Já publicou em revistas nacionais como Filme e Cultura, Teorema e Revista Cinética, e internacionais, como Cámbrica, do Equador, e Filmmagie e Fantômas, ambas da Bélgica. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Cinema/ABRACCINE.

VIVIANE FERREIRA • *Brasil*



Diretora-presidente da Spcine - empresa de cinema e audiovisual da prefeitura de São Paulo -, ela também é advogada, ativista do movimento negro, presidenta e uma das fundadoras da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro. Além de roteirista, é diretora, produtora e fundadora da Odun Filmes. Sua obra *O Dia de Jerusa* (2014) foi exibido no Short Film Corner do Festival de Cannes. O curta foi transformado no longa *Um Dia com Jerusa* e com ele Viviane se tornou a segunda mulher negra a dirigir um longa de ficção no Brasil - a primeira foi Adélia Sampaio. É formada em Cinema pela Escola de Cinema e Instituto Stanislavisky e em Direito pela Universidade Paulista, onde se especializou em Direito Público, com foco em Direito Autoral e Cultural. Também é mestre em Políticas de Comunicação e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB).

JUSCIELE OLIVEIRA • *Brasil*

Jusciele Oliveira é bacharel em Letras Vernáculas, com especialização em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Docência do Ensino Superior (2010). Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2013) e doutora em Comunicação, Cultura e Artes pelo Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (UAlg), em Portugal (2018). Coeditou o e-book *Cinemas africanos contemporâneos: abordagens críticas* (Sesc, 2020) com Ana Camila Esteves. Atualmente, é investigadora colaboradora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC/UAlg) e pesquisadora do Laboratório de Análise Fílmica da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA.



MORGANA GAMA • *Brasil*

Morgana Gama é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom/UFBA) com estágio doutoral na Universidade da Beira Interior/Portugal. Realizou mestrado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (IHAC/UFBA, 2014) e graduação nos cursos de Comunicação Social/Relações Públicas (Universidade do Estado da Bahia, 2008) e Produção Cultural (Facom/UFBA, 2009). É membro do grupo de pesquisa Laboratório de Análise Fílmica (LAF/UFBA), atuando como colaboradora do projeto de extensão com foco em documentário, Cineclube Nanook, e pesquisadora da relação entre narrativas cinematográficas e cultura oral em cinemas de África e suas diásporas.



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
Técnico-Social Joel Naimayer Padula **Comunicação Social** Ivan Giannini **Administração** Luiz Deoclécio Massaro Galina **Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio José Battistelli

GERENTES
Ação Cultural Rosana Paulo da Cunha **Estudos e Desenvolvimento** Marta Raquel Colabone **Estudos e Programas Sociais** Cristina Riscalla Madi **Artes Gráficas** Rogério Ianelli **Difusão e Promoção** Marcos Ribeiro Carvalho **Assessoria de Relações Internacionais** Aurea Leszczynski Vieira Goncalves **CineSesc** Gilson Packer **Sesc Digital** Fernando Amodeo Tuacek **Sesc Avenida Paulista** Daniel Eiji Hanai

EQUIPE SESC
Angélica Cristine de Paula, Bruno Corrente, Cecília de Nichile, Cesar Albornoz, Cristiane Ferrari, Fabiano Maranhão, Felipe Diniz, Fernando Hugo Fialho, Gabriella Rocha, Graziela Marcheti, Graziela Nunes, Heloisa Pisani, Humberto Mota, João Cotrim, João Evandro Biazotto, João Paulo Leite Guadanucci, José Gonçalves Junior, Karina Camargo Leal Musumeci, Kelly Adriano de Oliveira, Mariana da Rosa Silva, Ricardo Tacioli, Roberta Della Noce, Rodrigo Gerace, Simone Yunes, Tiago Marchesano, Tina Carvalho Da Silva

EQUIPE MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS

Direção e Coordenação Geral Ana Camila Esteves
Curadoria Longas Ana Camila Esteves e Beatriz Leal Riesco
Curadoria Curtas
Sessão "Fragmentos da história: singularidades e conjunções" Kariny Martins e Bea Gerolin
Sessão "Fragmentos do porvir: aqui nos encontramos" Kariny Martins e Bea Gerolin
Sessão "Cinema contemporâneo de Angola" Geração 80
Coordenação de Produção Ricelli Piva
Coordenação de Comunicação Gisele Santana
Assessoria de Imprensa Isidoro Guggiana
Identidade Visual e Diagramação Jéssica Soares
VT Daniele Oliveira
Redes Sociais Adrielly Novaes
Produção Editorial Ana Camila Esteves
Produção de Cópias Daniel Petry
Tradução de Legendas e Legendagem Eletrônica Casarini Produções
Revisão Catálogo Maíra Bianchini
Traduções Catálogo e Site Rodrigo Lessa
Curso "Olhares femininos nos cinemas africanos" Jusciele Oliveira e Morgana Gama
Laboratório Crítico Juliana Costa
Apoio Cultural Cinemateca da Embaixada da França no Brasil e Institut Français; Goethe-Institut; Cartografia Filmes